

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE MUSEOLOGIA - BACHARELADO

Coleção Lagoa Mirarré: a busca pela reversibilidade do colonialismo e do abandono a partir  
do processo de Musealização da Arqueologia

Karolyn Soledad Saavedra Correia

Goiânia

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE MUSEOLOGIA - BACHARELADO

**Coleção Lagoa Mirarré: a busca pela reversibilidade do colonialismo e do abandono a partir do processo de Musealização da Arqueologia**

Karolyn Soledad Saavedra Correia

Monografia apresentada como pré-requisito para a aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Museologia - Bacharelado, da Faculdade de Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Azevedo de  
Moraes Wichers

Goiânia

2017

**Karolyn Soledad Saavedra Correia**

**COLEÇÃO LAGOA MIARARRÉ: A BUSCA PELA REVERSIBILIDADE DO  
COLONIALISMO E DO ABANDONO A PARTIR DO PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO  
DA ARQUEOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás como requerimento parcial ao título de Bacharel em Museologia.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Banca Examinadora constituída por:

---

Profa. Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers  
(Bacharelado em Museologia/FCS – Orientadora)

---

Profa. Dra. Manuelina Maria Duarte Cândido  
(Bacharelado em Museologia/FCS)

---

Profa. Dra Dilamar Cândida Martins  
(Museu Antropológico/UFG)

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço antes de tudo a Deus, por dirigir a minha vida, por conduzir os meus passos, por estar ao meu lado a cada momento dessa jornada, e por tornar este sonho, de me formar, uma realidade.*

*Agradeço também a todos os professores do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás, por me instruírem a cada aula e auxiliarem na minha formação. Em especial, a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Camila, por todo carinho, paciência, dedicação e por sempre me incentivar a seguir as áreas em que tenho maior apreço.*

*Quero deixar também meu agradecimento ao Museu Antropológico, e toda sua equipe, por abrirem as portas para mim e por compartilharem tantos conhecimentos valiosos que levarei para vida.*

*À professora Dilamar Cândida por não medir esforços em me auxiliar e por ser esse grande exemplo de profissional competente, amiga, e sempre estar cheia de conselhos a compartilhar.*

*À Ana Cristina Santoro, muito mais que supervisora, uma amiga, conselheira e incentivadora constante, que contribui tanto para minha formação como profissional como para a execução deste trabalho.*

*À minha família, por me apoiarem em todas as minhas escolhas. Minha gratidão em especial ao meu pai, Marcio por ser um exemplo constante de esforço e persistência mesmo diante das adversidades, e a minha mãe, Marlys, por me motivar diariamente, me apoiar e me alegrar com seu sorriso e ao meu irmão Marcelo. Não poderia deixar de agradecer a minha tia Jacqueline, que mesmo longe, se fez tão presente a cada momento.*

*Agradeço ao Raphael, que esteve todos os momentos ao meu lado, e me incentivou a não desistir e sempre sonhar.*

*E finalmente, agradeço também a todas as minhas amigas e amigos, que em momentos de alegria, tristeza e desespero, ao longo desta jornada, se fizeram presente com uma palavra amiga, um abraço apertado, um sorriso e uma boa conversa. Em especial a Aline, Lucas, Lídia e Vanessa. Muito obrigada, sem a ajuda de vocês, meus dias não seriam tão felizes e cheios de cor.*

## **RESUMO**

A Coleção Lagoa Miarré foi formada ao longo dos anos de 1970 e 1976, a partir da relação estabelecida entre Acary de Passos Oliveira, então diretor do Museu Antropológico da UFG, e indígenas do povo Kamaiurá, na área cultural do Alto Xingu. Essas relações foram marcadas pelo caráter colonialista, então vigente nas práticas arqueológicas e museológicas. O presente trabalho apresenta a busca da reversibilidade deste processo, marcado pelo silenciamento e ausência de informações, por meio de processos da Musealização da Arqueologia. Para isso, se fez necessária à análise bibliográfica e documental referente à coleção, além da aplicação de uma cadeia operatória museológica, mediante ações de salvaguarda e comunicação. Estes procedimentos são pautados no caráter interdisciplinar da Coleção, contando com técnicas relacionadas à pesquisa básica e aplicada, desempenhadas por profissionais da Museologia e Arqueologia.

**Palavras – chave:** Museologia; Arqueologia; Musealização da Arqueologia; Coleção Lagoa Miarré;

## **ABSTRACT**

The Lagoa Miarré Collection was formed during the years 1970 and 1976, based on the relationship established between Acary de Passos Oliveira, then director of the Museu Antropológico of the UFG, and indigenous people Kamaiurá, in the cultural area of the Upper Xingu. These relations were marked by the colonialist character, then valid in archaeological and museological practices. This research presents the search for the reversibility of this process, marked by the silencing and lack of information, through processes of the Musealization of Archeology. For this, it was necessary to the bibliographical and documentary analysis regarding the collection, besides the application of a museum operating chain, through actions of safeguard and communication. These procedures are based on the interdisciplinary character of the Collection, relying on techniques related to basic and applied research, performed by professionals in Museology and Archeology.

**Keywords:** Museology; Archeology; Musealization of Archeology; Lagoa Miarré Collection;

## **Lista de Abreviaturas**

UFG = Universidade Federal de Goiás

MA = Museu Antropológico

RTE = Reserva Técnica Etnográfica

CLM = Coleção Lagoa Mirarré

FDA = Ficha de Dados Arqueológicos

## Lista de Imagens

Figura 1: Localização da Lagoa Miararré em relação a Aldeia Kamaiurá - Retirada do Acervo Documental do MA – Autoria/Desenho: Jamaki .....	27
Figura 2: Coleta dos Objetos na Lagoa Miararré - Foto retirada do Acervo Documental do MA.....	31
Figura 3: Coleta dos Objetos na Lagoa Miararré - Foto retirada do Acervo Documental do MA.....	31
Figura 4: Revista Manchete, p. 29, s/d. Fonte: Projeto de Pesquisa MA“Imagens e Relatos de um Sertão Desconhecido: Tratamento Técnico do Acervo Acary de Passos Oliveira” .....	34
Figura 5: Contexto dos Objetos (FERREZ, 1994, p. 2) .....	37
Figura 6: Processo de Musealização da Arqueologia - Criado pela Autora com base em Cândido, 2014, p. 35.....	38
Figura 7: Livro de Inventário MA - Coleção 83.14.....	41
Figura 8: Ficha de Localização MA - Objeto 83.14.16. ....	41
Figura 9: Distribuição Percentual dos Tipos (SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980, p. 35) .....	42
Figura 10: Resultado da Análise das Publicações (SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 e SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980) .....	43
Figura 11: Pesquisa no Fundo Documental da Coordenação de Museologia - MA. Foto: Vanessa Resende .....	44
Figura 12: Análise e verificação dos objetos. Foto: Karolyn Soledad .....	45
Figura 13: 1º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Informações Gerais (Campo já existente na Ficha de Identificação) .....	46
Figura 14: 2º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos - Informações Anteriores (Novo campo incluído na ficha).....	47
Figura 15: 3º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos - Informações de Aquisição (Campo já existente na Ficha de Identificação) .....	47
Figura 16: 4º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos - Informações de Origem Geográfica e Arqueológica (Campo já existente na Ficha de Identificação).....	47
Figura 17: 5º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Referência a Documentação Comprobatória da Coleção (Campo já existente na Ficha de Identificação) .....	48

Figura 18: 6º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Informações sobre a Origem Étnica (Campo já existente na Ficha de Identificação).....	48
Figura 19: 7º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Informações Técnicas Arqueológicas (Novo campo incluído na ficha) .....	49
Figura 20: 8º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Documentação Fotográfica (Campo já existente na Ficha de Identificação) .....	50
Figura 21: 9º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Desenhos (Campo já existente na Ficha de Identificação) .....	50
Figura 22: 10º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Observações (Campo já existente na Ficha de Identificação) .....	51
Figura 23: 11º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Informações do Preenchimento da Ficha (Campo já existente na Ficha de Identificação).....	51
Figura 24: Objetos da Coleção Miararré por Categoria. ....	52
Figura 25: Caixas encontradas na Reserva Técnica Arqueológica 2 - Sala Margarida Davina Andreatta. Foto: Karolyn Soledad .....	54
Figura 26: Objetos referentes ao Sítio 04. Foto: Karolyn Soledad.....	55
Figura 27: Oficina sobre a Coleção da Lagoa Miararré. Foto: Nei Clara de Lima .....	59
Figura 28: Oficina sobre a Coleção da Lagoa Miararré. Foto: Nei Clara de Lima .....	60



## **Lista de Tabelas**

Tabela 1: Detalhamento dos objetos encontrados .....	55
--	----

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – A MUSEOLOGIA E O OLHAR ESPECÍFICO DA MUSEALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA.....	16
1.1 Museologia e Conceitos Chave.....	16
1.2 A Musealização da Arqueologia.....	20
CAPÍTULO 2 – COLEÇÃO LAGOA MIARRARRÉ: DA COLETA AO MUSEU.....	25
2.1 O Museu Antropológico e a influência de Acary de Passos Oliveira.....	25
2.2 A formação da Coleção Lagoa Miararré.....	26
CAPÍTULO 3 – DA TEORIA À PRÁTICA: A MUSEALIZAÇÃO DA COLEÇÃO LAGOA MIARRARRÉ.....	37
3.1 Compreendendo o processo: A Coleção e seu processo de musealização.....	37
3.2 Examinando a documentação museológica.....	40
3.3 Examinando a bibliografia concernente.....	41
3.4 Examinando o fundo documental.....	43
3.5 Novos olhares sobre a Coleção: proposta de salvaguarda.....	45
3.6 Socializando os objetos: proposta/ ação de comunicação.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	65
FONTES PRIMÁRIAS.....	68
ANEXOS.....	70
Anexo 01 – Relatório de Viagem Pesquisa Arqueológica na Lagoa Miararré Parque Nacional do Xingu Posto Indígena Leonardo Villas Boas – Julho e Setembro de 1976.....	70
Anexo 02 – Recortes de Jornais e Revistas sobre a Lagoa Miararré.....	78
Anexo 03 – Livro de Inventário do Museu Antropológico: Coleção da Lagoa Miararré (83.14).....	86
Anexo 04 – Análise das Imagens e Fotografias das publicações da Lagoa Miararré (OLIVEIRA & SIMONSEN, 1976; e OLIVEIRA & SIMONSEN, 1980)..	88
Anexo 05 – Fichas de Dados Arqueológicos.....	119

## INTRODUÇÃO

*“O museu pode ser tanta coisa... mas, entre as tantas coisas que ele pode ser interessa pensá-lo como espaço de encontro, de convivência, de cantoria, de cidadania, de resistência, de lazer e de luta, tendo como pano de fundo a memória e o esquecimento, a preservação e a destruição. Interessa compreender, de mãos dadas com os poetas, que o problema dos museus não está nas coisas e sim naquilo que lhes confere sentido, que o não-tangível é capaz de alimentar o tangível com vida e movimento e que a experiência poética no ‘canto’ museu pode subverter a ordem museológica estabelecida, criar novas possibilidades de leitura e gerar admiração, estupefação e assombro e com isso produzir conhecimento ali mesmo, no coração do inesperado”*

(CHAGAS, 2009, p. 26,27)

O Museu é um espaço de memórias, histórias, ausências e silenciamentos. Como afirma Chagas, apesar de paradoxal, a instituição museu é capaz de carregar diversos sentidos, diferentes aspectos, muitas vezes complementares ou contraditórios, questões que o tornam tão complexo. Seus inúmeros procedimentos geram conhecimento, (re)conhecimento e (des)conhecimento. Esta instituição, tão plural e tão diversa de sentidos e possibilidades me permitiu conhecer muito além do que esperava, e gerou em mim valorização, senso crítico e muitos questionamentos.

Este estudo foi inspirado na ideia que o processo de musealização confere sentido às coisas. A coleção estudada esteve à margem dessa ação, e esse trabalho buscou de alguma forma, diminuir o distanciamento entre as coisas e as pessoas. Ao longo dele, serão apresentadas reflexões e propostas resultantes do Subprojeto Acary de Passos Oliveira,

realizado no Museu Antropológico da UFG, que envolve a aproximação da Museologia e Arqueologia, a partir de um campo de estudos e práticas denominado como “Musealização da Arqueologia” (BRUNO & MORAES WICHERS, 2013/2014). O referido subprojeto contou com uma equipe interdisciplinar, constituída dos seguintes membros: Camila Moraes Wichers doutora em Arqueologia e em Museologia, professora adjunta do Curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás e professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/ UFG); Andréia Martins Torres, arqueóloga e mestre em Sociedades Indígenas Americanas; Thalita Adams Castelo Branco Aragão, historiadora; Ana Cristina Santoro, restauradora e mestre em História Social, responsável pela Coordenação de Museologia (MA/UFG); Marwa Abdelhamid Youssef Abdelhamid, arqueóloga e restauradora; e eu, Karolyn Soledad Saavedra Correia, graduanda em Museologia.

O processo de interesse neste tema se iniciou a partir do Estágio Obrigatório I, componente curricular do curso de Museologia, que foi realizado no Laboratório de Arqueologia do Museu Antropológico da UFG, no ano de 2015. Ao longo deste estágio, supervisionado pela Prof.<sup>a</sup> Camila de Moraes Wichers, realizamos a conferência da Coleção Iluska Simonsen – resultado de pesquisas realizadas no período de 1974 e 1975 – composta, majoritariamente, por objetos líticos, onde algumas peças eram destinadas a compor os kits pedagógicos no âmbito do projeto piloto intitulado “Mala Arqueológica do Laboratório de Arqueologia - MALA”, e, além destes, uma seleção de outra coleção encontrada, denominada de “Coleta Acary”<sup>1</sup>, composta por objetos cerâmicos, sem procedência determinada, que apresentavam numeração diferente das outras coleções arqueológicas, que, posteriormente pôde ser comparada com a numeração dos objetos etnográficos da RTE.

A partir desta coleção em específico, a Coleta Acary, hipóteses de que estes objetos pertencessem a outra coleção, foram levantadas, pois já havia a informação da existência de uma das coleções arqueológicas na Reserva Técnica Etnográfica (RTE), composta por objetos coletados do fundo da Lagoa Miararré, localizado no Parque Indígena do Xingu. Esta coleção, doravante denominada Coleção Lagoa Miararré (CLM)<sup>2</sup> foi obtida a partir das viagens realizadas por Acary de Passos Oliveira, tendo sido coletada por indígenas Kamaiurá<sup>3</sup>, mediante negociações realizadas com os não indígenas.

---

<sup>1</sup> Coleção registrada no Museu Antropológico, pelo Livro de Inventário como 83.11

<sup>2</sup> Coleção registrada no Museu Antropológico, pelo Livro de Inventário como 83.14

<sup>3</sup> Utilizo aqui a grafia “Kamaiurá” em consonância com o ISA - Instituto Socioambiental (<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kamaiura>)

A partir de então, os olhares se voltaram à CLM, tendo como objetivo analisar e compreender os processos de musealização aplicados a ela e, com base nestes procedimentos e na ausência dos mesmos, propor novos processos, visando aprimorar a preservação da coleção. Por este trabalho se tratar da análise da coleção e de uma nova proposta de cadeia operatória museológica, compreendida aqui pelas ações de salvaguarda e comunicação, tem um caráter mais geral de análise, não se detendo profundamente em cada uma das etapas realizadas, mas no processo como um todo e no necessário equilíbrio entre as ações. Apesar dos riscos de um estudo com um objetivo tão amplo, os procedimentos foram facilitados pelo trabalho em equipe interdisciplinar, cujos produtos ainda estão em processo de elaboração, assim como a própria pesquisa tem suscitado novas questões e possibilidades de estudo.

A relevância deste trabalho se justifica na necessidade de um diálogo entre as áreas de Museologia e Arqueologia ao longo do processo de musealização, como será apresentado. Neste caso, a coleção não havia sido alvo destas ações, apenas submetida à pesquisa básica<sup>4</sup> no campo da Arqueologia. Cabe apontar que a pesquisa arqueológica voltada à coleção teve caráter pontual, tendo sido realizada há quase quarenta anos demandando também um diálogo com uma bibliografia arqueológica mais contemporânea. No entanto vou me ater a aspectos da pesquisa aplicada em Museologia<sup>5</sup>, ainda que não abra mão do diálogo interdisciplinar.

A metodologia a ser utilizada, que conjugou abordagens qualitativas e quantitativas, partiu de duas etapas distintas, sendo a primeira voltada para a análise da Bibliografia e Documentação existente sobre a CLM. Para este fim, foi realizado um levantamento bibliográfico a respeito da Musealização da Arqueologia, assim como de aspectos específicos da cadeia operatória museológica. Outra ação desenvolvida residiu na análise do fundo da Documentação Administrativa da Coordenação de Museologia (MA), visando obter informações sobre a coleta e posterior tratamento museológico dado à coleção estudada. Nesse sentido, foi dada especial atenção à relação estabelecida entre Acary de Passos e indígenas Kamaiurá durante o processo de coleta, a ser detalhado no âmbito desse trabalho, a partir de uma visão crítica sobre as relações colonialistas estabelecidas. Essa documentação foi organizada em uma planilha especialmente elaborada para esse fim. Ainda no âmbito da documentação analisada foram acessadas matérias jornalísticas da mídia impressa, visando

---

<sup>4</sup> A pesquisa básica é entendida aqui como aquela “pertinente aos ramos da ciência ligados a natureza do acervo.” (CÂNDIDO, 2014, p. 35)

<sup>5</sup> A pesquisa aplicada em Museologia é aqui entendida como “pesquisa sobre o próprio fazer museal, que permite experimentar e elaborar novas metodologias, tanto para o campo da salvaguarda como da comunicação patrimoniais, e ainda da gestão.” (CÂNDIDO, 2014, p. 63)

levantar informações sobre a divulgação da coleção. Da mesma forma esta documentação foi organizada no âmbito da pesquisa. Outra ação de organização esteve direcionada à leitura, à análise e ao processamento da bibliografia arqueológica publicada acerca da coleção (OLIVEIRA & SIMONSEN, 1976; OLIVEIRA & SIMONSEN, 1977 e OLIVEIRA & SIMONSEN, 1980).

A segunda etapa realizada compreendeu o trabalho com a coleção. Esta etapa se constitui a partir de ações de salvaguarda e comunicação: exame preliminar dos objetos; construção de uma ficha de objetos arqueológicos em diálogo com a ficha de identificação já existente no MA; preenchimento das fichas acompanhado da documentação fotográfica das peças. Importante lembrar que o preenchimento das fichas considerou informações próprias da pesquisa básica, assim como da pesquisa aplicada, tendo em vista a equipe interdisciplinar envolvida. Esse processo também abrangeu o levantamento de aspectos básicos a respeito da conservação das peças. Por fim, no âmbito da comunicação museológica, visando à construção de relações não pautada no colonialismo até então vigente na trajetória dessa coleção, foi realizada uma oficina com dois indígenas da etnia Kamaiurá, Maurício Kamaiurá e Maiurí Kamaiurá que vivem nas proximidades da Lagoa Ipavu, a cerca de 1,5 km da Lagoa Miararré.

Para dar embasamento aos pontos levantados neste trabalho, apresentarei algumas questões chave, iniciando com a definição de Museologia, segundo Cristina Bruno (2008), partindo para o objeto de estudo desta área, o fato museal, através das reflexões da autora Waldisa Rússio Guarnieri (1981; 1983; 1989; 1990). A partir destes conceitos norteadores analisarei o processo de musealização, a cadeia operatória museológica e seu caráter interdisciplinar, utilizando autoras como Marília Xavier Cury (2005), Cristina Bruno (2009; 2007) e Manuelina Maria Duarte Cândido (2009). Por fim, como tema central do trabalho em questão, conceitos sobre a Musealização da Arqueologia, sua relevância, dificuldades encontradas nas coleções, ausências e ruídos consequentes da perda de informações ao longo deste processo, utilizando autores como Cristina Bruno (2005; 2007; 2008), Camila Moraes Wichers (2013/2014) e Diego Lemos Ribeiro (2013/2014).

O trabalho se estrutura a partir de três capítulos. O primeiro capítulo se dedica a uma inserção conceitual sobre a Museologia e a Musealização da Arqueologia, além de outros conceitos chave para a compreensão deste processo. Por meio de um caráter teórico, este capítulo apresenta os temas principais que serão desenvolvidos de forma prática ao longo do

texto. A princípio trarei conceitos sobre a Museologia, museografia, musealização e o caráter interdisciplinar da Museologia, chegando a um breve panorama histórico da aproximação entre a Museologia e a Arqueologia. Neste capítulo, também apresento o cenário atual da Musealização da Arqueologia, os desafios a serem vencidos e as contribuições do diálogo destas duas áreas para melhor compreensão, salvaguarda e comunicação das coleções.

O segundo capítulo retrata um breve histórico acerca do Museu Antropológico da UFG, e atrelada a isto, a trajetória de seu primeiro diretor, Acary de Passos Oliveira, desde o início de sua carreira como militar, perpassando por sua etapa sertanista até assumir a direção do Museu. Por meio da compreensão de quem foi o Professor Acary, é possível perceber como as relações entre os indígenas foram estabelecidas, e como se tornou familiarizado às regiões do Parque Indígena do Xingu. Ainda neste capítulo é introduzida a Coleção da Lagoa Mirarré, como chegou ao conhecimento de Acary e as expedições e relações estabelecidas por ele para obter os objetos que posteriormente viriam fazer parte desta coleção. Este histórico foi realizado através da análise dos relatórios de viagens, feitos pelo primeiro diretor, localizados no fundo documental do MA.

Por fim, terceiro capítulo<sup>6</sup> aborda duas etapas do processo de Musealização da Arqueologia, aplicadas à coleção, que consistem na salvaguarda e comunicação dos objetos. A salvaguarda através da criação da Ficha de Dados Arqueológicos (FDA), análise dos objetos e processos de conservação preventiva, e a comunicação por meio da realização de uma oficina com indígenas da etnia Kamaiurá, em que foram apresentados os objetos da coleção.

---

<sup>6</sup> Além dos capítulos, foram organizados anexos, ora entregues em formato digital, mas que serão impressos na versão final desse trabalho, a ser entregue à Coordenação do Curso de Museologia. Ademais, a documentação gerada pelo trabalho com a CLM foi organizada no âmbito dessa monografia, tendo sido digitalizada, digitada e tratada no que concerne às imagens, e será devidamente entregue à Coordenação de Museologia do Museu Antropológico. Uma vez que constatou-se que os Kamaiurá não consideraram adequada a exposição dos objetos, os anexos ora inseridos – a ser entregues impressos para a Coordenação do Curso e disponibilizados no banco de dados dos TCCs do Bacharelado em Museologia da UFG, contam apenas alguns exemplares das Fichas de Dados Arqueológicos, sendo que a totalidade das 38 fichas organizadas na presente pesquisa será entregue ao MA.

## **CAPÍTULO 1 – A MUSEOLOGIA E O OLHAR ESPECÍFICO DA MUSEALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA**

### **1.1 Museologia e Conceitos Chave**

Para adentrarmos nos assuntos relativos à Musealização da Arqueologia, que serão tratados ao longo de todo este trabalho, é necessário inicialmente compreender alguns conceitos chave que permeiam esta interação, como Museologia, musealização, interfaces museológicas, cadeia operatória e, por fim, a própria Musealização da Arqueologia, termos que serão aprofundados ao longo deste capítulo.

Pensar em processos de musealização requer entender como estes se constituem dentro do campo da Museologia, o que significam e que sentidos carregam e atribuem ao patrimônio. A Museologia de acordo com Bruno (2008, p.1) deve ser antes de tudo, reconhecida “como uma área autônoma de conhecimento, que vem sendo construída ao longo do tempo a partir de contribuições importantes de diferentes profissionais [...]”. Segundo a autora, ela está inserida nas Ciências Sociais Aplicadas e trata em especial de dois aspectos voltados aos bens culturais, num primeiro momento na compreensão de um cenário já existente da relação entre a sociedade e o seu patrimônio, e num segundo momento, de forma mais aplicada e propositiva, na potencialidade de se criar novos processos desta mesma relação<sup>7</sup>, tudo isso, dentro de uma cadeia operatória museológica que exerce atividades voltadas para a salvaguarda (documentação e conservação), e a comunicação (ações educativas, exposições e processos comunicacionais).

Reforçando a relação entre sociedade e patrimônio, tema inerente ao campo, Bruno (1996) destaca que por meio de processos museológicos técnicos científicos, a Museologia permite que esta interação possa ser convertida em herança, e contribua no desenvolvimento de identidades culturais. Para Moraes Wichers (2013/2014, p. 22), essa potencialidade pode ser direcionada, principalmente, a grupos, comunidades e movimentos sociais que “não foram contemplados pelas políticas patrimoniais”. Enquanto as ciências humanas se dedicam ao estudo das sociedades, suas peculiaridades, conquistas e fatos de um passado muitas vezes

---

<sup>7</sup> Este mesmo conceito do olhar sobre a relação entre a sociedade e seu patrimônio e sua resignificação, também é considerado por outra autora como o caráter antropofágico da Museologia. Para Moraes Wichers “Denomino de antropofagia arqueológica a apropriação e resignificação feita pela arqueologia, que seleciona aspectos da materialidade das sociedades, alçando-os a patrimônio. Por sua vez, a antropofagia museológica se dá nos processos de musealização desse patrimônio, onde novas apropriações, recortes e metamorfoses de sentido são efetivados.” (2013/2014, p.17)



esquecido, permanecem com estas ideias e conceitos num âmbito teórico, distante da sociedade. Em contrapartida, a Museologia “se estrutura como a área de conhecimento específica para viabilizar essa comunicação, mas depende, evidentemente, da produção de conhecimento próprio às áreas que estudam os indicadores da memória.” (BRUNO, 1996, p.11)

Sobre a Museologia como campo de estudo científico é necessário compreender, além de seu conceito, seu objeto de estudo, que segundo Guarnieri (2010 [1983]) é o fato museal ou fato museológico. Este consiste na relação entre o homem, “sujeito que conhece”, e o objeto “parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir” (2010 [1981], p. 123) dentro de um cenário específico, que pode ocorrer com o deslocamento deste objeto de seu contexto primário ((FERREZ, 1994) para os museus<sup>8</sup>, pensados neste momento enquanto estabelecimentos (prédio, edifício), ou a sua valorização *in situ*, como declara Cury (2005, p. 24). Sobre a compreensão da relação entre esses três aspectos se baseiam todos os processos da Museologia, pois enquanto um, o “homem”, pode ser compreendido como a sociedade, o público do museu, ou uma comunidade em específico, o “objeto”, se relaciona diretamente com as coleções, os artefatos musealizados, tudo isso, numa instituição característica, os museus (em qualquer um dos seus formatos).

A instituição Museu aqui referida, parte de reflexões pautadas ao longo da trajetória desta instituição, até chegar à contemporaneidade, conforme a definição estabelecida pelo ICOM – Conselho Internacional de Museus, em 2007,

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite. (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013, p.64)

Além desta definição, na realidade brasileira, em concordância com nossa legislação, referente a data de 2009, consideram-se museus

[...] as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o

---

<sup>8</sup> Adiante será explicitada a especificidade das coleções arqueológicas que advêm do contexto arqueológico e não do contexto primário.

território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades. São princípios fundamentais dos museus: I – a valorização da dignidade humana; II – a promoção da cidadania; III – o cumprimento da função social; IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural; VI – o intercâmbio institucional. (LEI Nº 11.904, 2009, Art. 1 e 2)

Ainda sobre conceitos chave, é importante fazer a diferenciação entre Museologia e museografia, termo mais antigo que o anterior, que apareceu pela primeira vez no início do século XVIII, em um tratado sobre o tema (FERNÁNDEZ, 1999, p. 17). Este documento publicado em 1727 por Hamburgo Caspar Friedeich Neickel – *Museographia u orientati6n para el adecuado concepto y conveniente colocaci6n delos museos o c6maras de curiosidades*, foi dedicado aos amantes do colecionismo, projetando um museu ideal que

[...] preconizaba el cientificismo y el didactismo p6blicos de su tiempo, adem6s de ofrecer una s6rie de consejos muy pr6cticos sobre la elecci6n de los lugares m6s adecuados para acoger objetos y la mejor manera de clasificarlos y conservarlos, tanto los provenientes de la naturaleza como los producidos por las ci6ncias y las artes. (FERNÁNDEZ, 1999, p.17)

Num primeiro momento, como pode ser visto em torno deste primeiro tratado, a museografia se referia a todo cont6ido do museu (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013, p.60), fato que ao longo do tempo e com o desenvolvimento da 6rea foi paulatinamente sendo modificado. Para Guarnieri, a Museologia nasce com a museografia, para aos poucos marcar essa separa66o entre “*grafo do logos*” (2010 [1979], p. 78). Segundo a autora, inicialmente a museografia esteve destinada 6 descri66o do fato museol6gico e ao uso de conhecimentos pr6cticos para a montagem de exposi66es, caracter6sticas que gradativamente foram se especializando e tomando forma de conhecimento, uma ci6ncia em constru66o que se denominaria Museologia.

Museografia atualmente se caracteriza como conjunto de t6cnicas e atividades pr6cticas (BRUNO, 2009, p. 18), que englobam todas as tarefas envolvidas no dia a dia dos museus, como estrat6gicas de planejamento, quest6es relacionadas 6 arquitetura e acessibilidade, procedimentos de conserva66o e documenta66o e a66es de comunica66o (CURY, 2005, p. 27), em resumo, a forma pr6tica e aplicada da Museologia (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013, p.58). Em contrapartida, a Museologia contempla o corpo te6rico e das ideias (BRUNO, 2009, p. 18), e, segundo Guarnieri 6 a ci6ncia pautada num sistema de conhecimento baseado na observa66o e experimenta66o atrav6s de m6todos pr6prios, que visam a formula66o de leis e o reconhecimento do fato museol6gico, “desde a sistematiza66o

do objeto exposto dentro de uma semântica que o torna inteligível e dentro de um contexto, passando pela relação Homem-Objeto e chegando à profunda reflexão sobre o relacionamento Museu – Homem – Sociedade.” (2010 [1979], p. 78)

Baseados nessas atividades voltadas ao lado prático da Museologia, relacionadas diretamente com a museografia, encontramos os procedimentos técnico-científicos que estão articulados ao longo da cadeia operatória museológica, e consistem em toda a trajetória dos objetos dentro de instituições museais, as ações de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposições e ação educativo - cultural) (BRUNO, 2007, p. 1). O resultado de todo este processo, é a musealização dos objetos e coleções, que, a partir de então, tornam-se parte dos museus, separados de seus contextos originais, recebendo novos significados simbólicos e de representação.

A ação de musealização se inicia na seleção dos objetos através de um “olhar museológico”, que percebe seu valor ao selecioná-los e preservá-los. Segundo Lourenço (1999, p. 59) “o ser humano tem retirado formas de seu cotidiano, elegendo-as como peças para museus, compondo tipos formadores de séries, fenômenos aqui identificados como musealização” (apud CURY, 2005, p. 24), completando este pensamento, segundo Desvallées e Mairesse (2013, p. 57), a musealização é a operação que retira os objetos de seu meio natural, de forma física e conceitual, e lhes confere um “estatuto museal”, tornando-os objetos de museu, a fim de receberem uma recontextualização assumindo um caráter representativo da realidade em que estavam constituídos.

Ainda sobre a musealização, Cury (2005, p. 26) entende este processo como uma série de ações, como aquisição (que está pautada em uma seleção criteriosa), pesquisa, conservação documentação e comunicação. Este processo “inicia-se ao selecionar um objeto de seu contexto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por meio de exposições, de atividades educativas e de outras formas.” (2005, p. 26). Para Bruno (1991, p. 17 apud CURY, 2005, p. 27) a musealização na sua plenitude é todo o conjunto de ações que permite a comunicação dos objetos que sofreram uma ressignificação, interpretação, através da pesquisa, para o público dentro das instituições museológicas, sendo um sistema que cria significados (BRUNO, 1996, p. 22).

Por intermédio da musealização, diferentes tipologias de acervo podem ser separadas como objetos de museu, uma vez que este ato não se limita a determinados objetos, mas todo

e qualquer artefato que tem potencial de ser ressignificado e se tornar indicador de memória. Neste sentido, a Museologia enquanto campo científico carece de conhecimentos que não são, necessariamente, voltados à sua temática. Para isso faz-se necessário um diálogo interdisciplinar com outras áreas. Segundo Duarte Cândido (2009),

[...] a Museologia compreende a impossibilidade de se desenvolver em um percurso solitário, visto que seus métodos e técnicas (e conseqüentemente a teorização) estão intimamente ligados à natureza dos acervos ou das referências patrimoniais, não são pura abstração. E necessitam, por isso, dialogar com os diferentes campos disciplinares, denominados na bibliografia áreas de pesquisa básica.

Por esta razão independente do modelo museológico, de uma instituição museológica ser mais ou menos tradicional, ela sempre deverá ter o amparo interdisciplinar [...]. (CÂNDIDO, 2009, p. 1)

Neste viés interdisciplinar, um campo possível de interação com a Museologia é a Arqueologia, as duas áreas, ao longo do tempo estiveram intimamente relacionadas. Por tratarem do patrimônio cultural da sociedade, uma, voltada a desenvolver ações no tempo-presente, a partir de objetos e coleções de diferentes épocas, a Museologia, outra, relacionada a um passado distante ou recente – Arqueologia, ambas carregam marcas, positivas e negativas ao longo de suas trajetórias na história, principalmente, quando tratamos da história do Brasil.

## **1.2 A Musealização da Arqueologia**

Para entendermos como se formaram os processos de Musealização da Arqueologia, suas potencialidades e contribuições é necessário compreender, inicialmente, como se constituiu a Arqueologia no Brasil e como ao longo do tempo, ambas as áreas foram marcadas por rotas de aproximação e afastamento.

Por mais que existam diversos estudos visando compreender a história da cultura brasileira, quer seja em aspectos culinários, de vestuários, musicais, sobre a mestiçagem, entre outros, a trajetória deste olhar sobre o passado tem se limitado às conquistas portuguesas no nosso território. Segundo Bruno (2005, p. 238), o problema destas questões não é o percurso da história de nossa sociedade, que sim, perpassa as conquistas e jornadas de nossos colonizadores europeus, mas o ponto de partida. A história do Brasil não se restringe à vinda e vida de um povo europeu a custas de povos colonizados, mas envolve também as histórias indígenas que antecedem esse período. Essas histórias estão associadas ao que a autora denomina como memórias exiladas.

Para chegar a este ponto, é necessário o uso de áreas acadêmicas que se debrucem a entender como chegamos até aqui. A Arqueologia é o campo propício para estas descobertas e questionamentos. De acordo com Bruno (2005, p. 237), apesar de estes estudos serem voltados para a identificação e compreensão dos povos nativos brasileiros, muitos de seus resultados se limitam apenas a seus pares, pouco influenciando a narrativa da história do Brasil, e a compreensão da identidade nacional, assim “consolidou-se uma estratigrafia do abandono que isolou as fontes arqueológicas e circunscreveu-as no terreno das memórias exiladas” (BRUNO, 2005, p. 237)

Segundo Moraes Wichers (2013/2014, p.19), num panorama histórico mundial, a Arqueologia esteve relacionada às práticas de colecionismo, gabinetes de curiosidade, colonização, saque, extermínio. Em períodos marcados pelo nacionalismo, o patrimônio fez parte de toda a sua legitimação, o que pode ser afirmado na sentença de que “nenhum Governo governa sem patrimônio”, sendo assim, através dos acervos culturais selecionados, estipulava-se o “padrão” oficial da Nação, introduzindo e naturalizando a ideia de ancestralidade, legitimidade do poder, criando vínculos de patriotismo, lealdade e pertencimento. Em contrapartida, de forma silenciosa e sutil, era decidido o que devia ser lembrado e esquecido, o que devia ser incluído e excluído (FERREIRA. 2008. p. 39 e 40).

Em um panorama brasileiro, Bruno (2005, p. 238) percebe que desde a chegada do colonizador, as fontes “primárias” foram perdidas pela “ocupação exaustiva da costa brasileira”, que destruiu sítios com vestígios de nossos antepassados. Fora a devastação da cultura material ancestral, traços da oralidade, artefatos, língua foram impactados pelo processo colonizador. Contar a história do passado brasileiro consiste num árduo trabalho de recuperação de memórias perdidas, uma vez que os relatos que permanecem são o “testemunho de um dos protagonistas, o invasor. Ele é quem nos fala de suas façanhas. É ele, também, que relata o que sucedeu aos índios e negros, raramente lhes dando a palavra de registro de suas próprias falas. O que a documentação copiosíssima nos conta é a versão do dominador.” (RIBEIRO, 1995, p. 30, apud BRUNO, 2005, p. 238). Em concordância, para Moraes Wichers (2013/2014), a prática e compreensão da área da Arqueologia e seus resultados também está reservada para os especialistas, e dificilmente é disposta a sociedade. Segundo seus estudos, entender estas omissões que perpassam o passado deve ser motivo de reflexão para o presente, “mais que um vestígio do passado, o patrimônio arqueológico é um fenômeno contemporâneo, construído no presente.” (MORAES WICHERS, 2013/2014, p. 19).

Para entender os desafios enfrentados pela Musealização da Arqueologia, e seu caráter coadjuvante na formação da história e da cultura nacional brasileira, marcada de silêncios e ausências no que se refere à socialização dos vestígios arqueológicos, é necessário compreender que estes processos estão vinculados de forma intrínseca à trajetória dos museus no Brasil, trajetória esta, que segundo Moraes (2013/2014, p. 21), foi marcada por dois grandes momentos, um de cumplicidade, que pouco a pouco deu lugar a um estranhamento, até se consolidar no afastamento. Em um cenário atual, de acordo com a autora, a interface entre as duas áreas ainda tem sido marcada por momentos de aproximação e rotas de afastamento, resultante das diversas pesquisas e acervos.

Lançando um olhar sobre o percurso da criação dos museus no Brasil, para se compreender o afastamento de ambas as áreas, este se inicia ao longo do século XIX, através de instituições como Museu Nacional do Rio de Janeiro, Museu Paraense Emílio Goeldi e o Museu Paulista, que contavam com coleções arqueológicas pré-coloniais, classificando-as no âmbito da História Natural, seguindo os padrões da época. Conforme ainda estas linhas teóricas, ao longo do século XX, os museus obtiveram coleções arqueológicas advindas de coletas “assistemáticas, como locais de ensino e produção científica, como depósito de objetos ordenados, atuando a partir de uma perspectiva enciclopédica, evolucionista e classificatória.” (BRUNO, 2005:243). Para Bruno e Moraes Wichers, estas foram as marcas iniciais de uma grande aproximação entre os campos, que aos poucos foi sendo marcada pelo afastamento.

Com o avanço do conhecimento e a especialização de áreas do conhecimento, os olhares que antes estiveram voltados para as contribuições da Arqueologia foram deixados de lado, e este campo passou a assumir um papel coadjuvante na formação das coleções, nas narrativas museológicas e na formação do patrimônio e identidade nacional.

Por muito tempo não houve a valorização dos vestígios arqueológicos, salvo alguns episódios específicos, realidade que só sofreu alterações a partir da década de 1950, com a chegada de pesquisadores estrangeiros, que implementaram um olhar preservacionista e colaboraram no desenvolvimento das pesquisas e capacitação profissional da área. A partir de então, segundo Bruno (2005, p. 244), é lançado um olhar na valorização dos sítios arqueológicos e processos de musealização. Não obstante, como a mesma autora aponta, a inserção das pesquisas arqueológicas nos laboratórios e centros de pesquisa – o movimento arqueológico-universitário, deixaria de lado aspectos da socialização da Arqueologia.

Apesar desta relação quase inerente entre Arqueologia e Museologia, há uma série de tensões que envolvem estas duas áreas, e impossibilita, muitas vezes, que os vestígios arqueológicos, hoje coletados em maior escala, sejam mais bem apropriados tanto pela instituição que os recebe, quanto pela sociedade que está relacionada a essas memórias. Existem silenciamentos e ausências dentre estes acervos, visto a falta de comunicação entre os dois campos de estudo. Segundo Moraes Wichers

A interface entre Museologia e Arqueologia e, conseqüentemente, a relação entre instituições museológicas e patrimônio arqueológico no Brasil, tem sido marcada por rotas de afastamento. Nesse sentido, a construção de propostas para interfaces entre esses campos torna-se fundamental para o aprimoramento dessas relações. (2010, p. 47)

O conceito de Musealização da Arqueologia surge tendo em vista as demandas do diálogo entre as duas áreas. Segundo Ribeiro, esta interface foi sistematicamente pesquisada de forma pioneira pela museóloga Cristina Bruno, já mencionada, que, ao longo de seus trabalhos, denuncia “o apagamento das fontes arqueológicas na interpretação da sociedade brasileira”, reforçando que “tais indicadores estariam encobertos em uma estratigrafia do abandono.” (RIBEIRO, 2013/2014, p. 100).

Muito dos problemas que podem ser evidenciados em exposições e ações de comunicação dos objetos arqueológicos quer seja em Museus Históricos, Antropológicos, Arqueológicos, ou mesmo laboratórios e instituições que lidem com este patrimônio, são resultados dos ruídos presentes ao longo do processo de musealização. Segundo Moraes Wichers (2013/2014, p. 25), “ao lidar com coleções advindas de áreas diferenciadas do conhecimento, a Museologia adquire um caráter necessariamente interdisciplinar, pois a seleção (coleta/aquisição) desses acervos e coleções é condicionada por essas áreas”, sendo assim, é fundamental a comunicação e concordância entre as áreas. A falta de coerência entre as duas áreas em questão, no que diz respeito a uma unidade de linguagem, informações e sistematização da documentação (desde a pesquisa arqueológica, hipóteses interpretativas, análise dos objetos, ações de salvaguarda e comunicação), faz com que estas informações valiosas a respeito dos vestígios arqueológicos se percam ao longo do processo. Estes ruídos, “obstáculos comunicacionais” (RIBEIRO, 2013/2014, p. 98), devem ser superados através da interface das duas áreas, uma vez que ambas, se caracterizam por percorrerem seus caminhos lado a lado.

Os artefatos arqueológicos através da “união de forças” das áreas de Arqueologia e

Museologia, no que se refere ao processo de Musealização da Arqueologia, têm muito a contribuir, quer sejam em pesquisas, atividades de salvaguarda, comunicação e, sobretudo, na afirmação de memórias, ressignificações e reapropriações desses vestígios. Pensando nos grandes reforços que estes artefatos podem levantar como o empoderamento de determinados grupos sociais, através da afirmação da memória. A assertiva abaixo, lançada para as coleções etnográficas, pode ser perfeitamente voltada para as coleções arqueológicas:

De que valem coleções etnográficas mal documentadas e mal conservadas, acumuladas em reservas técnicas poeirentas, ameaçadas de mofo e infestação de cupim? [...] Como extrair, porém, informação científica, cultural e simbólica de objetos mudos, carentes de dados mínimos para subsidiá-la? (BERTA RIBEIRO, 1992, p. 73, apud, RIBEIRO, 2013/2014, p.104)

A Musealização da Arqueologia, interface que une as duas áreas já citadas é fundamental para que os vestígios arqueológicos cheguem ao conhecimento do público e da sociedade em geral. É de extrema importância que os desafios enfrentados ao longo da cadeia operatória museológica em relação a esses objetos sejam superados, a fim de que sejam traçadas novas metodologias para as duas áreas em questão. Segundo Bruno, é evidente a necessidade de “interlocução teórica e metodológica entre os campos de conhecimento – Arqueologia e Museologia”, não apenas num viés teórico, mas através de “proposições e realizações de ações aplicadas e práticas que possam interferir na realidade arqueológica e no gerenciamento museológico desta memória” (2007, p. 1). Sobre estas abordagens de novas possibilidades da interação das áreas de Museologia e Arqueologia abordaremos mais à frente.



## **CAPÍTULO 2 – COLEÇÃO LAGOA MIARARRÉ: DA COLETA AO MUSEU**

### **2.1 O Museu Antropológico e a influência de Acary de Passos Oliveira**

O Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA-UFG) foi criado em 1969 e inaugurado no ano de 1970. Sendo um órgão suplementar da Universidade, atualmente vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI), se caracteriza como um museu universitário. Segundo seu regimento interno, o MA é uma “instituição permanente, sem fins lucrativos que, aberta ao público, se destina à coleta, inventário, documentação, preservação, segurança, exposição e comunicação de seu acervo, mediante desenvolvimento de ação educativo cultural.” (UFG, 2017 p. 3)

Ao longo de todo processo de criação do museu, estiveram envolvidos muitos profissionais ligados ao Departamento de Antropologia e Sociologia (DAS) do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), dentre eles, o professor e pesquisador Acary de Passos Oliveira, o primeiro diretor, um dos grandes idealizadores do Museu e responsável pela coleta das primeiras coleções.

Nascido no ano de 1907, na Cidade do Rio de Janeiro, Acary de Passos Oliveira veio para Goiás poucos dias depois de seu nascimento. Ingressou na carreira militar aos dezoito anos e fez o curso de comissário na Escola de Marinha Mercante. Em 1939, foi convidado pelo presidente Getúlio Vargas para coordenar a construção de uma pista de pouso na Ilha do Bananal (TO) para a visita do mesmo a uma aldeia Karajá. Neste momento, teve seu primeiro contato com os indígenas, fato que, segundo Araújo (2016, p. 19) foi “a porta de entrada para um caminho trilhado pelos próximos 50 anos” e foi por meio “dessa experiência que ele teve a oportunidade e o privilégio de visitar mais de 300 aldeias em suas andanças.”

Através da portaria nº 77 de 03 de junho de 1943 da Coordenação de Mobilização Econômica, o governo instituiu a “Expedição Roncador - Xingu”, que tinha como objetivos estabelecer vias de comunicação pelo interior do país e com isso explorar e povoar estas regiões. Esta ação, também conhecida como “Marcha para o Oeste”, era inspirada no modelo de ocupação norte americano, visto com muito otimismo pelo presidente Getúlio Vargas, pela potencialidade de exploração de potenciais até então desconhecidos que poderiam trazer prosperidade à Nação. Todo este entusiasmo é possível ser verificado em discursos como este:

“O verdadeiro sentido de brasilidade é a marcha para oeste. No século XVIII, de lá jorrou a caudal de ouro que transbordou na Europa e fez da América o continente das cobiças e tentativas aventurosas. E lá teremos de ir buscar: os vales férteis e vastos, o produto das culturas variadas e fartas; das estradas de terra, o metal com que forjara os instrumentos da nossa defesa e de nosso progresso industrial.” (VARGAS, 1938, p. 124 apud GALVÃO, 2011, p. 1).

Através deste projeto nacional, Acary de Passos foi convidado pelo ministro João Alberto Lins de Barros a fazer parte da expedição, atuando como um dos responsáveis pelos expedicionários (ARAÚJO, 2016, p.19). Segundo Maria Galvão (2011, p.4) “a expedição contou com a participação maciça de sertanejos, índios e garimpeiros, que iam sendo recrutados aos poucos ao longo do percurso rumo ao Brasil Central”. Destes trabalhos Acary produziu o seu livro de memórias “Roncador-Xingu: Roteiro de uma expedição” que foi publicado em 1977.

Durante os anos de 1957 a 1965, segundo Araújo (2016, p.19), Acary fez parte da Comissão de construção de Brasília, sendo um dos responsáveis pela “Operação Bananal”. É neste contexto que, através de toda sua experiência vivida com diferentes grupos indígenas ao longo do Brasil, foi convidado a compor o grupo de pesquisadores que posteriormente criaria o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, sendo admitido pela mesma como Auxiliar de Educação. A partir de seus esforços juntamente com a equipe na qual estava inserido, o Museu Antropológico foi criado em setembro 1969 e inaugurado em setembro de 1970, onde atuou como pesquisador e primeiro diretor até 1982, quando a direção do Museu foi assumida pela professora Edna Luísa de Melo Taveira. Na qualidade de Diretor deste órgão fez diversas pesquisas de campo, visando a coleta de objetos ao longo de toda região do Brasil central, a partir das quais o acervo do Museu foi constituído.

## **2.2 A formação da Coleção Lagoa Miararré**

Dentre estas viagens de campo, Acary esteve muito presente no Parque Indígena do Xingu, que está localizado na região nordeste do Mato Grosso, em pesquisas com diversas etnias, dentre elas o povo Kamaiurá, onde teve os primeiros contatos com objetos arqueológicos da Lagoa Miararré. Estes objetos foram posteriormente divulgados e analisados em seus relatos publicados em 1976, 1977 e 1980.

O conhecimento dos objetos da Lagoa se deu no ano de 1970, quando, nos preparativos para voltar depois de uma prolongada estadia na aldeia, recebeu do “capitão” Takuman, chefe político e religioso, dois fragmentos de cerâmica da Lagoa Miararré.

Posteriormente, através de estudos feitos com esta amostra, foi verificado que a mesma era diferente da cerâmica confeccionada à época no parque, levantando um grande interesse de Acary (SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980, p. 21). A partir daí passou a realizar expedições a aldeia com intuito de coletar os objetos arqueológicos na Lagoa, que futuramente resultariam na Coleção Lagoa Mirarré (CLM) do Museu Antropológico.

As pesquisas realizadas na Lagoa Mirarré, situada no Parque, a aproximadamente 1,5km da Lagoa Ipavu e a 14km do Posto Leonardo Vivas Boas, foram realizadas em várias fases. Os registros e apontamentos sobre as expedições puderam ser verificados através da documentação comprobatória do Museu Antropológico da UFG, onde é possível se estabelecer uma série de correspondências e relatórios entre o Museu Antropológico, Acary, enquanto pesquisador, e a FUNAI.

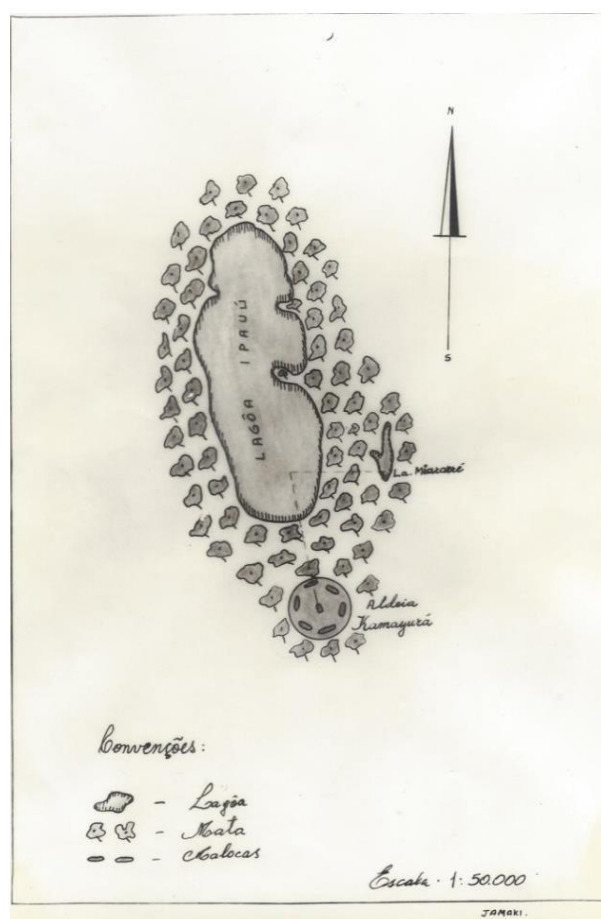


Figura 1: Localização da Lagoa Mirarré em relação a Aldeia Kamaiurá - Retirada do Acervo Documental do MA – Autoria/Desenho: Jamaki

O primeiro contato com os objetos, como já dito anteriormente ocorreu ao fim de uma

viagem ao Parque Indígena do Xingu, em 1970. No ano seguinte, Acary retornou ao parque com a finalidade de obter mais informações sobre os objetos, conforme o relato a seguir:

[...] no dia 29 de abril de 1971, retornou ao Posto Indígena Leonardo Vilas Boas, onde manteve contacto com chefe do Posto, Orlando Vilas Boas, daí dirigindo-se para a aldeia Kamaiurá, onde permaneceu como hóspede de Takuman. Ainda que gozando da irrestrita confiança do chefe indígena, foi muito difícil obter as informações desejadas, por duas razões: 1. Os Kamaiurás, únicos a saber o local exato onde a cerâmica era encontrada, recusavam-se a falar, terminantemente, sobre o assunto. 2. A lagoa era, e ainda é, considerada, entre os indígenas, como local sagrado, povoado por uma legião de espíritos que não podem ser perturbados sob pena, de sobre a aldeia, caírem desgraças e infortúnios. (SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980, p. 21, grifo nosso).

A dificuldade da pesquisa na região estava relacionada ao caráter sagrado da Lagoa, que tendo como protetor o espírito de “Mamaé”, poderia autorizar ou não a ida a este lugar. Segundo relatos de Acary,

Conta o atual cacique e pagé dos Kamyurá, Tacumã, que a Lagoa Miararré é local sagrado, povoado por uma legião de espíritos liderados por “Mamaé”, espírito protetor de Tacumã.

Este conta: “Mamaé disse que se não respeitassem a lagoa e tocassem nas peças cerâmicas encontradas no leito desta com as mãos, os peixes desapareceriam de suas águas e grande desgraça desabaria sobre os Kamaiurá”.

Devido ao tabu existente a Lagoa possui uma abundante variedade de peixes, destacando-se as piranhas pretas, os poraquê (peixe elétrico) e os pacus. O tracajá também é abundante, sendo que não existe nenhuma jacaretinga, comum às outras lagoas.

Tacumã (cacique e pagé), por determinação de “Mamaé” levou algumas peças cerâmicas que reproduziam peixes, da Lagoa Miararré para a lagoa Ipavu, para que nesta última aumentasse o número de peixes em suas águas. O material foi transladado amarrado em forquilha sem contacto manual. (SIMONSEN & OLIVEIRA; 1976, p. 16)

Apesar das dificuldades para a coleta do material na Lagoa, Acary e sua equipe conseguiram obter alguns objetos, mesmo sem haverem ido presencialmente até lá, que de pronto foram enviados para o Museu Nacional do Rio de Janeiro para estudos, como pode ser visto através deste relato:

No mês de março do ano próximo passado [1971], estivemos em trabalho de pesquisas na Lagoa Miararré, reconhecida como lugar sagrado pelos índios e de onde trouxemos uns poucos fragmentos de uma cerâmica original, totalmente

desconhecida na área. Estes fragmentos foram encaminhados ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, para estudos. Os resultados foram negativos à vista do diminuto número de peças apresentadas. (OLIVEIRA, 1972, p.1)

Com o intuito de obter mais objetos para aprofundar as pesquisas, foi organizada uma nova viagem. Esta nova expedição para Lagoa Miararré, realizada por Acary de Passos Oliveira e sua equipe, ocorreu em setembro do ano seguinte, 1972. A pesquisa fez parte dos Projetos de Pesquisa do Departamento de Antropologia e Sociologia do referido ano, sendo caracterizada como pesquisa na área arqueológica de nº 4, cujas intenções seriam: “Prosseguimento de coleta de material de cerâmica ou moldado em pedra a ser retirado do fundo da Lagoa Miararré, nas proximidades do Posto Indígena do Parque Indígena do Xingu” (MUSEU ANTROPOLÓGICO, 1972, p.1). Ainda sobre a pesquisa, neste documento já se especifica a necessidade de uma coleta subaquática, através de mergulhos, e se justifica a necessidade de uso de mão de obra indígena, supervisionada pelo pesquisador, uma vez que havia a carência de escafandros e pela larga experiência dos indígenas.

Segundo relatório de viagem, Acary e sua equipe chegaram à aldeia dos Kamaiurá na manhã do dia 25 de setembro de 1972, e foram hóspedes do cacique Takuman, que exercia as funções de Cacique e Pajé. Ao solicitarem a ida à Lagoa o pedido foi recusado de imediato, sendo assim, prosseguiram com “a segunda parte do plano<sup>9</sup>”, na qual presentearam crianças e mulheres em troca de informações confidenciais sobre a Lagoa. Destas trocas, Acary obteve as seguintes informações:

[...] devido a divulgação pela imprensa dos primeiros objetos encontrados no fundo da lagoa, a procura de peças por parte dos civilizados quando em visita ao Parque Indígena, se processou com tamanha frequência e insistência, que o inteligente Tacuman percebeu haver encontrado uma valiosa fonte de renda. Já é possuidor de um aparelho de rádio portátil, um gravador, um toca-discos, todos de pilhas, muitos metros de lona de plástico, diversos colares de missangas, tendo ainda trocado com o índio Kuikuru, dois pequenos fragmentos, por dois colares de caramujo, considerados entre as tribos vizinhas, como moeda forte [...]. (OLIVEIRA, 1972, p.1)

Reunindo estes relatos que obteve com a comunidade, relatou ao pajé as impressões de seu povo. Surpreso com estas revelações, Takuman, que não contava com estes comentários na aldeia, cedeu aos apelos de Acary. Em troca de seu silêncio, o Cacique entregou ao pesquisador dois fragmentos e a promessa de que, no próximo ano, após o período das chuvas, o levaria até a Lagoa, e as peças coletadas poderiam ser encaminhadas para o Museu Antropológico.

---

<sup>9</sup> Termo citado no Relatório de Viagem ao Parque Indígena do Xingu 1972

As duas últimas expedições de Acary para a Lagoa Miararré, conforme o que se tem registrado, ocorreram no ano de 1976, nos meses de julho e setembro. Segundo relatos, há cinco ou mais anos haviam tentado fazer uma visita a Lagoa, porém, sem sucesso. Apesar de receber objetos coletados da Lagoa, não lhe havia sido concedida a ida até lá. Somente aos Pagés Kamaiurá Mapi, Tacumã e Sampaim era permitido o acesso, e apenas quando autorizados pelos espíritos de Mamaé. Diferentemente das tentativas anteriores, na primeira viagem, ocorrida em julho de 1976, foi-lhe permitida visita a Lagoa Miararré. Sendo assim, saíram no dia 29 de qual mês para a coleta dos objetos junto a Lagoa, Tacumã, Sampaim e Tauacumã, juntamente com Acary. Sobre esta expedição, segue o relato feito por ele:

Com nossa bagagem constituída de rêde, cobertor, lampada, arma e pertences de uso pessoal encaminhamos para a Lagoa Ipavu, um percurso de 10 minutos. Era precisamente 9.15 quando, em uma pequena canoa, iniciamos a navegação que durou 30 minutos. [...] Eram 12,30 quando descarregamos a bagagem e preparamos uns sanduiches que seria(sic) o nosso almoço.

Armadas as redes descansamos até as 13,30, quando, com a chegada dos irmãos de Tacumã, o Pagé Sampaim e o índio Tauacuman, iniciamos os trabalhos de coleta de fragmentos de cerâmica que eram retirados do fundo da Lagôa.

Para facilitar estudos de laboratório, numeramos os sítios de onde era feita a coleta de 1 a 4, distanciados um do outro 50 mts aproximadamente. Devido ao volume d'água, não foi possível mergulhar no centro da lagoa, onde segundo os dois pagés, peças inteiras e de feitos vários, seriam encontradas. [...] Depois de 3,30 horas de mergulhos e descansos, havíamos coletado:

No sítio nº 1: 10 peças

No sítio nº 2: 5 peças e 1 carvão

No sítio nº 3: 5 peças

No sítio nº 4: 5 peças, 1 carvão e 1 cabo de machado. (OLIVEIRA, 1976b, p.3)<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Os objetos aqui citados foram localizados recentemente (novembro de 2017) na Reserva Técnica Arqueológica 2 - Sala Margarida Davina Andreatta, conforme detalhado adiante.



Figura 2: Coleta dos Objetos na Lagoa Mirarré - Foto retirada do Acervo Documental do MA



Figura 3: Coleta dos Objetos na Lagoa Mirarré - Foto retirada do Acervo Documental do MA

Para esta viagem, Acary não levou a quantidade de presentes suficientes para pagar ao Pajé, mas através de um crédito de confiança dado por Takuman, ficou de retornar a aldeia dois meses depois, com os recursos solicitados e pronto para dar continuidade às pesquisas na Lagoa. Desta forma, no dia 20 de setembro, juntamente com a equipe de pesquisadores, Acary retornou a aldeia transportando os presentes prometidos. Esta segunda e última viagem a Lagoa, foi acometida de diferentes situações, desde a chegada do pesquisador a aldeia, até a

ida ao local, fatos que dificultaram a coleta de mais objetos, como pode ser visto no relato a seguir:

Ao amanhecer desse dia dirigi-me à aldeia sendo recebido por Tacumã que tinha uma revelação a fazer-me. Disse-me, que na minha ausência havia coletado duas peças que foram escondidas na mata para posterior entrega.

Acontece que, na noite em que as peças foram coletadas, fortes ventos, seguidos de trovões e relâmpagos haviam atingido sua aldeia, espalhando terror e medo na sua gente.

Nesta noite, teve um sonho mau. O forte vendaval havia sido enviado pelo “dono das peças”, demonstrado não estar satisfeito com o proceder de Tacumã, retirando-os do leito da lagoa. Amedrontado, logo ao amanhecer voltou ao local onde havia deixado as peças, não encontrando-as. Possuído de grande medo Tacumã me advertiu de que se essas peças fossem novamente encontradas, não seriam tocadas, receando ser severamente castigado.

Em outro sonho recebeu nova mensagem: Todo fragmento de cerâmica encontrado poderia ser retirado, mas que tivesse muito cuidado com as peças inteiras principalmente as modeladas em forma de peixes que jamais poderiam ter outro destino, sob pena de se extinguirem os peixes que constituem a dieta alimentar quotidiana de todos os índios. (OLIVEIRA, 1976b, p. 4,5<sup>11</sup>)

Apesar das advertências recebidas, o Chefe e Pagé Takuman, motivado pelos presentes apresentados, juntamente com o Pajé Sampain, saíram em nova expedição para a Lagoa no dia 22 de setembro, sendo acompanhados apenas por Acary. Sobre esta expedição, ele relata:

Acontece que, após a nossa chegada com o céu limpo e umas poucas nuvens escuras o tempo mudou, aparecendo nuvens negras, o calor aumentou, havia inquietação ambiental, prenuncio de tempestade. Foi o que aconteceu. As 20.00 horas desabou tremendo temporal: relâmpagos, trovões, chuva pesada, ventos fortes que de imediato pôs o nosso improvisado abrigo constituído de umas poucas palhas sobre uma armação precária, a descoberta. [...] Ao amanhecer fui notificado por Tacumã de que ele e seu irmão Sampain haviam decidido não trabalhar na Lagoa, face a advertência de forças sobrenaturais demonstradas na noite anterior. Por mais que tentasse explicar que nessa época, a violenta perturbação da atmosfera era comum, narrando os efeitos dos tufões, trombas d’água, terremoto, tempestade tropical que assolam os “Cuiabás Caraíbas” (cidades civilizadas), não se convenceram, afirmando convictos ser um aviso de seus espíritos protetores e que somente na Lagoa e imediações é que o tempo sofrera alterações.[...] Apelei para os inúmeros presentes que levava e o castigo que eu receberia de meu chefe se regressasse sem nenhuma peça, pois todos me chamariam de “jurué”, mentiroso. [...] Confabularam durante uns quarenta minutos e o meu nome por várias vezes foi citado. Notava-se haver boa vontade em uma solução a meu favor, possivelmente visando os presentes que sabiam serem meus, caso houvesse peças para troca. Os presentes eram tentadores, não só pela qualidade, mas principalmente pela quantidade.

As 10 horas junta-se a nós o terceiro irmão de Tacumã, de nome Tauacumã [...]

---

<sup>11</sup> Transcrição de documento completo no anexo 01.



Seguiu-se nova reunião, agora com os três irmãos, chegando-se a uma conclusão: Eu retornaria ao Posto Leonardo Villas Boas e eles permaneceriam nas imediações da Lagoa, atentos a qualquer modificação do tempo. Caso permanecesse bom como estava até o dia seguinte, eles fariam alguns mergulhos e as peças encontradas me seriam entregues, porém, se uma nova tempestade viesse aparecer, eles regressariam à aldeia abandonando a pesquisa. [...] A noite do dia 24 procurou-me o Pagé Sampaim com um fardo contendo oito cacos de panelas, decoradas com figuras (folha 7) humanas, bichos e desenhos geométricos, nos quais usaram linhas retas e paralelas e mais seis peças completas e bastante curiosas na forma. (OLIVEIRA, 1976b, p. 5, 6 e 7<sup>12</sup>)

O resultado destas pesquisas e coletas causou grande impacto não apenas nos pesquisadores e na comunidade universitária, mas na mídia local e nacional<sup>13</sup>. Jornais e revistas como “O Popular”, “Jornal de Brasília”, “Revista Manchete”, “Folha de Goiás”, publicaram reportagens acerca da Lagoa Miararré e dos acervos coletados. Títulos como “A Lagoa Sagrada”, “Os Monstros da Lagoa Miararré”, “O Mistério da arte indígena da Lagoa Sagrada”, revelam a o interesse e a curiosidade que reforçavam o caráter simbólico e sobrenatural dos objetos, como pode ser visto no trecho e na imagem a seguir:

Ninguém sabe exatamente qual a cultura responsável pelas estranhas cerâmicas encontradas na Lagoa Miararré, bem como a época em que elas foram feitas. Arqueólogos de várias partes do Brasil, alguns reunidos em Goiânia há alguns anos passados, no Seminário do Gabinete de Arqueologia da Faculdade Católica, não conseguiram identificá-las, mesmo servindo-se de métodos comparativos. A conclusão foi unânime: "Até hoje não se viu nada igual, feito pelo índio brasileiro".

Possivelmente, de acordo com a lenda dos Kamaiurá, elas “teriam servido à prática de magia imitativa, ritos propiciatórios destinados a assegurar uma boa pesca”, diz o professor Acary e a arqueóloga Iluska Simonsen, depois de estudarem detalhadamente o material. Suas formas, na maioria antropomorfas ou zoomorfas, são surpreendentes. Há figuras com enormes orelhas e órgãos genitais inteiramente desproporcionais. Em outras, a parte inferior é em forma bipartida de cauda de peixe. Algumas peças lembram arraias, outras têm cabeças de morcegos. Estaria isso tudo diretamente ligado às lendas da Lagoa de Miararré, localizada aproximadamente a 4 km da Lagoa Ipavu, onde vive o povo Kamaiurá, o único que a ela tem acesso, depois de autorizado pelo espírito “Mamaé”? (Jornal de Brasília, p. 12, fev. 1983)

<sup>12</sup> Transcrição de documento completo no anexo 01.

<sup>13</sup> Recortes de jornais e revistas encontram-se no anexo 2.

# OS MONSTROS DA LAGOA MIARRARRÉ

No Parque Nacional do Xingu foram encontradas cerâmicas que poderão mudar os conceitos da arqueologia brasileira

**E** uma cerâmica bem estranha. Tão diferente das outras que arqueólogos de vários estados, reunidos no Seminário do Gabinete de Arqueologia da Faculdade Católica de Goiás, em Goiânia, não puderam identificar uma só peça, mesmo servindo-se de métodos comparativos. Só chegaram a uma conclusão: "Até hoje não se viu nada igual, feito por índios brasileiros." O primeiro passo para a solução desse problema talvez só seja dado quando a Gakushuin University of Science de Tóquio entregar ao professor Acary de Passos Oliveira — diretor do Museu de Antropologia da UFG — o resultado dos testes de carbono-14, feitos em amostras enviadas. Mas, esse laudo fornecerá somente a datação das obras. O professor Passos Oliveira fez um apelo: "Se alguém já viu algo semelhante, comuniquem-se conosco. Isso poderá facilitar nossos estudos para identificar qual a cultura responsável por essas cerâmicas encontradas na lagoa Miarrarré, no Xingu."

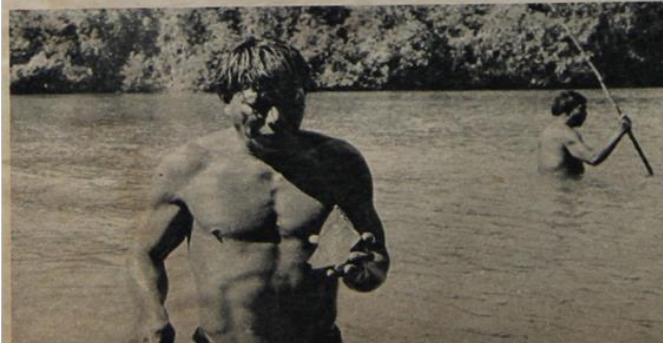
As formas das cerâmicas são surpreendentes. Há figuras monstruosas com enormes orelhas e órgãos genitais inteiramente desproporcionais. Em outras, a parte inferior é em forma de cauda de peixe bipartida. Alguns trabalhos lembram arraia, outros têm cabeças de morcego. Esses possíveis vasilhames, executados com primoroso artesanato, estarão diretamente re-

lacionados com as lendas da lagoa Miarrarré — a lagoa santa dos índios, no Parque Nacional do Xingu?

A região da lagoa Miarrarré — segundo tradição oral dos índios, hoje transformada em lenda — foi habitada por espíritos. Quem tentar desvendar seus segredos provocará duas desgraças: morrerá afogado em suas águas, de onde os peixes também desaparecerão. Só uma pessoa de grande força mental e protegida por Mamaé — o grande espírito da lagoa — poderá pesquisar os seus mistérios, e comunicar-se com a alma dos antigos habitantes do local.

Em 1941, o professor Acary de Passos Oliveira fez parte da Expedição Roncador Xingu, patrocinada pela Coordenação da Mobilização Econômica. Ao chegar àquela região do Xingu, conheceu a lenda da lagoa Miarrarré. "Na época — diz o professor Passos Oliveira — o cacique era Tamapu, pai de Tucumã. Constantemente Tamapu repetia a lenda, mas receava me levar à lagoa. Dizia ser impossível chegarmos até ela. Quando Orlando Villas Boas esteve no Posto Leonardo, Tucumã já era o chefe dos Kamayurá. O cacique mergulhou na lagoa de Miarrarré, trouxe algumas cerâmicas e as ofereceu ao indianista. Como desde 1939 eu colecionava cerâmica indígena a fim de montar um museu, tive grande interesse por esse episódio."

SEGUE



**Manchete**

Reportagem  
de Marlene  
Anna  
Galeazzi  
Fotos de  
Rolnan  
Pimenta

Os  
Kamayurá  
ainda  
trazem do  
fundo da  
lagoa  
Miarrarré  
cacos de  
cerâmicas,  
possivelmente  
milenares.  
O professor  
e arqueólogo  
Acary de  
Passos  
Oliveira (à  
dir.) foi o  
primeiro a  
pesquisar  
no local, a  
coleccionar e  
divulgar  
peças dessa  
estranha  
cerâmica.

Figura 4: Revista Manchete, p. 29, s/d. Fonte: Projeto de Pesquisa MA "Imagens e Relatos de um Sertão Desconhecido: Tratamento Técnico do Acervo Acary de Passos Oliveira"

Além das reportagens sobre a Lagoa Miarré, Acary de Passos Oliveira, juntamente com a pesquisadora Iluska Simonsen publicaram dois livros e um artigo sobre os objetos arqueológicos, sendo eles: *Cerâmica da Lagoa Miarré (Notas Prévias)* – 1976, *Os ídolos antropomorfos da Lagoa Miarré* – 1977, e, *Modelos Etnográficos aplicados a cerâmica Miarré* – 1980, onde detalham um pouco mais seus estudos e possíveis caminhos para a compreensão dos objetos.

Todo processo de contato e coleta dos objetos da Lagoa através de Acary, foi marcado pelo colonialismo então vigente nas práticas arqueológicas e museológicas. Mesmo obtendo respostas desfavoráveis à coleta, seguia com constante insistência, apresentando objetos, e, conforme relatos, subornando mulheres, crianças em busca de informações. Através dos relatos obtidos, se dirigia ao Pajé e obtinha o que desejava em troca de seu silêncio. Estas ações revelam que, mesmo com intuito de pesquisa, e desejosos de adquirir acervos para o novo Museu, o processo de coleta foi marcado por um colonialismo contemporâneo. Segundo Ferreira “o passado nacionalista e colonialista da arqueologia não é fogo morto; é fogo cruzado que continua se propagando pelo mundo contemporâneo” (2008, p. 83,84). Não obstante, sabe-se que Tucumã e os demais Kamaiurá também agenciaram os não indígenas, seja negociando os termos das trocas, seja enviando os objetos que eram indesejáveis na região, por carregarem espíritos que poderiam causar mal aos brancos, como veremos adiante.

Sob estes aspectos a coleção foi construída e analisada e se tornou acervo do Museu. Segundo Bruno, acervos resultantes de expedições colonizadoras “evidenciam a lucidez delimitada pelas diferentes realidades e intenções das rotas e dos percursos, mas possibilitam também a reversibilidade desses olhares.” (2008, p. 149). A realidade da coleção, apesar da sua divulgação através das mídias impressas e das publicações acadêmicas feitas por Simonsen e Oliveira, era a ausência de uma cadeia operatória museológica, marcada por um destino de silêncio (DIAS, 2010). E este destino se apresentava, além das ausências, um ruído comunicacional acentuado (RIBEIRO, 2013/2014), no que concerne a perda de informações acerca dessas peças no âmbito de sua entrada e permanência no MA.

Esses fatos podem ser compreendidos como pontos que nos ajudam a entender a trajetória destes objetos dentro do Museu Antropológico, marcada pelo silenciamento da coleção, que está diretamente relacionado aos sistemas de salvaguarda e comunicação museológica da época. Sobre estas realidades, podemos ter a contribuição da Museologia, em especial, a Musealização da Arqueologia, que por meio da cadeia operatória “permite a

reversibilidade desses olhares, submetendo a novos olhares aquilo que foi visto, selecionado e preservado; ressignificando olhares de outrora; partilhando olhares acadêmicos e permitindo novas apropriações culturais.” (BRUNO, 2008, p. 149). Por meio destes procedimentos, surgiram novas propostas, possibilidades, novos caminhos para coleção, que serão explicitados no capítulo 3.

## CAPÍTULO 3 – DA TEORIA Á PRÁTICA: A MUSEALIZAÇÃO DA COLEÇÃO LAGOA MIARARRÉ

### 3.1 Compreendendo o processo: A Coleção e seu processo de musealização

Musealizar é trazer diferentes significados aos objetos, é perceber a potencialidade de se tornarem portadores de outros sentidos, assumindo um papel de “evidência material ou imaterial do homem e do seu meio” (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013, p.57). Além disso, é possibilitar a reversibilidade de olhares sob o que foi visto, selecionado e preservado, submetendo a novos prismas e permitindo apropriações culturais, ao compartilhá-los com a sociedade. (BRUNO, 2008, p.149) O ato da musealização<sup>14</sup>, que perpassa ações de seleção até processos de salvaguarda e comunicação, está inserido ao longo de toda a cadeia operatória museológica, ou seja, é composto de diversas ações no âmbito dessa cadeia. Para este processo ser eficaz, é necessário que cada uma de suas etapas seja contemplada e registrada, evitando assim ruídos comunicacionais (RIBEIRO, 2013/2014, p. 98).

Segundo Ferrez (1994), os objetos podem se localizar em diferentes contextos, sendo eles o contexto primário, o contexto arqueológico e o contexto museológico, como no quadro a seguir:

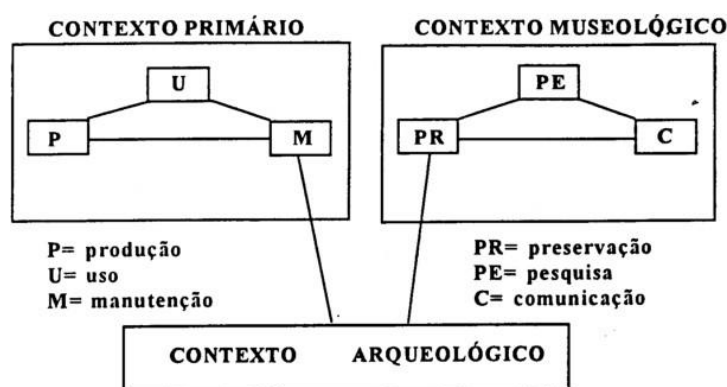


Figura 5: Contexto dos Objetos (FERREZ, 1994, p. 2)

Em consonância essa análise, os objetos da Coleção da Lagoa Miarraré transitaram ao longo destes contextos, sendo utilizados inicialmente como objetos cotidianos em seu contexto primário, posteriormente, por meio de processos de reciclagem<sup>15</sup> vieram a se tornar

<sup>14</sup> Conceito detalhado no primeiro capítulo.

<sup>15</sup> Por meio da análise arqueológica dos objetos, que será detalhada mais adiante, constatou-se que muitos dos objetos da Coleção foram frutos de reaproveitamento de fragmentos cerâmicos, como panelas, vasilhas, pratos, entre outros.

objetos votivos, materializando o invisível, sendo encontrados, no ato de coleta, em um contexto arqueológico, e a partir daí, trazidos a um contexto museológico, quando incorporados ao Museu Antropológico.

Os objetos perdem e recebem diferentes informações ao longo de sua vida, que se estabelecem através da produção (quem faz), do uso (quem usa, e quando usa) e da manutenção (como usa e como mantém). Segundo a autora (FERREZ, 1994 p.2), quando estes objetos mudam de um contexto para outro, as perdas e ganhos de informações são ampliadas. No caso dos objetos que se encontram no contexto arqueológico, as perdas se acentuam a níveis tão elevados, que nem sempre é possível recuperar com exatidão todas as informações. Por isso, é necessário o uso minucioso de teorias e métodos arqueológicos para compreender como o objeto foi confeccionado, onde se localizava durante as escavações, em qual contexto espacial e social existia, entre outros dados que permitem a criação de hipóteses sobre estes objetos. Este trabalho é executado pelos profissionais da Arqueologia, que tem o domínio das técnicas necessárias a esta compreensão.

Ao transitarem novamente entre os diferentes contextos, neste momento do arqueológico para o museológico, são acrescentadas novas informações e ressignificações. Por isso, a Musealização da Arqueologia, além de englobar todos os aspectos da cadeia operatória museológica, requer uma interação contínua entre as duas áreas, a fim de se extrair o máximo de informações sobre os objetos, permitindo que estes dados sejam preservados e comunicados à sociedade, e ao mesmo tempo evitando as perdas. Sendo assim, a Musealização da Arqueologia consiste em todo o processo que pode ser visto na imagem a seguir:

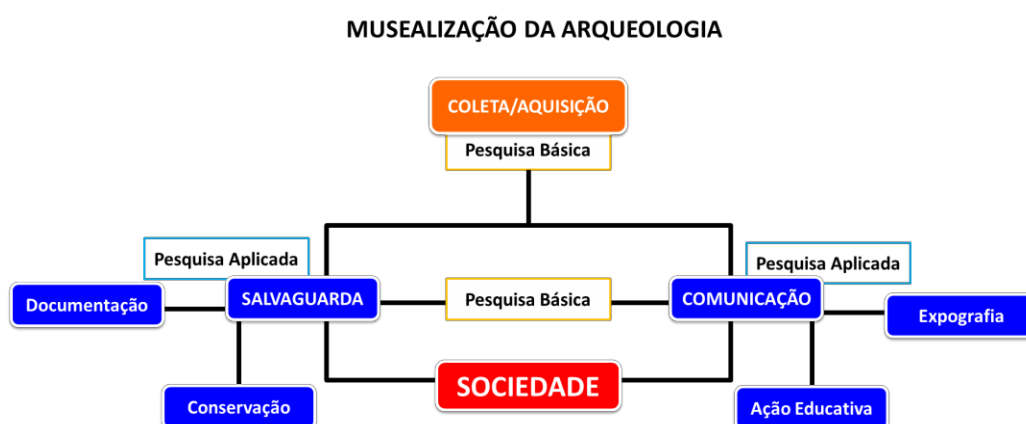


Figura 6: Processo de Musealização da Arqueologia - Criado pela Autora com base em Cândido, 2014, p. 35.

Na imagem acima, temos o processo de coleta, salvaguarda e comunicação, onde a pesquisa (básica e aplicada) tem especial importância, assim, na cor azul temos as ações voltadas a Museologia e na cor laranja, a Arqueologia. É fundamental perceber que estas ações não devem ser direcionadas a apenas uma área, mas necessitam abranger um diálogo interdisciplinar entre a Museologia e a Arqueologia, uma vez que, cada um destes campos lança um olhar sobre diferentes especificidades, e, quando reunidos possibilita uma amplitude de sentidos e significados. Além disso, é importante salientar que estes campos de ação não têm como objetivo restringir e delimitar a participação de cada área, mas são uma tentativa de facilitar a visualização de onde cada uma é capaz de trazer maiores contribuições.

A Coleção Lagoa Mirarré, como já foi visto anteriormente, é fruto de expedições realizadas pelo primeiro diretor do Museu Antropológico da UFG, Acary de Passos Oliveira. A partir da pesquisa sobre a CLM é possível perceber uma trajetória de abandono e silenciamento destes objetos que, por suas características tão diferenciadas, poderiam apresentar um enorme potencial de pesquisa para o Museu Antropológico. O centro deste problema está relacionado a falhas ocorridas ao longo de todo processo de musealização dos objetos, durante a cadeia operatória (coleta – salvaguarda – comunicação), que pode ser destacado a partir de três aspectos.

Em primeiro lugar, a coleta foi marcada por uma relação colonialista, em que o pesquisador, por meio de sua constante insistência e persuasão, obteve os objetos desejados. Em nome da ciência, da pesquisa e do desenvolvimento, o patrimônio do outro, do “nativo”, se tornou alvo da apropriação alheia, que, não o compreende, não valoriza, e, em seus discursos, não lhe concede o sentido sobrenatural devido, e quando o faz, justifica esse caráter simbólico do “homem selvagem” na falta da nítida compreensão dos fenômenos naturais que este, por sua vez, possui. Estes discursos podem ser visualizados ao longo dos relatos de Acary, como no trecho abaixo:

Somente os Pagés Tacumã, seu irmão Sampaim e seu tio Mapi podem se utilizar da Lagoa autorizados que estão por forças sobrenaturais chefiadas pelo espírito de Mamaé, protetor dos índios Kamaiurá e por extensão da inviolável Lagôa.

O mundo selvagem está inteiramente empregnado(sic.) de misticismo. Enquanto o homem civilizado dispõe de grande massa de informações que lhe dão nítida compreensão dos fenômenos naturais – o primitivo vive perdido entre perigos e mistérios, efetivos e imaginários, para os quais não dispõe de explicações racionais. Falta lhe outrossim segurança porque não tem consciência das próprias forças. De conseguinte, sua formação de imagens se rege pela efetividade; e, para satisfazer o instutivo(sic) anseio de explicações o pensamento se volta para o fantástico. (Alves

Garcia – Princípio de Psicologia, 3ª ed., Rio, 1964). (OLIVEIRA, 1976b, p. 2, grifo nosso)

O segundo e o terceiro aspecto repousam na ausência de ações de salvaguarda e comunicação da Coleção, respectivamente. Na salvaguarda, criando grandes lacunas de informações e na comunicação, distanciando a coleção da sociedade e, em especial, do povo Kamaiurá. Segundo Lemos (2013/2014, p. 98) os “obstáculos/ruídos comunicacionais”, que são a falta de um aprofundamento de dados técnicos e pesquisas (básica e aplicada), interferem diretamente nos fluxos de informações, e impedem que as informações dos museus cheguem à sociedade.

Todos estes dados só puderam ser obtidos por meio de um longo percurso de investigação da Coleção. Para isso, fez-se necessário o exame da documentação museológica, bibliográfica (publicações feitas por Acary de Passos Oliveira e Iluska Simonsen) e análise dos fundos documentais do MA chegando à criação de novas ações de salvaguarda e comunicação que serão detalhadas a seguir.

### **3.2 Examinando a documentação museológica**

A primeira ação a ser realizada em relação à busca de dados sobre a coleção consistiu na verificação da documentação museológica do Museu Antropológico. A sistematização desta documentação no MA consiste na existência de dossiês para cada objeto do acervo etnográfico e arqueológico da RTE. Os dossiês são formados por uma série de documentos museológicos acerca das peças, tais como: Ficha de Identificação (documento mais atual do museu), Ficha Etnológica ou Técnica, Ficha de Identificação e Localização do Objeto (tamanho pequeno como cartão), Ficha Rápida de Identificação, Ficha de Conservação e Ficha de Inventário Museológico. Além dos dossiês, fazem parte do sistema de documentação museológica da RTE o Livro de Tombo, o Livro de Inventário, as Folhas de Inventário e as Fichas de Localização.

Ao se pesquisarem os dossiês da Coleção foi constatado que as pastas estavam vazias, ausentes de informação. Os únicos dados museológicos encontrados foram as Fichas de Localização, as Folhas de Inventário e a relação das peças no Livro de Inventário<sup>16</sup>, onde os dados presentes se restringem ao número, nome e localização dos objetos na RTE, além da informação que a Coleção conta com 38 objetos.

---

<sup>16</sup> A relação da CLM no Livro de Inventário do Museu Antropológico pode ser vista no anexo 03.



83.14.0001	0423	3549	Cerâmica zoomorfa	Lagoa Miararré	3496
83.14.0002	0424	3550	Cerâmica antropomorfa	L.Miararré-Xingu	3497
83.14.0003	0425	3551	Cerâmica antropomorfa	L.Miararré-Xingu	3498
83.14.0004	0426	3552	Cerâmica antropomorfa	L.Miararré-Xingu	3499
83.14.0005	0427	3553	Cerâmica antropomorfa	L.Miararré-Xingu	3500
83.14.0006	0428	3554	Cerâm.zoomorfa(raia)	L.Miararré-Xingu	3501
83.14.0007	0429	3555	Cerâm.zoomorfa(ave)	L.Miararré-Xingu	3502
83.14.0008	0430	3556	Cerâmica antropomorfa	L.Miararré-Xingu	3503
83.14.0009	0431	3557	Cerâmica zoomorfa	L.Miararré-Xingu	3504
83.14.0010	0432	3558	Peixe estiliz.em cerâm.	L.Miararré-Xingu	3505
83.14.0011	0433	3559	Peça cerâm.antropomorfa	L.Miararré-Xingu	3506
83.14.0012	0434	3560	Fragmtº de cerâmica	L.Miararré-Xingu	3507
83.14.0013	0435	3561	Fragmtº de cerâmica	L.Miararré-Xingu	3508
83.14.0014	0436	3562	Cerâmica zoomorfa(ave)	L.Miararré-Xingu	3509
83.14.0015	0437	3563	Frag.Cerâm.(alça/vaso)	L.Miararré-Xingu	3510
83.14.0016	0438	3564	Fragmtº de cerâmica	L.Miararré-Xingu	3511
83.14.0017	0439	3565	Cer.zoomorfa modelada	L.Miararré-Xingu	3512
83.14.0018	0440	3566	Cerâmica zoomorfa	L.Miararré-Xingu	3513
83.14.0019	0441	3567	Cerâmica zoomorfa	L.Miararré-Xingu	3514
83.14.0020	0442	3568	Cerâmica indefinida	L.Miararré-Xingu	3515
83.14.0021	0443	3569	Cer.c/forma indefinida	L.Miararré-Xingu	3516
83.14.0022	0444	3570	Cerâmica zoomorfa(raia)	L.Miararré-Xingu	3517
83.14.0023	0445	3571	Cerâmica zoomorfa	L.Miararré-Xingu	3518

Figura 7: Livro de Inventário MA - Coleção 83.14.

Ministério da Educação e do Desporto  
Universidade Federal de Goiás  
Museu Antropológico

Luz 2013  
J 2015

### FICHA DE LOCALIZAÇÃO

N.º de inventário: 83.14.16

N.º antigo:

Peça: Fragmento/Cerâmica

Origem: Lagoa Miararré

Matéria-prima: Argila

Dimensão: Alt. 5cm, Larg. 3cm

Figura 8: Ficha de Localização MA - Objeto 83.14.16.

### 3.3 Examinando a bibliografia concernente

Em busca de maiores informações a respeito da CLM, foram localizadas três publicações<sup>17</sup> feitas por Acary de Passos Oliveira e Iluska Simonsen que forneceram muitos dados acerca da Coleção. Informações como o número de objetos analisados, considerações

<sup>17</sup> Cerâmica da Lagoa Miararré (Notas Prévias) – 1976; Os ídolos Antropomorfos da Lagoa Miararré – 1977; Modelos Etnográficos Aplicados à Cerâmica de Miararré – 1980.

arqueológicas feitas por Acary e sua equipe, localização geográfica da Lagoa e breves relatos das relações de troca e lendas que envolviam os objetos. Além destas noções sobre as peças, em sua última publicação sobre a Coleção (SIMONSEN; OLIVEIRA, 1980, p. 27), pôde-se observar que foram analisados 141 objetos, sendo a maioria formada de peças inteiras. A partir desta amostragem, e segundo texto de Acary, os objetos se dividem em duas séries distintas, sendo a primeira de objetos utilitários (29,1%) e a segunda de objetos não utilitários (70,9%). Sobre a classificação das peças não utilitárias ele afirma:

Estas peças, todas modeladas, diferenciam-se em três séries. Na primeira estão englobadas peças de feitura realista, que buscam retratar os seres vivos dos quais são cópia. Na segunda, estão aquelas esquemáticas. Na terceira, foram reunidas aquelas cuja caracterização é duvidosa e os objetos de adorno. Em todos os casos, são peças das quais não restam dúvidas de que tratam de objetos votivos ou cerimoniais. (SIMONSEN; OLIVEIRA, 1980, p. 29,30)

Os dados especificados no trecho acima e as séries criadas através de seus estudos também podem ser vistas no gráfico a seguir:

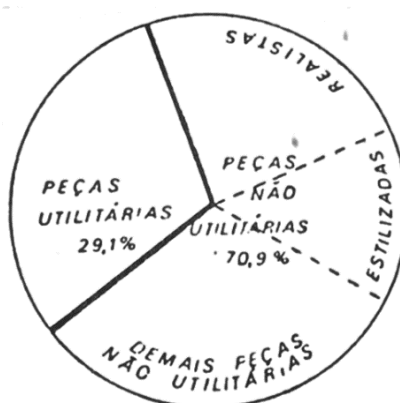


Figura 9: Distribuição Percentual dos Tipos (SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980, p. 35)

Com a leitura das três publicações e por meio da análise comparativa das imagens e desenhos dos objetos (contidos ao fim de cada um dos textos), foi possível estabelecer uma estimativa parcial<sup>18</sup> de quais objetos pertenciam à Coleção do MA, e quais objetos pertenciam a outras coleções particulares, e que pessoas seriam os proprietários dos mesmos. As publicações (referentes aos anos de 1976 e 1980) integram 37 objetos, sendo 19 do MA, 16 da Coleção Orlando Villas Boas e 2 da Coleção denominada como do Sr. Sidney. O gráfico a seguir sintetiza a análise empreendida:

<sup>18</sup> Que pode ser visualizada no anexo 04.

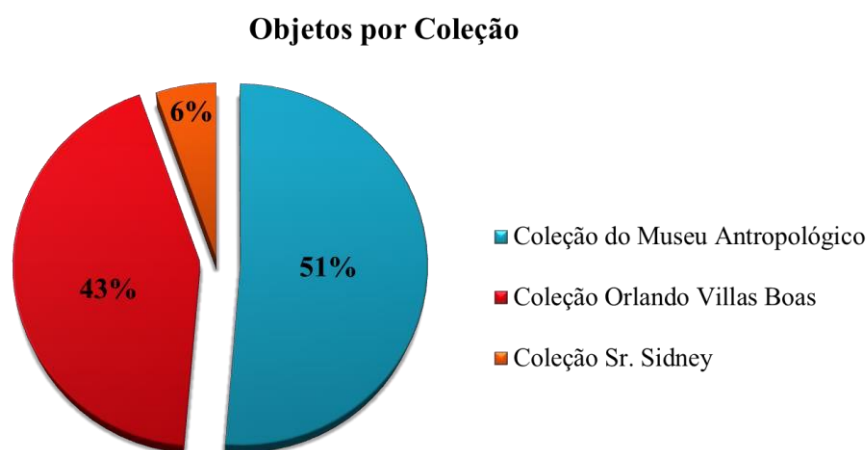


Figura 10: Resultado da Análise das Publicações<sup>19</sup> (SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 e SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980)

Após a última publicação encontrada (1980), não se tem mais registro de estudos ou publicações sobre esta Coleção no Museu Antropológico.

### 3.4 Examinando o fundo documental

Tendo em vista a realidade da CLM, em relação à escassa documentação museológica existente sobre os objetos, optou-se pela busca em alguns fundos documentais do Museu Antropológico, sendo eles a Documentação Comprobatória da Coleção Lagoa Miararré<sup>20</sup> e as Correspondências oficiais, material presente na Coordenação de Museologia. A partir do fundo documental de correspondências, foram pesquisados os documentos relativos aos anos de 1970 a 1978 como ofícios, notas fiscais, relatórios, recibos, autorizações de viagens e fotografias. Com base nestes documentos, foi possível localizar informações como as diferentes datas das expedições para a Lagoa, como se realizaram as trocas, quando foi permitida a coleta, impressões pessoais do professor Acary, além do relato detalhado de algumas das viagens. Pela documentação comprobatória, possibilitou-se a descoberta de um relato mais detalhado<sup>21</sup> sobre as duas últimas viagens a Lagoa Miararré.

<sup>19</sup> Ainda não foi possível localizar as Coleções Orlando Villas Boas e do Sr. Sidney, uma vez que não fazem parte do acervo do Museu Antropológico.

<sup>20</sup> Relatório das últimas viagens de Acary à Lagoa Miararré (de Julho a Setembro de 1976) – Documentação Administrativa da Coordenação de Museologia.

<sup>21</sup> Ver anexo 01.

A primeira etapa de análise dos fundos documentais ocorreu com a leitura das Correspondências. Através deste exame pôde-se observar que os dados dos documentos eram relacionados a diferentes temáticas, como à pesquisa arqueológica, o contexto político na qual a Universidade estava inserida, as relações que o Museu Antropológico realizava com outras instituições afins, como o Museu Paraense Emílio Goeldi, os interesses do professor Acary nos processos de coleta, as normativas estabelecidas pela FUNAI de como deveriam se proceder as relações e as trocas com as comunidades indígenas, e finalmente o relato das viagens a Lagoa.



Figura 11: Pesquisa no Fundo Documental da Coordenação de Museologia - MA. Foto: Vanessa Resende

Durante a análise desta documentação, optou-se por criar uma sistematização detalhada das temáticas dos documentos em uma planilha resumindo o conteúdo de cada documento e a transcrição dos trechos mais relevantes, que tratassem de aspectos arqueológicos relacionados à Lagoa e aos próprios relatos de coleta. No decorrer destas consultas, foram localizados também, com a colaboração de outros funcionários do Museu, recortes de jornais e revistas relacionados à Lagoa Miararré, provenientes do projeto de pesquisa “Imagens e Relatos de um Sertão Desconhecido: Tratamento Técnico do Acervo Acary de Passos Oliveira”, também realizado no MA, e um fundo fotográfico da Lagoa, com registro dos objetos, da coleta (mergulhos) e com fotos aéreas da região.

Por meio dos estudos destes fundos documentais foi possível realizar o levantamento

de uma série de informações a respeito desta Coleção que, até então, eram desconhecidas. A partir daí reforçou-se a necessidade de se criar uma documentação museológica detalhada sobre os objetos, que abrangesse também alguns aspectos da pesquisa básica arqueológica, a partir de modelos já existentes e utilizados no órgão, a fim de ser proposta ao Museu<sup>22</sup>. Além de ações voltadas a salvaguarda (documentação e conservação), sentiu-se a necessidade de comunicar a coleção a indígenas Kamaiurá, possibilitando novos diálogos que antes, não haviam sido possibilitados.

### 3.5 Novos olhares sobre a Coleção: proposta de salvaguarda

Com a necessidade da criação de uma documentação museológica para Coleção da Lagoa Miararré, tornou-se indispensável a execução de uma série de etapas que consistiram desde a análise das peças até o preenchimento de uma nova ficha. A primeira etapa se realizou por meio do contato direto com os objetos. Inicialmente, eles foram analisados de forma rápida e superficial, com o fim de se estabelecer alguns parâmetros para a elaboração da Ficha de Dados Arqueológicos (FDA). A elaboração desta foi feita a partir de discussões e reflexões sobre os objetos, e suas especificidades por meio de um diálogo interdisciplinar.



Figura 12: Análise e verificação dos objetos. Foto: Karolyn Soledad

A FDA foi desenvolvida para atender as necessidades descritivas desta coleção, e, ao mesmo tempo, suprir as demandas (em campos de informações) de outras tipologias de

---

<sup>22</sup> O resultado destes trabalhos será detalhado mais adiante.

acervo arqueológico, podendo ser utilizada, caso aprovada pela Comissão de Acervo, como mais um recurso documental do Museu Antropológico. Ela se compõe por 59 campos descritivos divididos em 11 blocos, que abrangem aspectos tanto da pesquisa básica como da pesquisa aplicada. Convém destacar que alguns campos dessa ficha são os mesmos da Ficha de Identificação, já utilizada pelo Museu Antropológico, criando um diálogo com a documentação existente no MA, e, ao mesmo tempo, visando facilitar o preenchimento dos campos semelhantes de ambas as fichas.

Nº Inventário/ Registro	
Objeto	

Figura 13: 1º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Informações Gerais (Campo já existente na Ficha de Identificação)

A imagem acima é relativa ao primeiro bloco da ficha. O desafio em sua elaboração esteve relacionado aos números dos objetos. Estes possuem um número de inventário - organização numérica tripartite do MA que consiste nas seguintes informações: ano de entrada no museu, número da coleção, número do objeto na coleção, como no exemplo: 83.14.01 (Entrada no ano de 83<sup>23</sup>, coleção de número 14, objeto número 01 desta coleção) - registrado em cada peça. Com a análise do Livro de Inventário foram localizadas outras numerações como: registro geral, anual e antigo. Pelo fato de haverem poucas informações sobre a coleção, e com o receio de se perderem estes poucos dados, chegou-se a um consenso do uso de todas as numerações antigas em um bloco da ficha, como pode ser visto na figura 12.

Outra dificuldade encontrada foi a nomenclatura a ser dada aos objetos. Embora já recebessem uma classificação no Livro de Inventário, as informações nem sempre conferiam com as peças. Tendo em vista que a ficha foi elaborada a partir de dois olhares (museológico e arqueológico), estabeleceram-se nomenclaturas que pudessem atender ambas as áreas.

<sup>23</sup> É importante verificar que apesar da Coleção ter sido coletada no ano de 1976, e neste mesmo ano ter sido trazida ao museu, possivelmente só foi incorporada ao acervo desta instituição em 1983, ano referente à numeração que os objetos receberam.

1. Números anteriores		2. Inventário	
1.1. Geral		2.1. Volume	
1.2. Anual		2.2. Páginas	
1.3. Antigo		2.3. Objeto	
		2.4. Origem	
		2.5. Quantidade	

Figura 14: 2º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos - Informações Anteriores (Novo campo incluído na ficha)

O bloco acima consiste no uso de informações anteriores encontradas em um dos instrumentos de Documentação Museológica do MA, o Livro de Inventário. Estes dados se referem a numerações antigas e nomenclatura registradas no Livro de Inventário além de outras informações como volume, nº da página que se refere ao objeto, origem descrita neste documento e a quantidade – dado que não representa o número de objetos, mas uma informação numérica contida no Inventário.

3. Aquisição	
3.1. Data	
3.2. Modo de aquisição	
3.3. Equipe	

Figura 15: 3º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos - Informações de Aquisição (Campo já existente na Ficha de Identificação)

4. Origem	
4.1. Estado	
4.2. Município	
4.3. Região (segundo Carta Arqueológica de Goiás)	
4.4. Área (segundo Carta Arqueológica de Goiás)	
4.5. Nome do Sítio	
4.6. Sigla no CNSA	
4.7. Outras denominações ou siglas	
4.8. Coordenadas geográfica/ UTM	
4.9. Contexto arqueológico	

Figura 16: 4º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos - Informações de Origem Geográfica e Arqueológica (Campo já existente na Ficha de Identificação)

<b>5. Documentação comprobatória</b>	

Figura 17: 5º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Referência a Documentação Comprobatória da Coleção (Campo já existente na Ficha de Identificação)

Os três blocos anteriores se referem a dados relacionados ao processo de coleta, como data, forma de aquisição e equipe (bloco 3). No caso desta coleção não foi possível identificar com precisão quando cada objeto foi coletado. Dados geográficos e arqueológicos, de localização do sítio também compõe a ficha (bloco 4). E referência à documentação que justifica ou comprova a forma de aquisição dos objetos (bloco 5). No caso desta coleção estes documentos foram pesquisados e sistematizados através do Subprojeto Acary, onde a documentação comprobatória se localiza nas Correspondências de 1970 a 1978 e na Documentação Comprobatória da Coleção Lagoa Miararré.

<b>6. Associação étnica</b>	
<b>6.1. Povo indígena:</b>	
<b>6.2. Língua falada:</b>	
<b>6.3. Família linguística:</b>	
<b>6.4. Tronco linguístico:</b>	

Figura 18: 6º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Informações sobre a Origem Étnica (Campo já existente na Ficha de Identificação)

Este bloco se deteve a abordar dados sobre a origem étnica dos objetos, e outras informações sobre esta origem, como língua falada, família linguística e tronco linguístico. No caso desta coleção, foram inseridos neste campo os grupos indígenas que se apropriavam do valor simbólico dos objetos e com quem Acary fez as trocas, os Kamaiurá. Porém, ao se verificar uma possível associação de produção, eles (indígenas Kamaiurá) não se reconhecem como produtores das peças. Através da análise bibliográfica, e da análise dos objetos é possível perceber semelhanças destas cerâmicas com a produção Waurá, povo responsável pela produção cerâmica no sistema regional de trocas do Xingu.



<b>7. Descrição Técnica</b>	
7.1. Matéria Prima	
7.2. Categoria	
7.3. Subcategoria	
7.4. Objeto	
<b>7.5. Pasta</b>	
7.5.1. Antiplástico	
7.5.2. Espessura do Antiplástico	
7.5.3. Frequência do Antiplástico	
7.6. Técnica de construção	
7.7. Técnica de acabamento de superfície	
7.8. Técnica de queima	
<b>7.8. Decoração</b>	
7.8.1. Incisa	
7.8.2. Ponteadada	
7.8.3. Entalhada	
7.8.4. Aplicada/Excisa	
7.8.5. Outras	
7.9. Motivos da decoração	
<b>7.10 Dimensões</b>	
7.10.1. Altura (cm)	
7.10.2. Largura (cm)	
7.10.3. Comprimento (cm)	
7.10.4. Espessura (cm)	
7.10.5. Espessura do lábio (cm)	
7.10.6. Diâmetro de boca (cm)	
7.10.7. Diâmetro máximo (cm)	
7.10.8. Diâmetro de base (cm)	
6. Forma:	
7. Função	
8. Descrição	

Figura 19: 7º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Informações Técnicas Arqueológicas (Novo campo incluído na ficha)

O bloco 7 FDA é a única seção destinada a campos específicos da Arqueologia – pesquisa básica. É importante salientar que, apesar desta ficha ser realizada com a interação de distintas áreas científicas, a Museologia e a Arqueologia, por meio da presença de diferentes profissionais na equipe do projeto, esta seção documento assume características mais voltadas as técnicas arqueológicas, uma vez que fará parte do dossiê dos objetos, sendo acompanhado pela Ficha de Identificação (documento museológico já existente no museu). Apesar deste caráter mais técnico, os campos de altura, largura, comprimento e espessura fazem diálogo com a Museologia, pois quando preenchida foram respeitadas as formas de medição padrão utilizadas para os outros objetos da RTE.

Este bloco se faz extremamente necessário, pois a partir destes dados, e através da análise de profissionais da Arqueologia, outros sentidos podem ser adquiridos através das informações ali retratadas. O diálogo interdisciplinar é fundamental para que não hajam perdas de informação, pelo contrário, ganhos, que possibilitem, mesmo que posteriormente, novos estudos e pesquisas que visem trazer outros sentidos e significados a coleção. Vale destacar, que neste bloco, o campo de descrição, tem como objetivo fazer um resumo de todos os dados contidos na descrição técnica, para que estas informações também possam ser repetidas e aplicadas na Ficha de Identificação.

<b>11. Documentação Fotográfica</b>	

Figura 20: 8º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Documentação Fotográfica (Campo já existente na Ficha de Identificação)

<b>12. Desenhos</b>

Figura 21: 9º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Desenhos (Campo já existente na Ficha de Identificação)

<b>13. Observações</b>

Figura 22: 10º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Observações (Campo já existente na Ficha de Identificação)

Os três blocos acima (figuras 18, 19 e 20) são destinados a inserção de fotografias dos objetos – verso e reverso (bloco 8); a criação de desenhos técnicos sobre os objetos (bloco 9); e a inclusão de informações relevantes sobre as peças que não foram contempladas nos campos anteriores (bloco 10). Estes campos são fundamentais, pois, a partir do registro das imagens (quer seja por fotografias, quer seja por desenhos), facilita a identificação dos objetos, evitando o contato com o acervo e assim, contribuindo com a conservação preventiva.

<b>Data de Preenchimento</b>	
<b>Responsável pelo Preenchimento</b>	

Figura 23: 11º Bloco da Ficha de Dados Arqueológicos – Informações do Preenchimento da Ficha (Campo já existente na Ficha de Identificação)

Finalmente, o último bloco da Ficha de Dados Arqueológicos é referente ao registro das informações de quem e quando ela foi preenchida. Por se tratar de um campo tão pequeno, muitas vezes esta informação deixa de ser registrada. Porém, ela se faz extremamente necessária, principalmente quando há a necessidade de recuperar informações, ou mesmo, datar o processo.

O passo seguinte, após a elaboração da ficha, consistiu no preenchimento<sup>24</sup>, com o fim de averiguar sua funcionalidade e realizar uma análise arqueológica mais detalhada de cada objeto. Durante estes procedimentos, a equipe do projeto esteve amparada com a presença de duas arqueólogas<sup>25</sup>, que foram responsáveis por ensinar as técnicas de observação, análise e,

<sup>24</sup> Exemplos das fichas preenchidas encontram-se no anexo 05.

<sup>25</sup> Citadas na introdução deste trabalho.

corrigir/discutir os dados analisados pelas demais integrantes da equipe, oriundas de outras áreas acadêmicas.

Esta etapa do projeto exigiu maior atenção, aprendizagem, conhecimento e criatividade das integrantes da equipe, pois cada objeto foi analisado individualmente, e descrito, de forma técnica, com as possíveis interpretações que poderia ter. Ao longo deste processo, também tivemos a presença de uma restauradora na equipe, que se dedicou a analisar o estado de conservação de algumas peças. Outras ações de conservação haviam sido previstas para a coleção, mas não foram realizadas durante esta etapa, e serão finalizadas posteriormente.

O preenchimento da Ficha de Dados Arqueológicos possibilitou vislumbrar em números e em dados tipológicos a diversidade de objetos desta coleção. Foram documentados os 38 objetos arqueológicos, e através das fichas, subdivididos nas seguintes categorias:

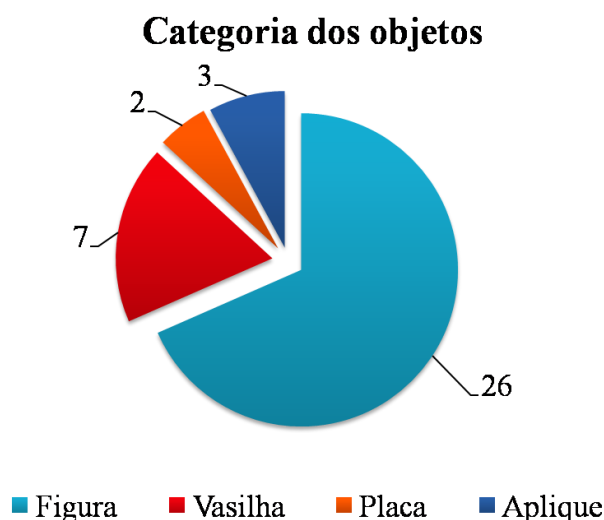


Figura 24: Objetos da Coleção Miararré por Categoria.

As figuras consistem em objetos zoomorfos (formas animais), antropomorfos (formas humanas), híbridos (formas que apresentam tanto características zoomorfas como antropomorfas) e não identificados (quando não foi possível identificar ou associar o formato do objeto). Foram produzidas tanto por modelagem, quanto pela reciclagem de partes de vasilhas cerâmicas. Temos 13 figuras zoomorfas, com representações de peixes, raias, símios, preguiça e batráquios; 5 figuras antropomorfas; 5 figuras híbridas e 3 não identificadas.

Dentre as figuras híbridas temos 3 com a presença de falos, as quais foram relacionadas na oficina efetuada com os Kamaiurá, apresentada adiante, como representações

dos espíritos de Mamaé.

As vasilhas consistem em partes de recipientes utilitários, que foram recicladas para funções rituais/ votivas, a partir da aplicação de motivos incisos, sendo esses geométricos, zoomorfos e/ou antropomorfos.

As placas podem ter sido fragmentos do fundo de recipientes utilitários, o que não ficou evidente na análise tecno-tipológica. Consistem em fragmentos com a aplicação de motivos incisos geométricos.

Os apliques consistem em asas de recipientes utilitários, os quais parecem ter sido reciclados para uso posterior, ritual/votivo.

Outra informação obtida por meio da análise arqueológica consistiu no fato que boa parte das figuras também resulta de fragmentos reaproveitados<sup>26</sup>, onde, através de processos posteriores à confecção original, receberam novos significados e formas.

Ainda que não seja objetivo desse trabalho detalhar a análise tecnológica das peças, convém destacar que a reciclagem de objetos foi identificada claramente em cerca de 40% da coleção. Ademais, em termos de técnica de construção temos peças modeladas, raspadas e lixadas, cuja cadeia operatória se assemelha à descrita por Aristóteles Barcelos Neto para a cerâmica Waurá (2006). Quanto às peças recicladas, as técnicas de raspagem e lixamento foram novamente acionadas para a transformação dos objetos utilitários em objetos votivos, lançados à lagoa. Não obstante, a continuidade dos estudos, a ser realizada pela equipe envolvida, pretende aprofundar essas análises, indo além da tradicional divisão entre objetos utilitários e objetos votivos, assim como compreendendo como o interesse dos não indígenas nas referidas peças pode ter acionado processos de produção diferenciados, bem como a seleção, por parte dos indígenas, daquilo que deveria ser enviado ao mundo dos brancos.

Por fim, cabe apontar que foram localizadas, recentemente, mais três caixas na Reserva Técnica Arqueológica 2 - Sala Margarida Davina Andreatta, com referência ao projeto: “Coleção Iluska Simonsen”, sítio: “Miararré”. Interessante notar a inserção desses objetos na Coleção Iluska e não na Coleção Acary, ainda que a pesquisadora não tenha

---

<sup>26</sup> Como visto anteriormente, Helena DoddFerrez (1994, p. 2) relaciona os procedimentos de reaproveitamento como a manutenção do Contexto Primário dos Objetos, que, neste caso, se submeteu também a um Contexto Arqueológico, quando lançado e coletado junto a Lagoa, e a um Contexto Museológico, quando incorporado ao Museu, e em especial, após os novos processos de Musealização realizados ao longo deste Projeto.

participado diretamente nos trabalhos de coleta na Lagoa, mas apenas nos trabalhos de análise laboratorial e publicações.

Diferentemente dos outros que estavam acondicionados na RTE, estes novos objetos não possuem numeração e não estavam inventariados nas documentações museológicas da Coordenação de Museologia (Folha de Inventário e Livro de Inventário), apesar disso, se relacionam a um Relatório escrito por Acary, pesquisado e analisado nas etapas anteriores deste projeto, no qual faz referência a quatro sítios: sítio nº 1: 10 peças; sítio nº 2: 5 peças e 1 carvão; sítio nº 3: 5 peças; sítio nº 4: 5 peças, 1 carvão e 1 cabo de machado. (OLIVEIRA, 1976b, p. 3).

Outro ponto interessante é que os objetos inseridos nas caixas, desprovidos de apelo estético, realidade diferente dos objetos inseridos na RTE, foram lançados a um destino de silêncio ainda mais acentuado, o que revela os olhares institucionais da época na incorporação do acervo dessa coleção. É importante salientar que até o ano de 1995, todos os objetos “inteiros” e objetos fragmentados eram destinados a Reserva Técnica Etnográfica, enquanto os fragmentos de objetos eram destinados a Reserva Técnica Arqueológica, hoje denominada Sala Margarida Davina Andreatta. Ainda que os olhares lançados as coleções tenham mudado na atualidade, o fato do acervo arqueológico ser bastante numeroso faz com que coleções coletadas anteriormente e separadas de acordo com esse olhar estético ainda não tenham sido integralmente revisitadas, permanecendo essa separação instaurada no passado.

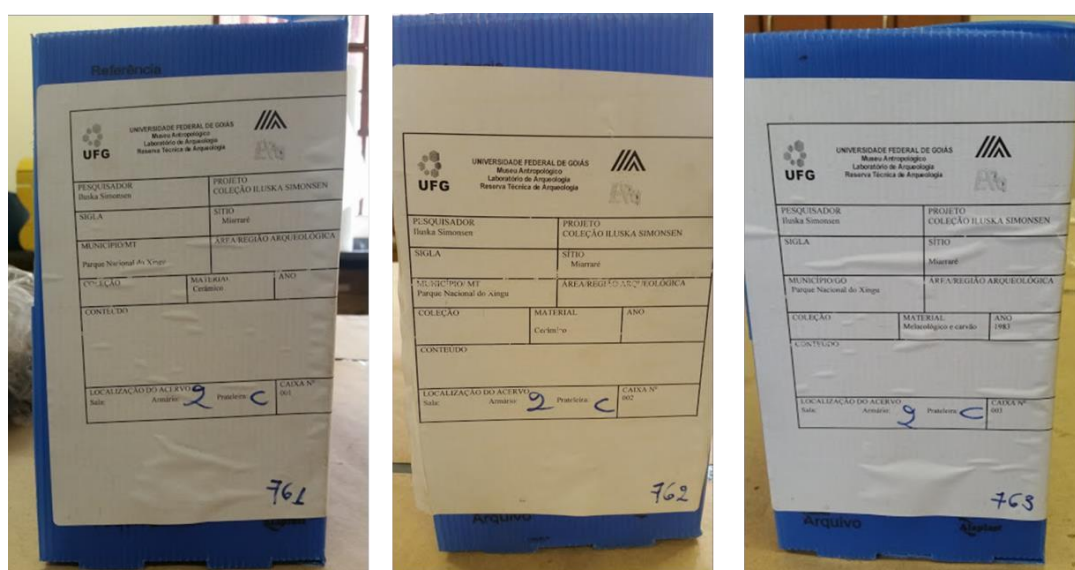


Figura 25: Caixas encontradas na Reserva Técnica Arqueológica 2 - Sala Margarida Davina Andreatta. Foto: Karolyn Soledad

Por meio de uma rápida análise, foi verificado que estes novos conjuntos fazem alusão aos sítios descritos anteriormente, sendo distribuídos da seguinte forma:

	Cerâmicas		Outros
	Fragmentos	Objetos	
Sítio 01	3	2	
Sítio 01	17	15	
Sítio 02	10	3	
Sítio 03	4	2	
Sítio 04	9	7	
Sítio 04	0	0	4 conchas
Sítio 04	0	0	Carvão
Sítio 04	0	0	Cabo de machado carbonizado
Sem etiqueta	12	5	

Tabela 1: Detalhamento dos objetos encontrados

Cabe apontar que muitos objetos foram fragmentados ao longo do tempo, devido ao acondicionamento inadequado, com muitas peças em alguns sacos e inexistência de materiais que absorvessem eventuais impactos sofridos pelas caixas. Dessa feita, temos 55 fragmentos, os quais estão associados a 34 objetos. Essa assertiva está baseada no exame do plano de fratura das peças, que exibem quebras recentes.



Figura 26: Objetos referentes ao Sítio 04. Foto: Karolyn Soledad

A partir das ações de salvaguarda citadas acima, percebemos que, embora apresente poucos objetos em comparação com o relatado nas publicações de Acary (141), a Coleção Arqueológica da Lagoa Mirarré tem um enorme potencial tanto para pesquisas museológicas quanto para pesquisas arqueológicas. Esta potencialidade e especificidade só foram possíveis ser visualizadas com todo processo concluído, reforçando a necessidade de ações de salvaguarda na musealização dos objetos arqueológicos.

### **3.6 Socializando os objetos: proposta/ ação de comunicação**

Ao longo do processo de salvaguarda, com as informações que apareciam sobre a coleção tornou-se evidente, cada vez mais, a necessidade de realizar alguma ação de comunicação que socializasse estes objetos e ao mesmo tempo, trouxesse maiores informações, ou confirmasse os dados dos relatórios do Prof. Acary de Passos Oliveira. Para esta ação fez-se necessário uma série de precauções, uma vez que estes objetos, segundo os relatos, são considerados sagrados.

Após diversas conversas realizadas com a equipe do Subprojeto Acary, foi decidido que para melhor compreensão da coleção, seria necessário realizar uma ação que aproximasse indígenas Kamaiurá (responsáveis pela coleta) dos objetos da coleção em um diálogo aberto, por meio do qual pudessem visualizar as peças, ouvir os relatos e, a partir disso, dar suas contribuições sem restrições.

Decidido o público alvo da ação, a Prof.<sup>a</sup> Camila Azevedo de Moraes Wichers entrou em contato com o Núcleo Intercultural de Educação Indígena Takinahaky da UFG, núcleo responsável pela educação indígena da Universidade, que recebe principalmente nos meses de janeiro e julho estudantes de diversas aldeias para o seu período letivo. O objetivo de contatar este núcleo era verificar a possibilidade de se realizar uma ação com estes estudantes e também confirmar se haveria a presença de algum indígena da etnia Kamaiurá em algum momento do ano letivo. Por intermédio da professora Lorena Dall'Ara, da Licenciatura Intercultural, foi agendado um encontro com os indígenas Maiurí Kamaiurá e Maurício Kamaiurá, no dia 20 de julho, no Núcleo Takinahaky. Essa reunião foi realizada entre a professora Camila, a professora Lorena e os indígenas Kamaiurá, tendo sido apresentada a questão da existência da coleção e acertados os detalhes para realização de uma oficina, considerando as percepções e demandas dos indígenas.

Simultaneamente às conversas realizadas com a Intercultural, a Coordenação de



Antropologia do Museu Antropológico organizou o III Congresso Internacional de Formação em Educação Intercultural e Práticas de Decolonização na América Latina, e possibilitou que, durante este evento fosse realizada uma oficina especial para esta ação de comunicação entre os indígenas e os objetos da Coleção Arqueológica da Lagoa Miarraré, realizando assim, de forma oficial a primeira ação de “exposição” destas peças.

Antes, porém que ocorresse esta oficina, o Museu recebeu indígenas de outras etnias em visitas ao Museu e a Reserva Técnica Etnográfica, oportunidade aproveitada para a realização uma breve conversa sobre os objetos, e, a impressão que recebíamos, após saberem sobre a procedência das peças, era o extremo respeito e receio de realizar algum contato com os objetos. Em determinada visita inclusive, uma das participantes evitava olhar para as peças, tamanho impacto que teve com a história da coleção. Todas estas impressões davam, cada vez mais, uma compreensão melhor de como lidar com os objetos ao apresentá-los ao público e possíveis restrições que poderiam ser recebidas após a futura conversa com os Kamaiurá.

A oficina com os indígenas ocorreu no mês de julho deste ano (2017), e as ações ocorridas ao longo desta atividade foram registradas no relatório abaixo:

#### **Relatório de oficina com os Kamaiurá<sup>27</sup>**

No dia 27 do mês de julho, aproximadamente as 13:45 foi realizada uma oficina no Laboratório de Conservação do Museu Antropológico sobre a Coleção Arqueológica da Lagoa Miarraré.

Dirigida e mediada pela Prof.<sup>a</sup> Camila Moraes Wichers, juntamente com a Técnica Ana Cristina de Menezes Santoro e eu, Karolyn Soledad, a oficina contou com a participação de uma mexicana, dois indígenas da etnia Kamaiurá (Maiurí Kamaiurá e Maurício Kamaiurá) e mais dez brasileiros, integrantes da Linha Temática nº 15 - Interculturalidade, Memória e Patrimônio Cultural do congresso supramencionado, com exceção dos dois indígenas, convidados especiais para essa atividade.

A ação foi realizada a partir da exposição de objetos da Lagoa, fotografias da coleta, publicações referentes a pesquisa, croquis e desenhos de alguns objetos coletados, mapas da organização da aldeia, que se encontravam na bancada do Laboratório de Conservação e

---

<sup>27</sup> Elaborado com base em observações pessoais, no relato etnográfico produzido por Adelino Adilson de Carvalho, servidor do museu e mestrando do PPGAS/UFG, e na gravação de áudio de parte da atividade, captada pela professora Nei Clara de Lima, com a devida autorização dos indígenas

Restauro, inicialmente cobertos.

A oficina foi iniciada com uma breve apresentação feita pela Ana Cristina sobre o Museu e a reserva técnica, sua funcionalidade, e como são feitos alguns processos de documentação, inserindo assim o tema da Coleção Arqueológica da Lagoa Miararré. Em seguida, a palavra foi passada para a Prof.<sup>a</sup> Camila M. Wichers, que retirou os papéis que cobriam os objetos e iniciou uma breve fala sobre o que é a Coleção e alguns aspectos de como foi coletada, a documentação existente, e em seguida passou-se a voz aos indígenas, que já estavam próximos aos objetos, muitos surpresos e curiosos, tirando diversas fotografias.

Maurício Kamaiurá deu início à fala relatando que na “memória dos velhos” sempre contam que pessoas iam a lagoa recolher objetos, mas não sabiam que eram pesquisadores. Eles mesmos (os “velhos”) desconheciam o valor dos objetos. Apesar disso, atualmente disse que conhece a Lagoa, e a utilizam para a pesca, mas não caem na água por dois motivos: por ela ser sagrada e também por medo, pois a lagoa é habitada por jacarés. Ele também contou o que significa o nome da lagoa: mia – animal; rarré – lagoa (lugar). Outra denominação, Yararré, significa lagoa das onças, mas não pode ser pronunciada por todas as pessoas. Essa segunda denominação explica o nome pelo qual o sítio foi registrado junto ao IPHAN.

Após este comentário, a Prof.<sup>a</sup> Nei Clara de Lima perguntou a eles se ainda hoje eram produzidos objetos assim na aldeia, Maurício Kamaiurá respondeu dizendo que não são mais feitos, e Maiurí acrescentou que os Waurá fazem panelas, e algumas das peças expostas eram feitas a partir de panelas quebradas, e a partir daí começou a apontar quais peças poderiam ser resultado de reaproveitamento.

Em seguida, comentaram que algumas das peças eram possíveis ser identificadas, como a raia, os peixes, mas outros objetos, apenas o Pajé poderia dizer o significado, só ele saberia o sentido de determinadas peças. Falando da raia, disseram que se colocassem este objeto na lagoa, ao redor dela encheria de outras raias, realçando o poder dos objetos. Apontando para um dos objetos com falo, o qual possui uma superfície de coloração preta, disseram que seria a representação do espírito de Mamaé, que poderia ser o espírito mau, que poderia “trazer coisas más”, e em seguida comentou que nem chegaria perto deste objeto. Além disso, afirmou que muitos objetos ali possuíam formas estranhas, e que, muito provavelmente, atrairiam coisas ruins à aldeia, por isso foram entregues ao pesquisador, para serem levados para bem longe da aldeia.



Figura 27: Oficina sobre a Coleção da Lagoa Miararré. Foto: Nei Clara de Lima

Após este momento, foi pedido para que mostrasse as fotografias da coleta e outros documentos, como imagens representativas da aldeia e desenhos dos objetos. Enquanto os documentos eram separados, os indígenas foram questionados se saberiam quem colocou os objetos na Lagoa. Sobre isso Maiurí afirmou que os Kamaiurá não faziam cerâmica, e sendo assim, a cerâmica chegava a aldeia através de trocas, por meio das quais recebiam cerâmica dos Waurá, e, em troca, entregavam cestas. Comentou também, que certo dia havia sido encontrado “panelinhas” perto do Rio, e durante três dias muitas “muriçocas” apareceram na aldeia, tantas que não conseguiram dormir. Sobre isso, o Pajé soube em sonho que elas eram consequência de objetos estranhos que estava perto do rio. Sendo assim, ele, o Pajé, foi até lá retirar a panela, que tinha, no fundo, a representação de inseto. No dia seguinte, já não havia mais “muriçocas” na aldeia. E acrescentou que os objetos apresentados poderiam ter significados e funções parecidas.

Disse em seguida (Maiurí Kamyurá), que se sentia muito emocionado porque alguns itens lembravam seu avô, e pelo que percebeu, alguns objetos deviam ser de uso pessoal, e outros, retirados da Lagoa.

Depois de mais alguns comentários, foram mostradas as fotografias da Lagoa, primeiramente, fotografias aéreas, e após, imagens da coleta, onde puderam identificar os nomes dos indígenas das fotografias, sendo um deles ainda vivo. Destas imagens eles tiraram diversas fotos para levar a aldeia.

Após esse momento, o grupo foi separado em dois para que pudesse ser realizada a visita na RTE (Reserva Técnica Etnográfica).



Figura 28: Oficina sobre a Coleção da Lagoa Miararré. Foto: Nei Clara de Lima

Ao fim da visita, quando todos se reuniram novamente no Laboratório, a Prof.<sup>a</sup> Camila trouxe questionamentos acerca da inserção desses objetos no museu e do fato de que sendo sagrados deveriam envolver certas restrições para sua exposição. Sobre isso, Maiurí respondeu que era melhor que antes eles levassem as fotos para a aldeia, onde a comunidade e o pajé decidiriam estas questões, e que, até lá era melhor não expor a coleção. Tanto Maiurí quanto Maurício não conheciam as peças. Se disseram surpresos com os objetos e que, talvez alguns objetos, nem mesmo os mais velhos da aldeia não devem saber o que é.

Após este momento a oficina foi encerrada, e o Técnico Adelino ficou responsável de levá-los de volta para a Universidade. Durante estes momentos, registrou outras informações em uma etnografia sobre a visita, que pode ser vista no trecho a seguir:

Após as reservas desci com Maiurí e Maurício, mas antes passamos com eles na exposição Lavras e Louvores. Como o tempo estava muito curto, só podiam ficar por 15 minutos, ou seja, passariam de relance na exposição. Quem os atendeu na exposição foi a estagiária do curso de Museologia, Lara. [...] Após a visita à exposição, eu os levei de carro até o campus Samambaia. No caminho, conversando, Maiurí se disse mais uma vez estar contente e surpreso com as peças que viu. Falou que veria na aldeia se querem que levem essas peças de volta para lá para que os mais velhos as vejam. Daí perguntei se ele sabia se tinha direito à repatriação desses objetos, o que prontamente ele me confirmou saber dessa prerrogativa. (CARVALHO, 2017, p.5)

A realização de uma ação como esta, possibilitou que se obtivesse um acréscimo de muitas informações da vivência e cotidiano do povo Kamaiurá, reforçando certas hipóteses feitas sobre os objetos, levantando novas ideias e perspectivas, e, além disso, fazendo com que a coleção pudesse ser conhecida pelos indígenas e conseqüentemente pela sua aldeia. Além disso, falas de repatriação também foram colocadas em questão, reforçando a ideia de pertencimento dos objetos sagrados. A comunicação museológica permitiu uma aproximação entre o Museu, a coleção e os indígenas, diálogo que, até então, não havia sido realizado, uma vez que a coleta destes objetos foi realizada de uma forma colonialista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho baseou-se em aspectos da Musealização da Arqueologia, para analisar a trajetória da Coleção Lagoa Miarré e submetê-la a novos processos preservacionistas, buscando reverter o estado em que se encontrava, marcada por uma coleta colonialista, ausente de informações e não comunicada à sociedade.

A Coleção Lagoa Miarré foi formada ao longo dos anos de 1970 a 1976, a partir de expedições realizadas ao Parque Indígena do Xingu – Aldeia Kamaiurá, por Acary de Passos Oliveira, primeiro diretor do Museu Antropológico da UFG. Esta ação de coleta foi marcada por um caráter colonialista vigente nas práticas arqueológicas e museológicas da época, uma vez que, mesmo com negativas por parte do Pajé a respeito da coleta e ida a Lagoa Miarré – considerada por eles Lugar Sagrado – os objetos só foram adquiridos e coletados mediante a constante insistência do pesquisador. Cabe apontar que o pajé e cacique Tacumã e demais Kamaiurá, também construíram estratégias de negociação com Acary, selecionando o que seria entregue.

Esse processo de coleta produziu profundas marcas na coleção, e apesar de ser divulgada em mídias impressas, publicações acadêmicas, e até mesmo incorporada ao acervo do Museu, a coleção apresentava ausência de dados, falta de informação e um constante silenciamento. Os ruídos comunicacionais (RIBEIRO, 2013/2014, p. 98), características predominantes desta coleção, foram ocasionados pelas lacunas ao longo do processo de musealização, nas ações de salvaguarda e comunicação.

Uma vez compreendido como processo que envolve desde ações de coleta, salvaguarda (documentação e conservação) e comunicação (ações educativas e exposição), o processo de musealização dos objetos é crucial para que estes assumam caráter simbólico, como indicadores de memória (BRUNO, 2013/2014, p. 8) e sejam compartilhados com a sociedade. Isto se torna mais acentuado quando referido a coleções arqueológicas, pois sendo formada por objetos de outros tempos (quer seja um passado distante ou um passado recente), e através da transição destes em diferentes contextos (FERREZ 1994, p.2), se faz necessário o uso de mecanismos que possibilitem a recuperação de informações e até mesmo a ressignificação destes materiais. Para tanto, a cadeia operatória museológica por meio de um caráter interdisciplinar, que compreenda tanto os aspetos da pesquisa básica e aplicada, se torna um recurso de recuperação de antigas informações (quer sejam dados arqueológicos,

históricos, técnicos, museológicos ou mesmo reapropriações por grupos da atualidade).

A Coleção Lagoa Miarraré, como já visto anteriormente, não passou por processos de musealização, sendo assim, muitas de suas características não eram visíveis em decorrência desta constante falta de informações. Para reverter esta situação, decidiu-se por em prática todo o processo de musealização. Por meio de buscas documentais e bibliográficas e análise dos dados museológicos existentes, foi possível vislumbrar uma série de dados a respeito desta coleção, até então desconhecidos. A partir de então, foram propostas ações de salvaguarda e comunicação a serem realizadas com a CLM.

Para as ações de salvaguarda foi pensada, inicialmente a realização de uma análise para a elaboração de uma Ficha de Dados Arqueológicos que compreendesse tanto aspectos técnicos da Arqueologia como da Museologia. Após a criação da ficha pela equipe, constituída por uma equipe interdisciplinar que compreendia profissionais tanto de áreas da Arqueologia, Museologia e História, foi realizada uma análise detalhada dos objetos, que permitiu compreender novas possibilidades de uso e significados.

Ao longo destas ações, tornou-se cada vez mais evidente a relevância desta coleção e a necessidade de se estabelecer um diálogo com o povo Kamaiurá (responsável pela coleta dos objetos), para a socialização das peças, em contrapartida as ações de coleta, e para compreender, segundo a visão do outro, os sentidos e cuidados que deveriam ser tomados junto à coleção.

Sendo assim, foi realizada uma ação de comunicação com a presença de dois indígenas da etnia Kamaiurá, que puderam contribuir de maneira especial na compreensão dos objetos. Por meio de suas falas novos olhares puderam ser obtidos, levantando novas possibilidades e hipóteses junto à coleção.

A realização destas ações, tanto de salvaguarda como de comunicação, presentes ao longo da cadeia operatória museológica no processo de Musealização da Arqueologia, viabilizou que novos dados fossem incorporados a coleção. Além disso, foi possível vislumbrar a potencialidade desta coleção para a realização de diversas outras pesquisas. Estas ações foram os primeiros passos na busca da reversibilidade do estado em que a coleção se encontrava.

A reversibilidade do processo de musealização da coleção permitiu que novas visões

fossem lançadas a ela, removendo as antigas lentes colonialistas das quais foram percebidas, e possibilitando novas óticas, novos olhares. Este trabalho não pretende esgotar as possibilidades da CLM, mas realçar a importância das ações de Musealização da Arqueologia, para a compreensão das coleções. Mais que uma ação pontual, a musealização é um processo contínuo de novas descobertas ressignificações. A intenção deste estudo foi de abrir portas para novas pesquisas e trabalhos junto a esta coleção.



## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ARAÚJO, Gustavo de Oliveira. **Com quantos paus se faz uma boneca? “Entalhes” de uma etnografia da boneca de madeira karajá.** 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Cap. 140. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/6701/5/Dissertação - Gustavo de Oliveira Araújo - 2016.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

BARCELOS NETO, A. **A cerâmica wauja: etnoclassificação, matérias-primas e processos técnicos.** In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 15-16: 357-370, 2005-2006.

BRASIL. **Coordenação da Mobilização Econômica. Organiza A Expedição Rocandoringu** nº 77, Portaria. João Alberto. Portaria N. 77 de 3 de Junho de 1943. Brasil. Documento Publicado no Diário Oficial da União. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2328230/pg-11-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-04-06-1943>>. Acesso em: 13 out. 2017.

BRASIL. **Lei nº 3.924**, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L3924.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm). Acesso em: 21 de setembro de 2017.

BRASIL. **Constituição (1988).** Emenda Constitucional nº 91, de 2016. Brasília. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)> Acesso em: 01 de setembro de 2017.

BRASIL. **Lei nº 11.904**, de 14 de janeiro de 2009. Institui O Estatuto de Museus e dá Outras Providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)&gt;. Acesso em: 01 de setembro de 2017.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia e Comunicação.** Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996. 116 p (Cadernos de Sociomuseologia v.9)

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Arqueologia e Antropofagia: A musealização de sítios arqueológicos.** Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional: Museus: antropofagia da memória e do patrimônio, Brasília, v. 31, p.235-247, 2005. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat31\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat31_m.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2017.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da Arqueologia - alguns subsídios.** 2007. Universidade de São Paulo. Texto digitado.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia como campo disciplinar. Museu e Museologia: ideias e conceitos - abordagens para um balanço necessário.** Workshop ICOFOM LAM, 2008.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Estudos de Cultura Material e Coleções Museológicas: avanços, retrocesso e desafios.** In: Marcus Granato e Marcio R. Rangel. (Org.). *Cultural Material e patrimônio da Ciência e Tecnologia.* Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e ciências Afins-MAST, 2009, v. 1, p. 14-25. Disponível em: <http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/livro%20cultura%20material%20e%20patrim%C3%B4nio%20de%20C&T/3%20Artigo%20Cristina%20Bruno.pdf> Acesso em: 25 de out. de 2017.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da Arqueologia: Caminhos percorridos.** *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 26, n° 2, 2013, v. 27, n° 1, 2014. p. 4 - 15.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museus, identidades e patrimônio cultural.** *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 7, p.145-151, 2008. Suplemento

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Museus e conhecimento interdisciplinar.** In: *Revista Museu*, v. 1, p. 1, 2009. Disponível em: <[https://www.academia.edu/1887174/2009\\_-\\_Museus\\_e\\_conhecimento\\_interdisciplinar](https://www.academia.edu/1887174/2009_-_Museus_e_conhecimento_interdisciplinar)> Acesso em: 10 nov. 2017

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Orientação para Gestão e Planejamento de Museus.** Florianópolis: Fcc Edições, 2014. (Coleção de Estudos Museológicos V.3). Disponível em: <[http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/arquivosSGC/DOWN\\_153805Coleco\\_Vol\\_III\\_web.pdf](http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/arquivosSGC/DOWN_153805Coleco_Vol_III_web.pdf)>. Acesso em: 24 dez. 2017.

CARVALHO, Adelino Adilson de. **Etnografia da visita do dia 27/07/2017.** 2017. Texto não publicado.

CHAGAS, Mário. **Museu, Literatura e Emoção de Lidar.** *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v. 19, n. 19, June 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/366>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação.** São Paulo: Annablume, 2005.

DESVALLÉES, A., & MAIRESSE, F. (2013). **Conceitos-chave de museologia.** São Paulo: Armand Colin; Comitê Internacional para Museologia do ICOM; Comité Nacional Português do ICOM.

DIAS, Adriana Schmidt. **Caminhos Cruzados? Refletindo sobre os Parâmetros de Qualidade da Prática Arqueológica no Brasil.** In: *Arqueologia em Debate: Jornal da Sociedade de Arqueologia Brasileira.* São Paulo, p. 14-15. out. 2010. Disponível em:

<[http://www.jornal.sabnet.com.br/images/Jornal\\_Arqueologia\\_em\\_Debate-02.pdf](http://www.jornal.sabnet.com.br/images/Jornal_Arqueologia_em_Debate-02.pdf)>. Acesso em: 19 out. 2017.

FERNÁNDEZ, Luiz Alonso. **Museologia y museografía**. In: *Museologia y museografía* Barcelona: Ediciones del Serbal, p. 17 – 36, 1999.

FERREIRA, Lúcio Menezes. **Patrimônio, Pós-Colonialismo e Repatriação Arqueológica**. Ponta de Lança (UFS), v. I, p. 37-62, 2008.

FERREZ, Helena Dodd . **Documentação museológica: teoria para uma boa prática**. Estudos museológicos. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994, v., p. 64-74. Disponível em: <https://meumuseu.files.wordpress.com/2011/01/documentac3a7c3a3o-museolc3b3gica-helena-dodd-ferrez.doc>. Acesso em: 18 de out. 2017.

GALVÃO, Maria Eduarda Capanema Guerra. **A Marcha para o Oeste na Experiência da Expedição Roncador-Xingú**. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: ANPUH, 2011.p. 01 – 13. Disponível em:<[www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300890981\\_ARQUIVO\\_MarchaparaoOeste.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300890981_ARQUIVO_MarchaparaoOeste.pdf)>. Acesso em: 11 out. 2017.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. **Museologia e Museu**. In: BRUNO, Maria Cristina de Oliveira (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: Textos e Contextos de uma Trajetória Profissional*. São Paulo: Icom, 2010. p. 78 - 85. Volume 1 - Texto original publicado em 1979.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. **A interdisciplinaridade em Museologia**. In: BRUNO, Maria Cristina de Oliveira (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: Textos e Contextos de uma Trajetória Profissional*. São Paulo: Icom, 2010. p. 123 - 126. Volume 1 - Texto original publicado em 1981.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. **Sistema da Museologia**. In: BRUNO, Maria Cristina de Oliveira (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: Textos e Contextos de uma Trajetória Profissional*. São Paulo: Icom, 2010. p. 127 - 136. Volume 1 - Texto original publicado em 1983.

INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA (Brasil). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. **Acari de Passos Oliveira**. Disponível em: <<http://sites.pucgoias.edu.br/pesquisa/igpa/acervos/acervo-audiovisual-e-documental/acari-de-passos-oliveira/>>. Acesso em: 11 out. 2017.

JUCÁ, Luciano Costa. **Museu Antropológico da UFG - Uma Trajetória de eventos e mudanças: O primeiro acervo, sua documentação, equipe e inventário**. 2016. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Museologia, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Cap. 01.

MORAES WICHERS, Camila. **Dois enquadramentos, um mesmo problema: os desafios da relação entre museus, sociedade e patrimônio arqueológico.** Revista de Arqueologia, São Paulo, v. 26, nº 2, 2013, v. 27, nº 1, 2014. p. 96 - 114.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL (PIB) (Brasil). Instituto Socioambiental (isa). **Xingu: O Parque.** 2017. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/xingu/1539>>. Acesso em: 13 out. 2017

REVISTA DE ARQUEOLOGIA. Brasil: Sab, v. 26/27, n. 2/1, 2013/2014. 04 jul. 2014. Semestral. Disponível em: <<http://www.revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/issue/view/32>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

RIBEIRO, Diego Lemos. **A musealização da arqueologia: um estudo dos Museus de Arqueologia de Xingó e do Sambaqui de Joinville.** Revista de Arqueologia, São Paulo, v. 26, nº 2, 2013, v. 27, nº 1, 2014. p. 16 - 39.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos . **Políticas da Memória na Criação dos Museus Brasileiros.** Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, v. 19, p. 99-120, 2002.

SIMONSEN, Iluska; OLIVEIRA, Acary de Passos. **Cerâmica da Lagoa Miararré: Notas Prévias.** Goiânia: Ufgo, 1976. 67 p.

SIMONSEN, Iluska; OLIVEIRA, Acary de Passos. **Os ídolos Antropomorfos da Lagoa Miararré.** Nheengatu: Cadernos Brasileiros de Arqueologia e Indigenismo, Rio de Janeiro, v. 3-4, n. 1, p.25-40, maio 1977. Anual. Trabalho apresentado à XXX Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

SIMONSEN, Iluska; OLIVEIRA, Acary de Passos. **Modelos Etnográficos Aplicados à Cerâmica de Miararré.** Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1980. (9).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Museu Antropológico. **Regimento Interno do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás.** Goiânia: UFG, MA, 2017.

## FONTES PRIMÁRIAS

- Arquivo da Coordenação de Museologia do MA/UFG:

MUSEU ANTROPOLÓGICO. **Projeto de Pesquisas do Departamento de Antropologia e Sociologia para o ano de 1972 a serem desenvolvidas nas áreas de arqueologia, folclore e etnografia.** 11 de maio de 1972.

OLIVEIRA, Acary de Passos. **Relatório de viagem ao Parque Indígena do Xingu.** 31 de outubro de 1972.

OLIVEIRA, Acary de Passos. **Relatório de viagem a Lagoa Miarraré (26/07/1976 - 29/07/1976?).** 09 de setembro de 1976a.

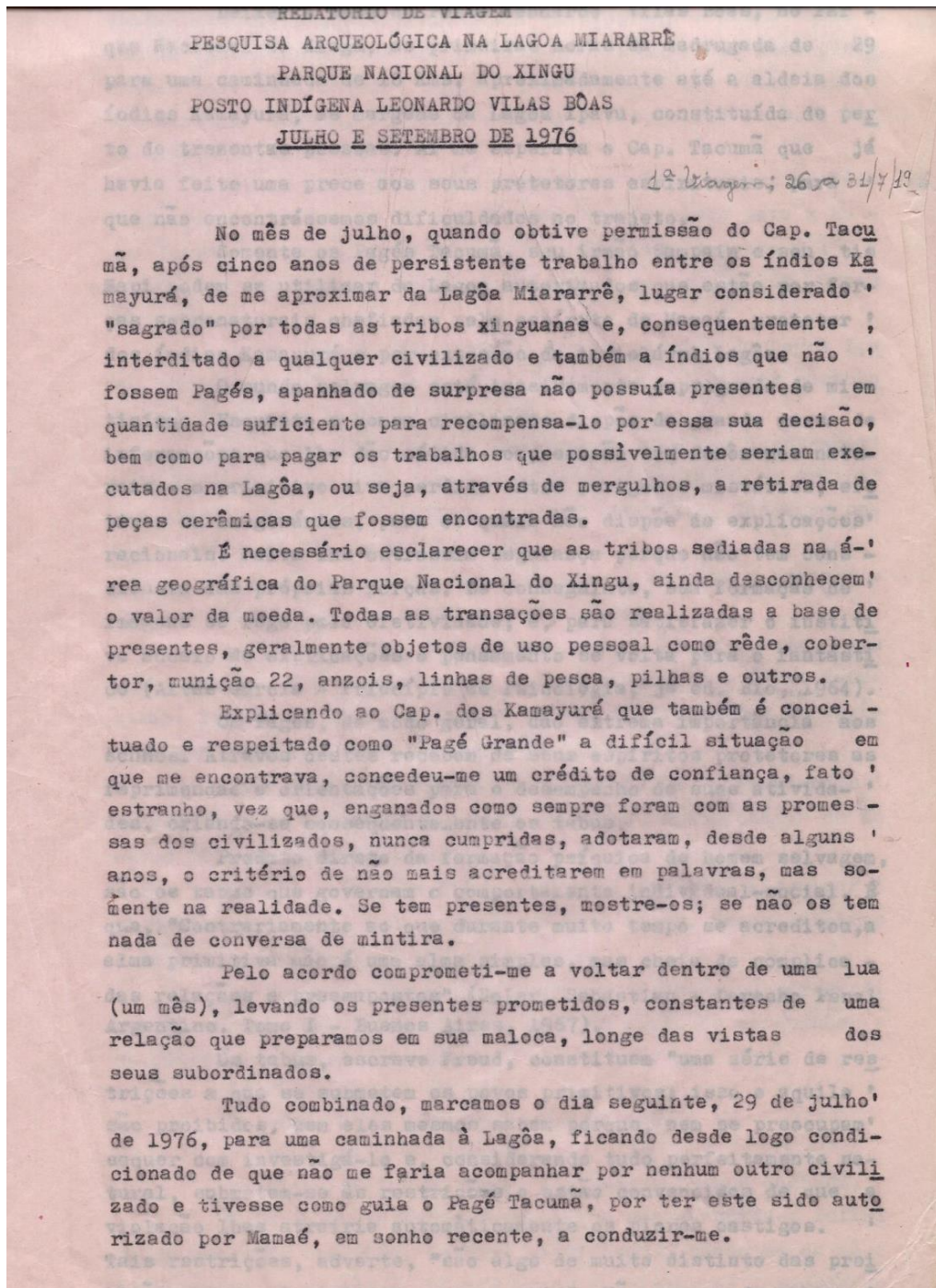
OLIVEIRA, Acary de Passos. **Relatório de viagem de pesquisa arqueológica na Lagoa Miarraré.** 18 de outubro de 1976b.

OLIVEIRA, Acary de Passos. **Relatório das pesquisas arqueológicas no Parque Indígena do Xingu.** 29 de outubro de 1976c.

## ANEXOS

**Anexo 01 – Relatório de Viagem Pesquisa Arqueológica na Lagoa Mirarrê Parque Nacional do Xingu Posto Indígena Leonardo Villas Boas – Julho e Setembro de 1976**

Fonte: Documento da Coordenação de Museologia do MA – Documentação Comprobatória 83.14



Deixei a sede do Posto Leonardo Vilas Boas, no Parque Nacional do Xingu, as primeiras horas da madrugada de 29 para uma caminhada de 16 Kms. aproximadamente até a aldeia dos índios Kamayurá, as margens da Lagoa Ipavu, constituída de perto de trezentas pessoas. Aí me esperava o Cap. Tacumã que já havia feito uma prece aos seus protetores espirituais, para que não encontrássemos dificuldades no trajeto.

Somente os Pagés Tacumã, seu irmão Sampaim e seu tio Mapi podem se utilizar da Lagoa autorizados que estão por forças sobrenaturais chefiadas pelo espírito de Mamaé, protetor dos índios Kamayurá e por extensão da inviolável Lagoa.

O mundo selvagem está inteiramente empregnado de misticismo. Enquanto o homem civilizado dispõe de grande massa de informações que lhe dão nítida compreensão dos fenômenos naturais - o primitivo vive perdido entre perigos e mistérios, efetivos ou imaginários, para os quais não dispõe de explicações racionais. Falta lhe outrossim segurança porque não tem consciência das próprias forças. De conseguinte, sua formação de imagens se rege pela efetividade; e, para satisfazer o instintivo anseio de explicações o pensamento se volta para o fantástico (Alves Garcia - Princípio de Psicologia, 3ª ed. Rio, 1964).

Os Pagés, de modo geral, dão extrema importância aos sonhos. Através destes recebem de seus espíritos protetores as reprimendas e orientações para o desempenho de suas atividades, criando-se conseqüentemente os tabus.

Produto direto da formação psíquica do homem selvagem, são os tabus que governam o comportamento individual-social. É que, "Contrariamente ao que durante muito tempo se acreditou, a alma primitiva não é uma alma simples, mas cheia de complicadas relações e pressupostos" (Soler, Sebastian - Derecho Penal Argentino. Tomo I - Buenos Aires, 1967).

Os tabus, escreve Freud, constituem "uma série de restrições a que se submetem os povos primitivos; isso e aquilo são proibidos, nem eles mesmos sabem porque, nem se preocupam sequer com investigá-lo e, considerando tudo perfeitamente natural, submetem-se às restrições e estão convencidos de que a violação lhes atrairia automaticamente os piores castigos. Tais restrições, adverte, "são algo de muito distinto das proibições puramente religiosas ou morais". Não emanou de nenhum

mandamento divino, mas proíbem por si próprias". Assim "carecem de todo fundamento; são de origem desconhecida; incompreensíveis para nós, parecem lógicas para aqueles que vivem sob o seu domínio" (Freud, Sigmund. - Totem e Tabu, Trad de S.P. Porto Carreiro, Rio, s/d.)

Com nossa bagagem constituída de rêde, cobertor, lampada, arma e pertences de uso pessoal encaminhamos para a Lagoa Ipavu, um percurso de 10 minutos. Era precisamente 9.15 quando, em uma pequena canoa, iniciamos a navegação que durou 30 minutos.

Em um determinado ponto à margem direita da Lagoa Ipavú, desembarcamos e com a bagagem às costas, iniciamos caminhada com destino a Lagoa do Miararrê.

Após uns dez minutos por várseas e campos adentramos mata espessa e por três horas de difícil caminhada, em trilha que somente em fileira indiana poderia transitar, Chegamos enfim à beira da tão decantada lagôa.

Eram 12,30 quando descarregamos a bagagem e preparamos uns sanduiches que seria o nosso almoço.

Armeda as redes descansamos até as 13,30 quando, com a chegada dos irmãos de Tacumã, o Pagé Sampaim e o índio Tauacuman, iniciamos os trabalhos de coleta de fragmentos de cerâmica que eram retirados do fundo da Lagôa.

Para facilitar estudos de laboratório, numeramos os sítios de onde era feita a coleta de 1 a 4, distanciados um do outro 50 mts. aproximadamente.

Devido ao volume d'água, não foi possível mergulhar no centro da lagoa, onde segundo os dois pagés, peças inteiras e de feitiços vários, seriam encontradas.

Os trabalhos de coleta d'concentraram-se na margem direita, sentido Sul-leste. Depois de 3,30 horas de mergulhos e descansos, havíamos coletado:

No sítio nº 1 - 10 peças

No sítio nº 2 - 5 peças e um carvão

No sítio nº 3 - 5 peças

No sítio nº 4 - 5 peças, 1 carvão e 1 cabo machado.

Existem no interior desta Lagôa uma quantidade infinita de cacos de cerâmica, madeira petrificada, sementes de côco inexistente na região e, várias peças completas já foram encon



- 4 -

tradas. Algumas pertencem a coleção do sertanista Orlando Vilas Boas, outras fazem parte do acervo do Museu Antropológico da UFGO, e algumas mais foram parar em mãos de terceiros, per troca realizada com o Cacique Tacumã. 2ª Viagem: 20 a 23/9/1976.

No dia 20 de setembro, cinquenta e dois dias depois da minha primeira visita à Lagoa, transportando os presentes prometidos, adquiridos com verba cedida pela Copercope e um avião especial conseguida pela minha companheira de equipe, na presente pesquisa, Profª. Iluska Simonsen, desembarquei no Posto Leonardo, sede do Parque Nacional do Xingu, às 10.30 da manhã.

Após instalar-me e apresentar a autorização para pesquisas na área, documento firmado pelo Sr. Presidente da FUNAI, General Ismarth de Araujo Oliveira, encaminhei-me a aldeia dos índios Iawarapiti a procura do Pagé Sampaim que aí reside, visto haver contraído matrimônio com uma mulher deste grupo. Segundo leis tribais deverá permanecer por um período mínimo de um ano no domicílio de sua esposa, para, a seguir fixar-se novamente entre sua "gente na aldeia dos Kamayurás, se assim desejar.

O encontro com o Pagé foi fraternal e amigável. Disse-lhe haver trazido tudo que haviam pedido, acrescido de uns adornos para suas esposas e missangas (moeda forte), para seus filhos. Encarreguei-o de ir a aldeia dos Kamayurá avisar o seu irmão Capitão e Pagé Tacumã da minha chegada com os presentes solicitados e com ele acertar minha segunda visita a lagoa. Atendendo ao meu pedido, Sampaim na madrugada do dia 21 dirigiu-se à aldeia onde conferenciou com o seu irmão, marcando o dia 22 para nossa ida a Lagoa.

Ao amanhecer desse dia dirigi-me à aldeia sendo recebido por Tacumã que tinha uma revelação a fazer-me. Disse-me que na minha ausência havia coletado duas peças que foram escondidas na mata para posterior entrega.

Acontece que, na noite em que as peças foram coletadas, fortes ventos, seguidos de trovões e relâmpagos haviam atingido sua aldeia, espalhando terror e medo entre sua gente.

Nesta noite teve um sonho mau. O forte vendaval havia sido enviado pelo "dono das peças", demonstrando não estar satisfeito com o proceder de Tacumã, retirando-os do lei

to da lagoa.

Amedrontado, logo ao amanhecer voltou ao local onde havia deixado as peças, não encontrando-as. Possuído de grande medo, Tacumã me advertia de que se essas peças fossem novamente encontradas, não seriam tocadas, receiando ser severamente castigado.

Em outro sonho recebeu nova mensagem: Todo fragmento de cerâmica encontrado poderia ser retirado, mas que tivesse muito cuidado com peças inteiras principalmente as modeladas em forma de peixes que jamais poderiam ter outro destino, sob pena de se extinguirem os peixes que constituem a dieta alimentar quotidiana de todos os índios. Aconselhou-o, entretanto, caso encontrasse reprodução de peixes, os retirasse evitando o contato com mãos humanas. Seriam amarrados em forquilha de uma determinada madeira, coberto de folhas e conduzidas para a Lagoa Ipavu, em cujas imediações encontrase a aldeia dos Kamayurá, para que os peixes aumentassem em números.

Depois de uma ligeira refeição constituída de beijos e peixes moqueados, encaminhamos para a Lagoa, fazendo-se o mesmo percurso da minha primeira viagem e aí chegamos a tarde. Descansaríamos até o dia seguinte, quando os trabalhos seriam então iniciados.

Acontece que, após a nossa chegada com céu limpo e umas poucas nuvens escuras o tempo mudou, aparecendo nuvens negras, o calor aumentou, havia inquietação ambiental, prenúncio de tempestade. Foi o que aconteceu. As 20.00 horas de sabou tremendo temporal: relampagos, trovões, chuva pesada, ventos fortes que de imediato pôs o nosso improvisado abrigo constituído de umas poucas palhas sobre uma armação precária, a descoberto.

Nós e nossos pertences ficaram totalmente encharcados. Mal tive tempo de proteger com sacos plásticos a munição, pilhas, cigarros e fosforos. Rêde, cobertor, roupas de uso, alimentação, enfim, tudo mais ficou totalmente molhado.

Durante a borrasca que alguém já classificou de "bele horrível", passamos por muitos sustos e apreensões. Os animais corriam desorientados em todas as direções; Árvores'

caíam ou por força de raios ou por estarem velhas, podres, sem resistencia; aves voavam sem rumo e as águas da Lagoa foram fortemente agitadas pelos ventos.

Minha impressão era que os dois Pagés faziam o mesmo que eu, naqueles instantes. Rezavam aos seus protetores, como eu suplicava ao meu Deus, para que o temporal tivesse curta duração.

Hora e meia depois, a calma voltou de forma tão rápida que se tinha a impressão de nada haver acontecido de anormal.

Acesa uma fogueira, estendemos os nossos pertences para aquecer e secar, enquanto se preparava uma xícara de nescafé que seria tomado como tranquilizante.

Os Pagés conversaram durante grande parte da noite, quase que eu sussurro, não tendo compreendido o assunto pois falavam em lingua tupi.

Ao amanhecer fui notificado por Tacumã de que ele e seu irmão Sampaim haviam decidido não trabalhar na Lagoa, face a advertencia de forças sobrenaturais demonstradas na noite anterior. Por mais que tentasse explicar que nessa época, a violenta perturbação da atmosfera era comum, narrando os e feitos dos tufões, trombas d'agua, terremoto, tempestade tropical que assolam os "Cuiabás Caraíbas" (cidades civilizadas), não se convenceram, afirmando convictos ser um aviso de seus espíritos protetores e que somente na Lagoa e imediações é que o tempo sofrera alterações.

Face ao acontecido resolvemos retornar à aldeia na parte da tarde quando os nossos pertences estivessem secos diminuindo peso e o terreno se apresentasse menos molhado.

Apelei para os inúmeros presentes que levava e o castigo que eu receberia de meus chefes se regressasse sem nenhuma peça, pois todós me chamariam de "Jurué", mentiroso.

Apesar dos contras continuei persistindo com novos argumentos, no sentido de convencê-los a mudar de ideia. Lembrei a Tacumã que em um dos seus sonhos seu protetor havia autorizado a coleta de fragmentos e permitido minha presença na Lagoa e, não havendo ordem em contrário, o desejo dos espíritos continuava.

Confabularam durante uns quarenta minutos e o meu nome por várias vezes foi citado. Notava-se haver boa vanta-

de em uma solução a meu favor, possivelmente visando os presentes que sabiam serem seus, caso houvesse peças para troca. Os presentes eram tentadores, não só pela qualidade, mas principalmente pela quantidade.

As 10 horas junta-se a nós o terceiro irmão de Tacumã, de nome Tavacumã relatando o acontecido no Posto Leonardo Villas Boas onde o temporal arrancou telhados, derrubou árvores, produzindo pânico geral.

Face essa narrativa voltei a comentar sobre minhas informações anteriores de que não era advertência aos Pagés, caso contrário somente nas imediações da Lagoa o fato teria ocorrido e não no posto da FUNAI onde só existia homens civilizados.

Seguiu-se nova reunião, agora com os três irmãos, chegando-se a uma conclusão: Eu retornaria para o posto Leonardo Villas Boas e eles permaneceriam nas imediações da Lagoa, atentos a qualquer modificação do tempo. Caso permanesse bom como estava até o dia seguinte, eles fariam alguns mergulhos e as peças encontradas me seriam entregues, porém, se uma nova tempestade viesse a aparecer, eles regressariam à aldeia, abandonando a pesquisa.

Com bagagem as costas, agora sozinho, tomei o caminho para a aldeia aldeia fazendo o percurso em quatro horas, uma hora a mais do habitual, devido ao peso que conduzia e preocupação em não me perder na selva.

Por precaução, havia feito piques em diversas árvores quando da ida para a Lagoa. Essa valiosa providencia fez com que, apesar de algumas dificuldades, chegasse sem maiores contratemplos.

De acordo com o combinado eu usaria a única causa existente no local de entrada para a mata, pagando um Kamayurá para transportá-la de retorno.

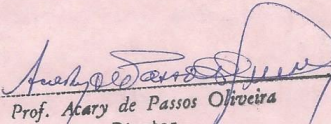
Tudo aconteceu como havíamos previsto. Forneitei na aldeia dos Kamayurás e no dia seguinte aproveitando a fresca da manhã encaminhei-me ao Posto Leonardo Villas Boas, onde cheguei às 12 horas.

A noite do dia 24 procurou-me o pagé Sampaim com um fardo contendo oito cacos de panelas, decoradas com figu-

ras humanas, bichos e desenhos geométricos nos quais usaram linhas retas e paralelas e mais seis peças completas e bastante curiosa na forma.

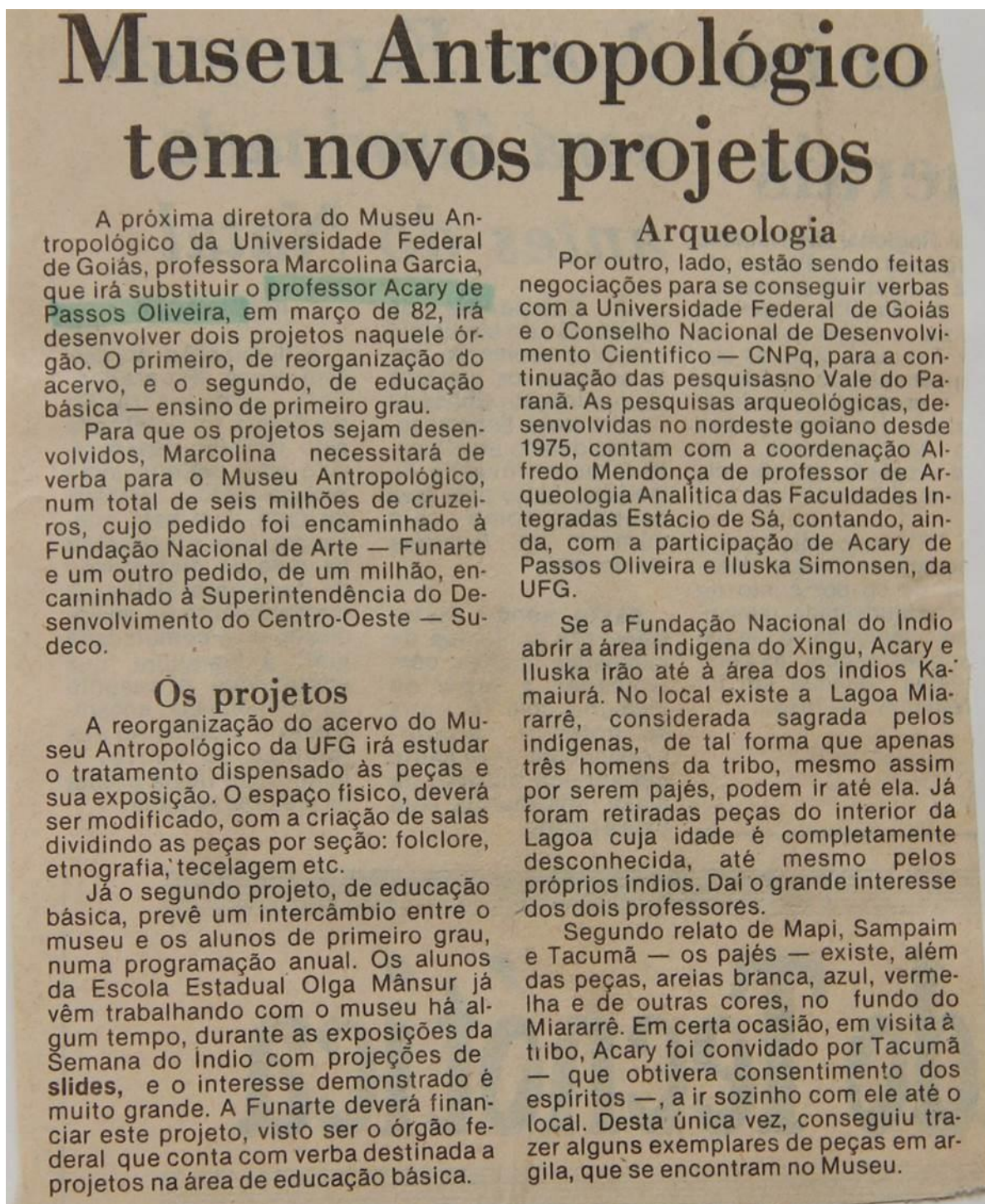
Os demais componentes da equipe, Prof<sup>as</sup>. Iluska Simonsen e Prof. Juarez Costa Barbosa chegaram a 28 e, na aldeia dos Kamayurá, procedemos a trabalhos diversos, incluindo-se a lavagem das peças e qualificação prévia. Aproveitando os dias que faltavam para nossa viagem de volta, fizemos pesquisas sistemáticas nas "valetas" encontradas em diversos lugares, nas margens do ribeirão Tuatuari, assunto de relatório em separado.

Goiania, 18 de Outubro de 1976

  
Prof. Acary de Passos Oliveira  
Diretor

## Anexo 02 – Recortes de Jornais e Revistas sobre a Lagoa Miararré

Fonte: Projeto de Pesquisa MA “Imagens e Relatos de um Sertão Desconhecido: Tratamento Técnico do Acervo Acary de Passos Oliveira”



# O mistério da arte indígena da Lagoa Sagrada



Jornal de Brasília, p. 12, 26 fev. 1984.

A região é habitada desde tempos remotos por grupos humanos que utilizaram o rio Xingu e seus formadores como rotas de suas migrações. Um extraordinário pedaço do planeta onde é fácil separar o sonho da realidade. Terra de índios de várias Nações que formam o Parque Nacional do Xingu, no norte de Mato Grosso, centro do país. Apesar de muitas vezes sentir sua paz ameaçada pelos não-índios da vizinhança, ainda é uma espécie de paraíso distante, quase perdido, com suas próprias leis e segredos, guardando ainda, nas matas ou águas, pedaços sagrados, morada de deuses e falanges de espíritos.

É justamente de um destes locais, a Lagoa Miararré, uma lagoa cujo tabu a torna quase intocável, que saíram as possivelmente milenares, diferentes e estranhas cerâmicas que até agora têm sido um desafio para os conhecimentos dos arqueólogos e de um professor, sertanista de grande experiência, Acary de Passos Oliveira, que as trouxe do Xingu para serem estudadas e catalogadas. Muitos anos se passaram. Em torno de dez. Hoje o professor, quase cego em virtude dos medicamentos que tomou para combater as vinte malárias que adquiriu durante sua vida na mata, ainda faz um apelo: «É importante que tudo seja esclarecido. Não há nada igual a elas entre a cerâmica indígena».

#### Quem foi o autor das misteriosas cerâmicas

Ninguém sabe exatamente qual a cultura responsável pelas estranhas cerâmicas encontradas na Lagoa Miararré, bem como a época em que elas foram feitas. Arqueólogos de várias partes do Brasil, alguns reunidos em Goiânia há alguns anos passados, no Seminário do Gabinete de Arqueologia da Faculdade Católica, não conseguiram identificá-las, mesmo servindo-se de métodos comparativos. A conclusão foi unânime: "Até hoje não se viu nada igual, feito pelo índio brasileiro".

Possivelmente, de acordo com a lenda dos Kamayurá, elas «teriam servido à prática de magia imitativa, ritos propiciatórios destinados a assegurar uma boa pesca», diz o professor Acary e a arqueóloga Iluska Simonsen, depois de estudarem detalhadamente o material.

Suas formas, na maioria antropomorfas ou zoomorfas, são surpreendentes. Há figuras com enormes orelhas e órgãos genitais inteiramente desproporcionais. Em outras, a parte inferior é em forma bipartida de cauda de peixe. Algumas peças lembram arraias, outras têm cabeças de morcegos. Estaria isso tudo diretamente ligado às lendas da Lagoa de Miararré, localizada aproximadamente a 4 km da Lagoa Ipavu, onde vive o povo Kamayurá, o único que a ela tem acesso, depois de autorizado pelo espírito «Mamaé»?

#### Peças sagradas

Para os índios xinguanos, tanto a Lagoa como o material encontrado em seu leito são considerados sagrados. Tacumã, chefe Kamayurá e um dos pagés mais respeitados daquela área, diz que Miararré é povoada por uma legião de espíritos, liderados por Mamaé, seu espírito protetor. Ele afirma: «Mamaé disse que, se não respeitasse a lagoa e tocassem nas peças cerâmicas encontradas no leito, com as mãos, os peixes desapareceriam de suas águas e grande desgraça desabaria sobre os Kamayurá».

Segundo se comenta na área, do mesmo modo, «quem tentar desvendar seus segredos provocará duas desgraças: morrerá afogado em suas águas, de onde os peixes também desaparecerão». Só uma pessoa de grande força mental e protegida por Mamaé, que é o grande espírito da lagoa e o protetor de Tacumã, poderá pesquisar os seus mistérios, e comunicar-se com a alma dos antigos habitantes do local. Uma destas pessoas, sem dúvida alguma, é o co-

nhecido Pagé, pois foi ele que tirou do fundo da lagoa as primeiras peças e as mostrou, sob espanto de todos, a alguns funcionários da FUNAI que na época estavam no Parque. Foi ele também que, sempre autorizado pelo Mamaé, levou ao local outros índios e o professor Acary Oliveira.

#### Expedição Roncador-Xingu à Lagoa Sagrada

Em 1941 aconteceu a famosa Expedição Roncador Xingu, patrocinada pela Coordenação de Mobilização Econômica, da qual Acary de Passos Oliveira fez parte. Foi por intermédio dela que ele chegou ao hoje Parque Nacional, vivendo muitos anos em contato com aqueles índios, dos quais conseguiu, inclusive, autorização para ir à Lagoa Sagrada e apanhar algumas das misteriosas cerâmicas. Ele conta como tudo aconteceu:

«Assim que chegamos à região, no início dos anos 40, tomei conhecimento da lenda da lagoa Miararré. Na época, o cacique era Tamapu, pai de Tacumã, o atual. Constantemente Tamapu repetia a lenda, mas receava me levar à lagoa. Dizia ser impossível chegarmos até ela. Quando Orlando Villas Boas esteve no Posto Leonardo, o chefe do povo Kamayurá já era Tacumã, também um grande Pagé. Ele foi à lagoa de onde trouxe, depois de alguns mergulhos, algumas cerâmicas e as ofereceu ao indianista. Desde 1939 eu colecionava cerâmica indígena com o objetivo de montar futuramente um museu. Foi justamente por isto que senti um grande interesse pelo fato. Procurei Tacumã e pedi-lhe para me levar à lagoa. Isto fiz várias vezes e a resposta sempre era negativa. Em 1975, época em que me encontrava no Parque, fui surpreendido com um convite do Cacique. Ele me disse que seu espírito protetor lhe aparecera num sonho e autorizara minha ida à lagoa Miararré».

«Na época da seca, conforme combinado, apareci na aldeia dos Kamayurá, Tacumã fez a coisa muito discretamente, sem alarde junto ao seu povo. Simulou aos seus índios uma caçada e partimos na madrugada seguinte, com Tacumã à frente, seguido de sua mulher, dois filhos, uma irmã e um tio. Atravessamos a lagoa Ipavu, que fica junto à Aldeia, nos embrenhamos na selva e chegamos à Lagoa Sagrada, depois de deixarmos a mulher acampada num local bem distante daquele. O ritual começou com uma canção dos índios. Depois recebi ordens para envolver as mãos em folhas. Isto era para não macular os objetos a serem extraídos do fundo da lagoa. Os índios foram buscar uma canoa que estava oculta entre a folhagem e passaram a navegar, com evidente receio. As águas, além de sagradas, são povoadas de piranhas pretas e peixes elétricos, conhecidos pelos índios como «poraquê». Da margem, eu tentava reter bem nos olhos o local onde a canoa parou e os índios começaram a mergulhar. Isto seria importante para meu conhecimento. A operação foi lenta, eles batiam com um pau, para espantar, caso houvesse, as arraias. Finalmente, surgiram as peças, que eles logo embrulharam em folhas. Recebi-as de presente e levei para Goiânia, cidade onde vivo. Dessejava estudá-las e depois colocá-las no Museu da Universidade, como realmente fiz. Um ano depois, voltei ao local».

«Juntamente com Tacumã tentamos novamente chegar ao local, quando aconteceu um grande temporal, algo terrível de tão violento. E, logo depois, a notícia da morte de um índio, ao tentar fazer uma roça perto da lagoa. Tacumã viu nisto tudo um mau presságio e, por isto, recusou-se firmemente a prosseguir. Minha segunda ida à lagoa Miararré ficou, assim, frustrada. Não tenho voltado mais ao Xingu.»

«Hoje sofro a consequência dos medicamentos que tomei para curar as 20 malárias que tive em toda a minha vida. Aos 76 anos quase não vejo mais nada e seria muito 'duro sentir toda aquela maravilha daquele mundo de perto, inclusive o canto dos pássaros, e não poder vê-los. Fiquei sabendo que Tacumã interditou a área da Lagoa Miarre e que ninguém mais andou por lá. Se ainda existem cerâmicas, ninguém sabe. É assunto deles. E o mundo deles e deve ser respeitado. Importante mesmo seria saber a origem de tudo isto. O primeiro passo talvez seria dado se a Gakushuin University Of Science de Tóquio mandasse o resultado dos testes de Carbono 14, feitos em amostras que enviamos há alguns anos passados. Pelo menos, este laudo forneceria a datação das obras. Um primeiro e importante passo para chegarmos a conclusões mais concretas. Como até hoje não recebemos o resultado, nem posso mais afirmar se foi feito o teste. Algum dia — e tenho esta esperança — tudo será esclarecido em relação às hoje misteriosas cerâmicas da Lagoa Sagrada do povo Kamayurá».

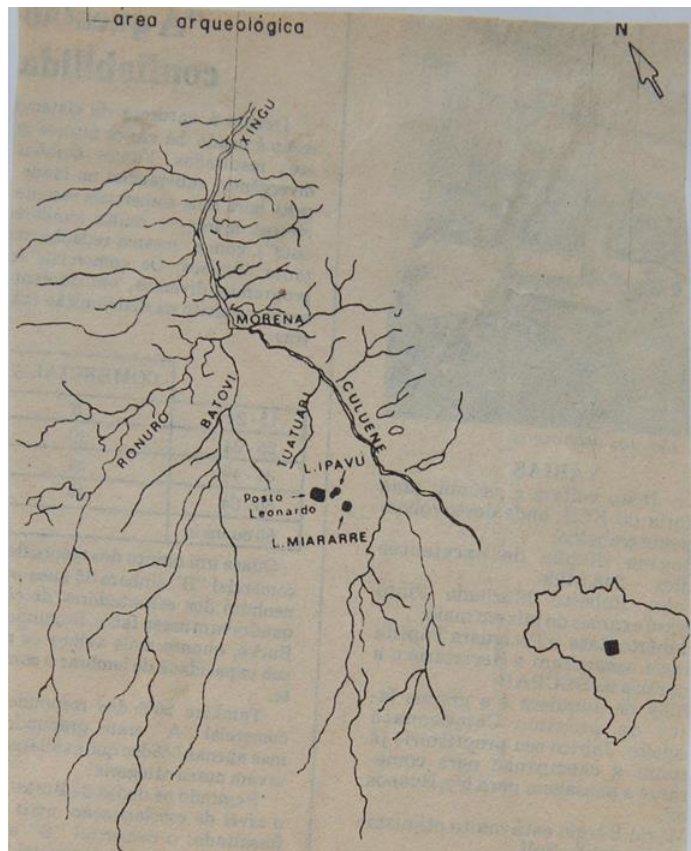


Várias pessoas têm tido um interesse muito grande em relação às peças hoje pertencentes a um desativado da Universidade de Goiás. O que se sabe de concreto até o momento, é que a falta de dados a respeito delas nos «permite pressupor que a lagoa Miararré foi habitada por algum grupo cultural ainda não estudado, cujas técnicas de docração cerâmica diferem das atuais ocupantes da área do Xingu», afirma o professor Acary e a antropóloga Yluska Simonsen, num trabalho — Notas Prévias — que publicaram em 1976.

O professor Altair Sales, do Instituto de Pré-História e Antropologia de Goiás, sobre o assunto, diz: «Acredito que as peças sejam muito importantes para a compreensão de problemas arqueológicos e etnológicos indígenas. Quando se faz arqueologia brasileira se deve sempre levar em conta as ligações entre os índios pré-históricos e históricos. Sem isso, 80 por cento do trabalho arqueológico fracassará. Sob esse ponto de vista, a datação das peças da lagoa Miararré não é fundamental. Antigas ou recentes, elas são da maior importância para a arqueologia brasileira».

Lendas e verdades se misturam nas exóticas cerâmicas que variam das cores cinza-escuro até a cor alaranjada, não apenas na área indígena, mas junto aos chamados «civilizados» que a elas têm acesso. Enquanto Tacumã, o chefe Kamayurá, por determinação de «Mamaé» levou algumas peças cerâmicas que produziam peixes, da lagoa de Miararré para a lagoa Ipavu, para que nesta última aumentasse o número de peixes em suas águas, em Goiânia, nem todas as pessoas que têm oportunidade de tocá-las, o fazem. O medo de tudo perder. O medo de «Mamaé», o bom espírito protetor de um grande Pagé, que habita livre e tranquilo uma lagoa localizada num dos últimos paraísos da terra. Salve Mamãe tua energia e tua força.

Marlene Anna Galeazzi



*Retiradas das águas da Lagoa Miararré, pelos poderes do espírito Mamaé, que protege a tribo kamayurá, as peças de cerâmica são únicas na arte indígena. Sua localização não é fácil, como mostram os mapas, mas o professor Acary de Passos Oliveira diz que seu mistério precisa ser esclarecido: "São peças únicas, e é importante saber suas origens". Ele dedicou sua vida ao trabalho nas selvas, e hoje, quase cego devido às crises de malária que o atingiram, prefere não retornar ao local sagrado*



# OS MONSTROS DA LAGOA MIARRARRÉ

No Parque Nacional do Xingu foram encontradas cerâmicas que poderão mudar os conceitos da arqueologia brasileira

É uma cerâmica bem estranha. Tão diferente das outras que arqueólogos de vários estados, reunidos no Seminário do Gabinete de Arqueologia da Faculdade Católica de Goiás, em Goiânia, não puderam identificar uma só peça, mesmo servindo-se de métodos comparativos. Só chegaram a uma conclusão: "Até hoje não se viu nada igual, feito por índios brasileiros." O primeiro passo para a solução desse problema talvez só seja dado quando a Gakushuin University of Science de Tóquio entregar ao professor Acary de Passos Oliveira — diretor do Museu de Antropologia da UFG — o resultado dos testes de carbono-14, feitos em amostras enviadas. Mas, esse laudo fornecerá somente a datação das obras. O professor Passos Oliveira fez um apelo: "Se alguém já viu algo semelhante, comunique-se conosco. Isso poderá facilitar nossos estudos para identificar qual a cultura responsável por essas cerâmicas encontradas na lagoa Miararré, no Xingu."

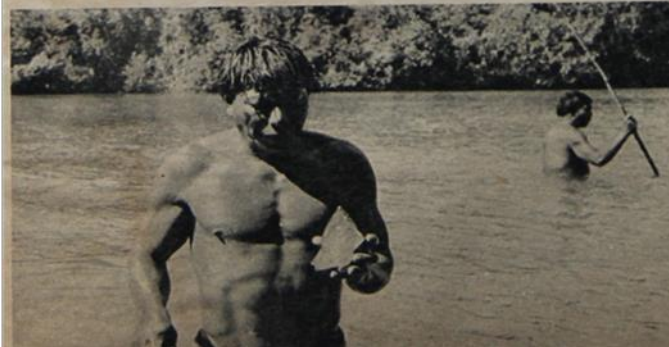
As formas das cerâmicas são surpreendentes. Há figuras monstruosas com enormes orelhas e órgãos genitais inteiramente desproporcionais. Em outras, a parte inferior é em forma de cauda de peixe bipartida. Alguns trabalhos lembram arraias, outros têm cabeças de morcego. Esses possíveis vasilhames, executados com primoroso artesanato, estarão diretamente re-

lacionados com as lendas da lagoa Miararré — a lagoa santa dos índios, no Parque Nacional do Xingu?

A região da lagoa Miararré — segundo tradição oral dos índios, hoje transformada em lenda — foi habitada por espíritos. Quem tentar desvendar seus segredos provocará duas desgraças: morrerá afogado em suas águas, de onde os peixes também desaparecerão. Só uma pessoa de grande força mental e protegida por Mamaé — o grande espírito da lagoa — poderá pesquisar os seus mistérios, e comunicar-se com a alma dos antigos habitantes do local.

Em 1941, o professor Acary de Passos Oliveira fez parte da Expedição Roncador Xingu, patrocinada pela Coordenação da Mobilização Econômica. Ao chegar àquela região do Xingu, conheceu a lenda da lagoa Miararré. "Na época — diz o professor Passos Oliveira — o cacique era Tamapu, pai de Tucumã. Constantemente Tamapu repetia a lenda, mas receava me levar à lagoa. Dizia ser impossível chegarmos até ela. Quando Orlando Villas Boas esteve no Posto Leonardo, Tucumã já era o chefe dos Kamayurá. O cacique mergulhou na lagoa de Miararré, trouxe algumas cerâmicas e as ofereceu ao indianista. Como desde 1939 eu colecionava cerâmica indígena a fim de montar um museu, tive grande interesse por esse episódio."

SEGUE



Reportagem de Marlene Anna Galeazzi  
Fotos de Rolnan Pimenta

Os Kamayurá ainda trazem do fundo da lagoa Miararré cacos de cerâmicas, possivelmente milenares. O professor e arqueólogo Acary de Passos Oliveira (à dir.) foi o primeiro a pesquisar no local, a coletar e divulgar peças dessa estranha cerâmica.

## Museu fará pesquisas no Parque Xingu

Uma equipe do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, vai, este mês, ao Parque Nacional do Xingu, realizar pesquisas arqueológicas na Lagoa de Miarraré, a lagoa sagrada dos Kamayurá. No início do ano passado, o professor Acary de Passos Oliveira, diretor do Museu Antropológico, lá esteve e obteve daquela tribo fragmentos de objetos de cerâmica semelhante à tapajônica e santarânica, mas completamente diferente da de todos os povos que habitam aquela região matogrossense. O professor Acary Oliveira participará, como observador da UFGO. do VII Congresso Interamericano, de 7 a 12 do corrente, em Brasília, partindo, a seguir acompanhado de dois assistentes, para o Xingu.

### A LAGOA SAGRADA

Os primeiros fragmentos foram entregues ao Diretor do Museu Antropológico pelo cacique Tucumã e haviam sido retirados do fundo da Miarraré por mergulhadores da tribo. Hoje, estão na Guanabara, sendo estudados por peritos do Museu Nacional.

Numa segunda viagem ao Parque, o professor Acary Oliveira, sertanista há mais de 30 anos, conseguiu convencer Tucumã a levá-lo à lagoa sagrada, que fica próxima das águas, a uma profundidade de quase dois metros, dois peixes mergulhou e retirou das águas, a uma profundidade de quase dois metros, dois peixes de cerâmica — um pacu e um piau — e outros pedaços de cerâmica trabalhada. Somente o pajé pôde tocá-los e, para serem fotografados, foram amarrados por ele a um pau. Após, o feiticeiro os devolveu à lagoa.

## Acary vai à Lagôa Ipavú

O professor e sertanista Acary de Passos Oliveira, Coordenador do Museu Antropológico de Goiás, revelou que deverá empreender pròximamente pesquisas arqueológicas na Lagôa de Ipavú, no Estado de Mato Grosso, na área do Parque Indígena do Xingú.

Dêsse local, como se sabe, já foram retirados fragmentos de cerâmica cuja técnica de fabricação é completamente estranha, sem semelhança com as demais da região.

Por outro lado, o Professor Acary, de acôrdo com o seu plano de atividades para o corrente ano, à frente do museu, dará prosseguimento nos próximos meses à coleta de material etnográfico para o seu acêrvo nas seguintes áreas: Índios Gerotire, Kubên-Krân-Kegn, Kubên-Kokre (no Pará); Índios Nhambiquara, Parecí, Arara, Gavião e Suruí (Mato Grosso e Rondônia); e Índios Bororó e Xavante (Mato Grosso).

"FOLHA DE GOIÁS"

ACARY PESQUISA ILHA \*DO BANANAL E XINGU

A Ilha do Bananal e o Parque Nacional do Xingu continuam sendo pesquisados pelo Prof. Acary Passos, Diretor do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás. Em suas últimas viagens a estes grandes depósitos de artesanato indígena, foram coletados 123 peças de cerâmica Karajá. Da Ilha do Bananal, onde encontrou peças e vestígios de três grandes cemitérios indígenas, o Prof. Acary trouxe três urnas funerárias de cerâmica. Explicou o Professor que os Karajás quando sepultavam seus mortos usavam o mesmo processo que os civilizados, mas depois de decorrido aproximadamente um ano, os ossos eram exumados e colocados dentro da urna funerária para o sepultamento definitivo.

LAGOA NIARARÉ

A Lagoa Niararé, lugar sagrado para as tribos xinguanas, foi um dos locais mais importantes pesquisados pelo Prof. Acary em sua última viagem. Em suas idas anteriores ao Xingu já haviam sido encontrados fragmentos de cerâmica que vieram juntar-se às últimas peças coletadas, possibilitando a reconstituição dos objetos, o que poderá dar resposta a uma série de indagações.

Do Xingu foram trazidas peças em palha, destacando-se máscaras e vestimentas usadas pelas tribos xinguanas para realizar as cerimônias de cura, quando julgam estar o enfermo apossado do diabo (Anhagun), explicou o Professor. Estas cerimônias afugentam o mau espírito.

"O índio continua sendo sempre novo em suas lendas, crenças, rituais, e mais um vez ele contribuiu com alguma coisa nova" - disse Acary.

ANTROPOLOGIA

A Universidade Federal de Goiás, através do Museu Antropológico, pretende fazer até o final do ano uma completa cobertura da área de arqueologia. Já está confirmada a vinda do Prof. Igor Chimys, Diretor do Centro de Pesquisa Arqueológica da Universidade Federal do Paraná, que, na 2ª quinzena de novembro, dará uma série de conferências e um curso intensivo sobre "Arqueologia Brasileira".

Por sua vez, o Prof. Ignácio Shsmitz, Titular de Antropologia e Etnografia do Rio Grande do Sul, deverá realizar pesquisas em Goiás em convênio da UFGO, com a finalidade de criar uma cronologia inicial dos grupos pré-históricos.

\*Contribuição de Maria Conceição Cunha - 3º ano de Jornalismo da UFGO

Anexo 03 – Livro de Inventário do Museu Antropológico: Coleção da Lagoa Miararré  
(83.14)

99

Nºº INVENTÁRIO	REG. ANUAL	REG. GERAL	OBJETO	ORIGEM	QUANT.
83.12.0009	0410	3536	Cenípede	Marajoara	3483
83.12.0010	0411	3537	Cenípede	Marajoara	3484
83.12.0011	0412	3538	Cenípede	Marajoara	3485
83.12.0012	0413	3539	Tigela	Marajoara	3486
83.12.0013	0414	3540	Tigela	Marajoara	3487
83.12.0014	0415	3541	Vaso	Marajoara	3488
83.12.0015	0416	3542	Igaçaba	Santarém	3489
83.12.0016	0417	3543	Ídolo de barro	Santarém	3490
83.12.0017	0418	3544	Cachimbo	Santarém	3491
83.12.0018	0419	3545	Apito	Santarém	3492 <sup>2011/2011</sup>
83.12.0019	0420	3546	Vaso zoomorfo	Santarém	3493
83.13.0001	0421	3547	Cofre zoomorfo	Kadiwéu	3494
83.13.0002	0422	3548	Animal	Kadiwéu	3495
83.14.0001	0423	3549	Cerâmica zoomorfa	Lagoa Miararré	3496 <sup>2013</sup>
83.14.0002	0424	3550	Cerâmica antropomorfa	L. Miararré-Xingu	3497 <sup>2013</sup>
83.14.0003	0425	3551	Cerâmica antropomorfa	L. Miararré-Xingu	3498 <sup>2013</sup>
83.14.0004	0426	3552	Cerâmica antropomorfa	L. Miararré-Xingu	3499 <sup>2013</sup>
83.14.0005	0427	3553	Cerâmica antropomorfa	L. Miararré-Xingu	3500 <sup>2013</sup>
83.14.0006	0428	3554	Cerâm. zoomorfa (raia)	L. Miararré-Xingu	3501 <sup>2013</sup>
83.14.0007	0429	3555	Cerâm. zoomorfa (ave)	L. Miararré-Xingu	3502 <sup>2013</sup>
83.14.0008	0430	3556	Cerâmica antropomorfa	L. Miararré-Xingu	3503 <sup>2013</sup>
83.14.0009	0431	3557	Cerâmica zoomorfa	L. Miararré-Xingu	3504 <sup>2013</sup>
83.14.0010	0432	3558	Peixe estiliz. em cerâm.	L. Miararré-Xingu	3505 <sup>2013</sup>
83.14.0001	0433	3559	Peça cerâm. antropomorfa	L. Miararré-Xingu	3506 <sup>2013</sup>
83.14.0012	0434	3560	Fragmtº de cerâmica	L. Miararré-Xingu	3507 <sup>2013</sup>
83.14.0013	0435	3561	Fragmtº de cerâmica	L. Miararré-Xingu	3508 <sup>2013</sup>
83.14.0014	0436	3562	Cerâmica zoomorfa (ave)	L. Miararré-Xingu	3509 <sup>2013</sup>
83.14.0015	0437	3563	Frag. Cerâm. (alça/vaso)	L. Miararré-Xingu	3510 <sup>2013</sup>
83.14.0016	0438	3564	Fragmtº de cerâmica	L. Miararré-Xingu	3511 <sup>2013</sup>
83.14.0017	0439	3565	Cer. zoomorfa modelada	L. Miararré-Xingu	3512 <sup>2013</sup>
83.14.0018	0440	3566	Cerâmica zoomorfa	L. Miararré-Xingu	3513 <sup>2013</sup>
83.14.0019	0441	3567	Cerâmica zoomorfa	L. Miararré-Xingu	3514 <sup>2013</sup>
83.14.0020	0442	3568	Cerâmica indefinida	L. Miararré-Xingu	3515 <sup>2013</sup>
83.14.0021	0443	3569	Cer. c/forma indefinida	L. Miararré-Xingu	3516 <sup>2013</sup>
83.14.0022	0444	3570	Cerâmica zoomorfa (raia)	L. Miararré-Xingu	3517 <sup>2013</sup>
83.14.0023	0445	3571	Cerâmica zoomorfa	L. Miararré-Xingu	3518 <sup>2013</sup>

100

Nº INVENTÁRIO	REG. ANUAL	REG. GERAL	OBJETO	ORIGEM	QUANT.
52015 83.14.0024	0446	3572	Cerâmica zoomorfa	L. Miararré-Xingu	3519 <sup>2013</sup>
72015 83.14.0025	0447	3573	Cerâmica zoomorfa	L. Miararré-Xingu	3520 <sup>2013</sup>
22015 83.14.0026	0448	3574	Cerâmica zoomorfa	L. Miararré-Xingu	3521 <sup>2013</sup>
72015 83.14.0027	0449	3575	Cerâmica zoomorfa	L. Miararré-Xingu	3522 <sup>2013</sup>
92015 83.14.0028	0450	3576	Cerâmica antropomorfa	L. Miararré-Xingu	3523 <sup>2013</sup>
22015 83.14.0029	0451	3577	Cer. zoom. ou antrop.	L. Miararré-Xingu	3524 <sup>2013</sup>
12015 83.14.0030	0452	3578	Cer. zoom. ou antrop. c/ duas cabeças	L. Miararré-Xingu	3525 <sup>2013</sup>
12015 83.14.0031	0453	3579	Fragmtº de cer.decorado	L. Miararré-Xingu	3526 <sup>2013</sup>
12015 83.14.0032	0454	3580	Fragmtº de cer.decorado	L. Miararré-Xingu	3527 <sup>2013</sup>
12015 83.14.0033	0455	3581	Fragmtº de cer.decorado	L. Miararré-Xingu	3528 <sup>2013</sup>
12015 83.14.0034	0456	3582	Fragmtº de cer.decorado	L. Miararré-Xingu	3529 <sup>2013</sup>
12015 83.14.0035	0457	3583	Fragmtº de cer.decorado	L. Miararré-Xingu	3530 <sup>2013</sup>
12015 83.14.0036	0458	3584	Fragmtº de cerâmica	L. Miararré-Xingu	3531 <sup>2013</sup>
22015 83.14.0037	0459	3585	Fragmtº de cerâmica	L. Miararré-Xingu	3532 <sup>2013</sup>
12015 83.14.0038	0460	3586	Fragmtº de cer.grande	L. Miararré-Xingu	3533 <sup>2013</sup>
72015 83.14.0039	0461	3587	Fragmtº de cer.decorado	L. Miararré-Xingu	3534 <sup>2013</sup>
83.15.0000	0462	3588	Tembetá	Karajá	3535
83.15.0002	0463	3589	Tembetá	Karajá	3536
12015 83.04.0002	0004	3590	Espanador	Xavante	3537 <sup>2013</sup>
12015 84.01.0002	0002	3591	Cocar	Xavante	3538 <sup>2012</sup>
12015 84.01.0003	0003	3592	Cesta	Xavante	3539
12015 84.01.0004	0004	3593	Borduna	Xavante	3540 <sup>2012</sup>
85.01.0001	0001	3594	Roda de fiar (#)	Pirinópolis	3541
85.01.0002	0002	3595	Roda de fiar	Carmo Paraíba-Go	3542
85.01.0003	0003	3596	Par de cardas	Goiânia	3543
85.01.0004	0004	3597	Arco ou bodoque	Goiânia	3544
85.01.0005	0005	3598	Fuso médio	S. José -Piauí	3545
85.01.0006	0006	3599	Fuso grande	Stª.Rita-GO	3546
85.01.0007	0007	3600	Cadeira	Porto Nacional	3547
85.01.0008	0008	3601	Fuso médio	Goiás-GO	3548
85.01.0009	0009	3602	Penca 3 novelos brancos	Hidrolândia	3549
85.01.0000	0010	3603	Col.Ferro velho	Hidrolândia	3550
85.01.0011	0011	3604	Jacá médio	Hidrolândia	3551
85.01.0012	0012	3605	Jacá médio	Hidrolândia	3552
85.01.0013	0013	3606	Saco c/alg.brancos	Hidrolândia	3553

**Anexo 04 – Análise das Imagens e Fotografias das publicações da Lagoa Miararré (OLIVEIRA & SIMONSEN, 1976; e OLIVEIRA & SIMONSEN, 1980).**

**Dados Gerais**

COLEÇÃO	Nº OBJETO	REGISTRO		DATA DA PUBLICAÇÃO	
MUSEU ANTROPOLÓGICO	NÃO LOCALIZADO	DESENHO	-	1976	
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.02	-	FOTRAFIA	-	1980
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.03	-	FOTRAFIA	-	1980
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.05	-	FOTRAFIA	-	1980
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.06	DESENHO	FOTRAFIA	-	1980
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.10	DESENHO	FOTRAFIA	1976	-
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.11	DESENHO	FOTRAFIA	1976	1980
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.12	DESENHO	FOTRAFIA	1976	-
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.13	DESENHO	FOTRAFIA	1976	1980
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.14	DESENHO	FOTRAFIA	1976	1980
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.15	DESENHO	-	1976	-
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.16	DESENHO	-	1976	1980
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.17	DESENHO	-	1976	-
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.19	DESENHO	-	-	1980
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.21	DESENHO	-	-	1980
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.22	-	FOTRAFIA	-	1980
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.23	DESENHO	-	1976	1980
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.31	DESENHO	-	1976	-
MUSEU ANTROPOLÓGICO	83.14.39	-	FOTRAFIA	-	1980
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	1980
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	1980
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	1980
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	-
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	-
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	-
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	-
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	-
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	1980
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	1980
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	-
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	-
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	-
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	-
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	-
ORLANDO VILLAS BOAS	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	FOTRAFIA	1976	-
SR SIDNEY	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	-	1976	-
SR SIDNEY	SEM NUMERAÇÃO	DESENHO	-	1976	-



### Comparação das Imagens

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

**Identificado como: 83.14.02**

Publicação 1980:  
Modelos Etnográficos  
Aplicados à Cerâmica  
de Miararré



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.75)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

**Identificado como: 83.14.03**

Publicação 1980:  
Modelos Etnográficos Aplicados à Cerâmica de  
Miararré



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.77)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

**Identificado como: 83.14.05**

Publicação 1980:  
Modelos Etnográficos Aplicados à Cerâmica de  
Miararré

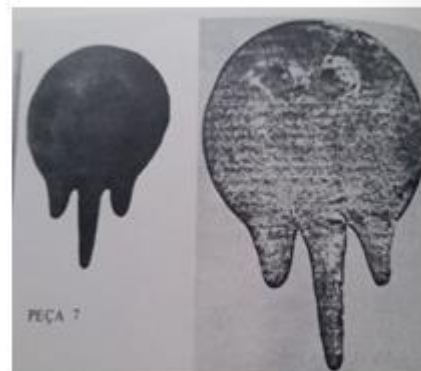


(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.81)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

**Identificado como: 83.14.05**

Publicação 1980:  
Modelos Etnográficos  
Aplicados à Cerâmica  
de Miararré

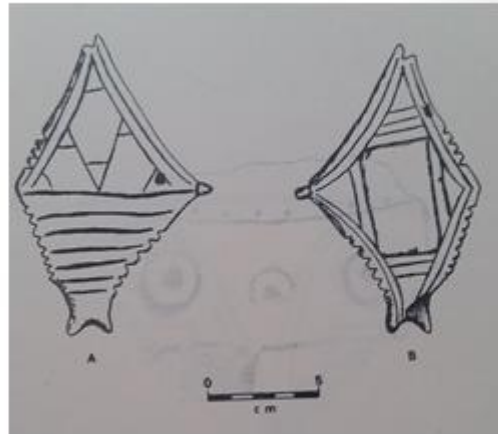


(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.78)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

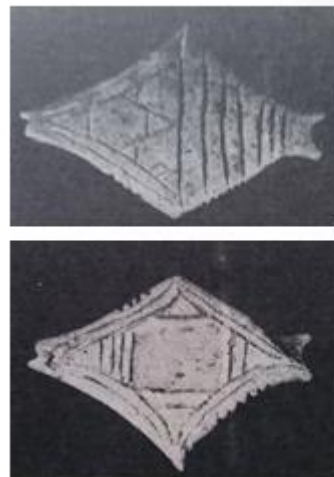
**Identificado como: 83.14.10**

Publicação 1976:  
Cerâmica da  
Lagoa Miararré  
(Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p.25)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa  
Miararré (Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 57)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico****Identificado como: 83.14.11**

Publicação 1976:  
Cerâmica da  
Lagoa Miararré  
(Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 26)

Publicação 1976:  
Cerâmica da  
Lagoa Miararré  
(Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 57)

Publicação 1980:  
Modelos  
Etnográficos  
Aplicados à Cerâmica  
de Miararré

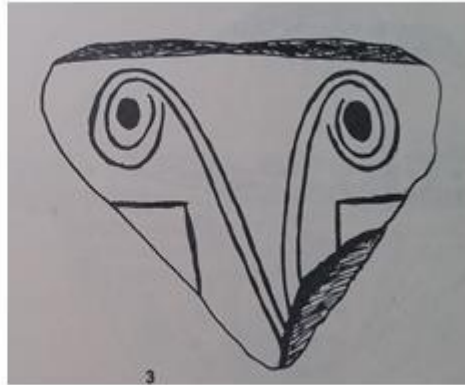


(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p. 80)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

**Identificado como: 83.14.12**

Publicação 1976:  
Cerâmica da  
Lagoa Miararré  
(Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 27)

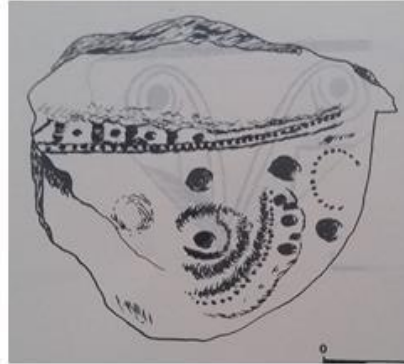
Publicação 1976:  
Cerâmica da  
Lagoa Miararré  
(Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 58)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico****Identificado como: 83.14.13**

Publicação 1976:  
Cerâmica da  
Lagoa Mirarré  
(Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 28)

Publicação 1976:  
Cerâmica da  
Lagoa Mirarré  
(Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 58)

Publicação 1980:  
Modelos Etnográficos  
Aplicados à Cerâmica  
de Mirarré



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p. 83)

## Objeto da Coleção do Museu Antropológico

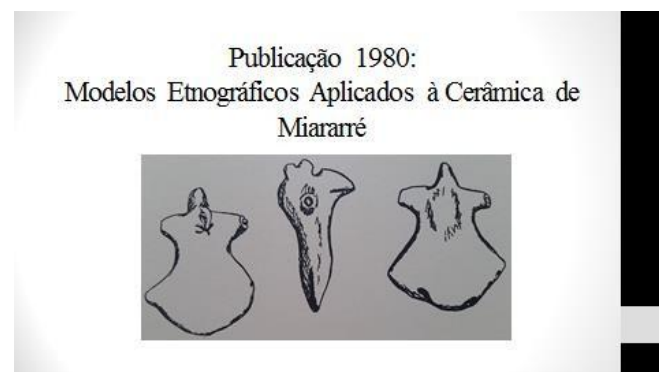
Identificado como: 83.14.14



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 32)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 58)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p. 76)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

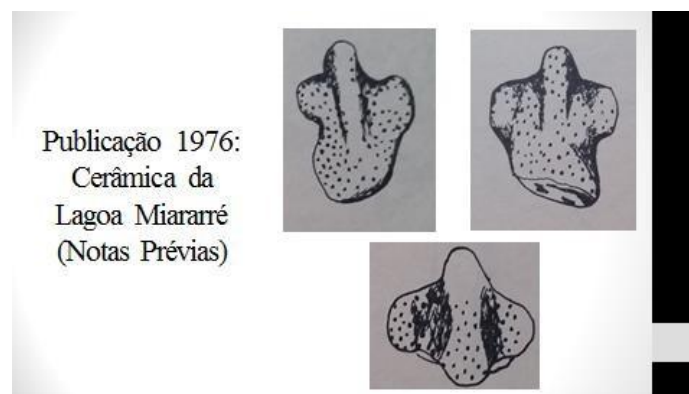
**Identificado como: 83.14.15**



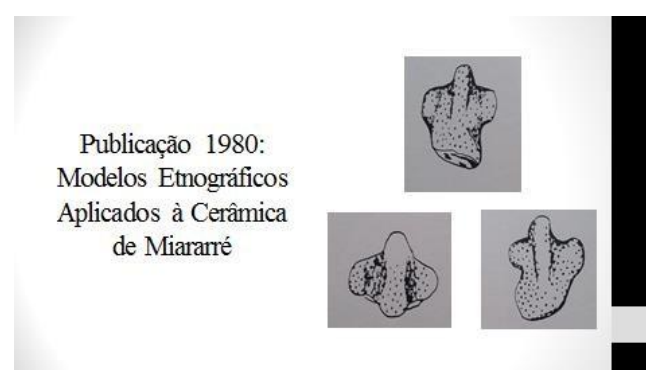
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p. 33)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

**Identificado como 83.15.16**



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 31)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p. 78)



**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

**Identificado como: 83.14.17**

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Miararré (Notas Prévias)

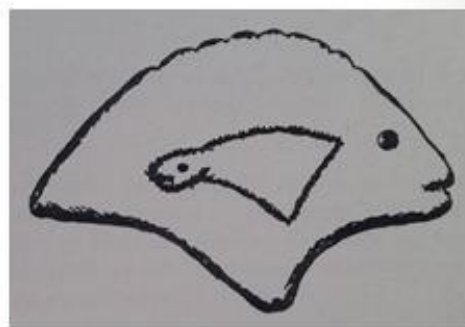


(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 50)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

**Identificado como: 83.14.19**

Publicação 1980:  
Modelos  
Etnográficos  
Aplicados à Cerâmica  
de Miararré



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.85)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

**Identificado como: 83.14.21**

Publicação 1980:  
Modelos Etnográficos Aplicados à Cerâmica de  
Miararré



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.85)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

**Identificado como: 83.14.22**

Publicação 1980:  
Modelos  
Etnográficos  
Aplicados à Cerâmica  
de Miararré



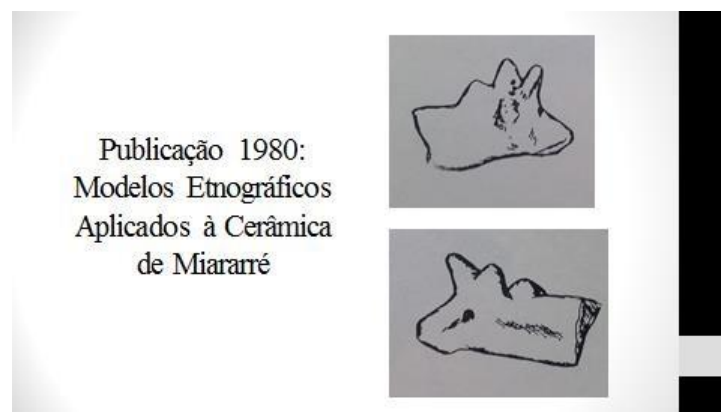
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.83)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

**Identificado como: 83.14.23**



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p.30)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.84)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

**Identificado como: 83.14.31**



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p.34)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

**Identificado como: 83.14.39**

Publicação 1980:  
Modelos  
Etnográficos  
Aplicados à  
Cerâmica de  
Miararré



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.79)

**Objeto da Coleção do Museu Antropológico**

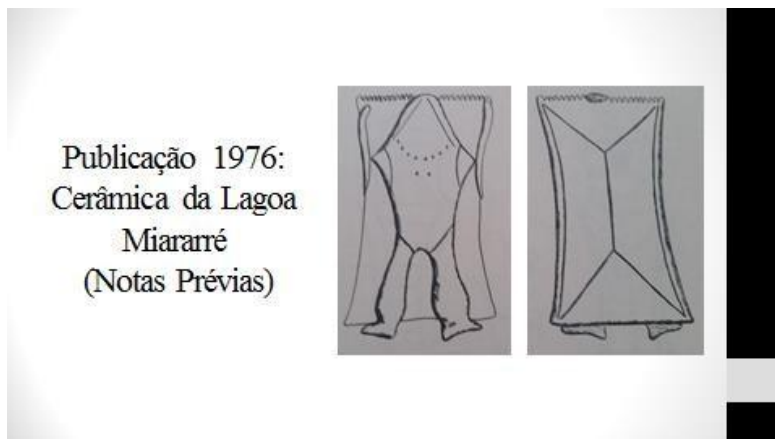
**Não Localizado**

Publicação 1976:  
Cerâmica da  
Lagoa Miararré  
(Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p.29)

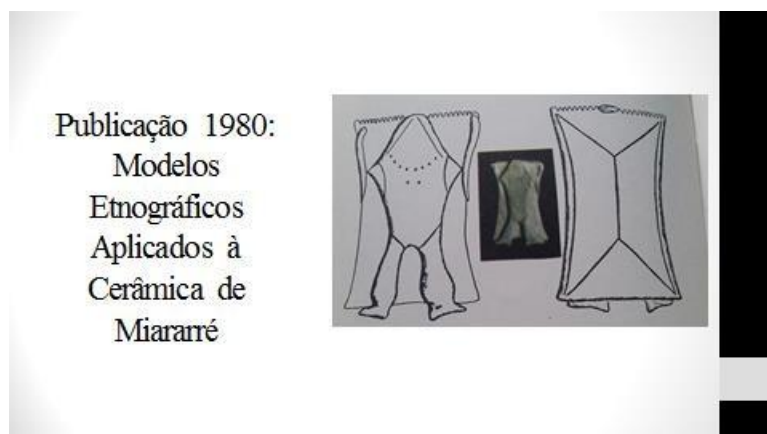
### Objetos da Coleção Orlando Villas Boas



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 35)

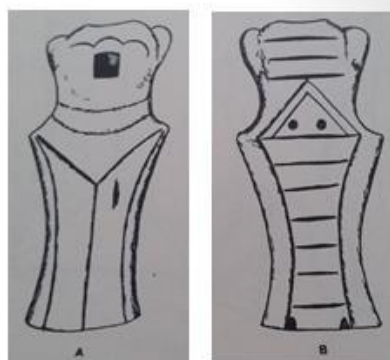


(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 59)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.80)

Publicação 1976:  
Cerâmica da  
Lagoa Mirarré  
(Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 36)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



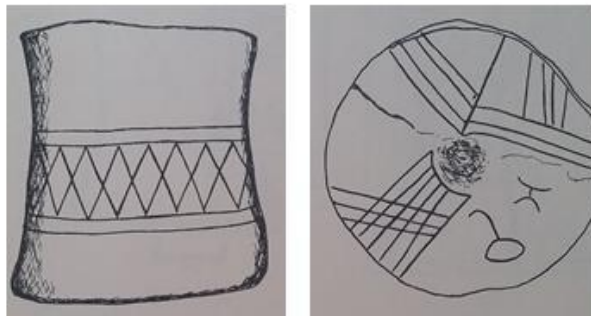
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 59)

Publicação 1980:  
Modelos  
Etnográficos  
Aplicados à  
Cerâmica de  
Mirarré



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.76)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



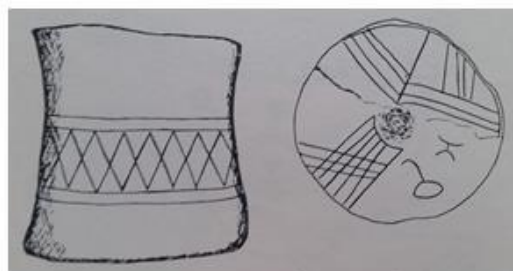
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 37)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 60)

Publicação 1980:  
Modelos Etnográficos Aplicados à Cerâmica de  
Mirarré



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.84)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa  
Miararré (Notas  
Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 38)

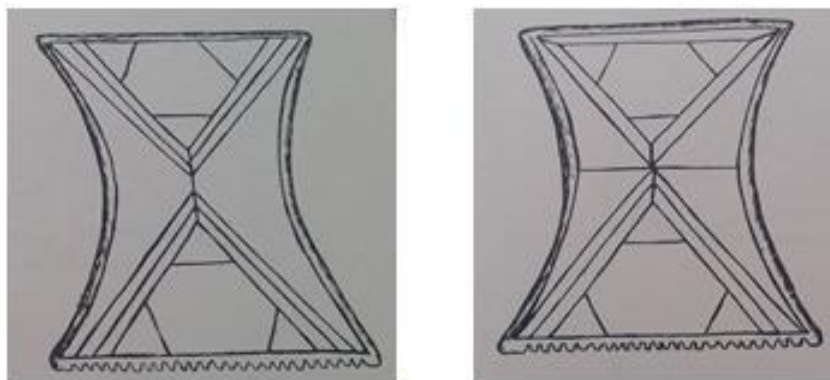
Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa  
Miararré (Notas  
Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p.60)



Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



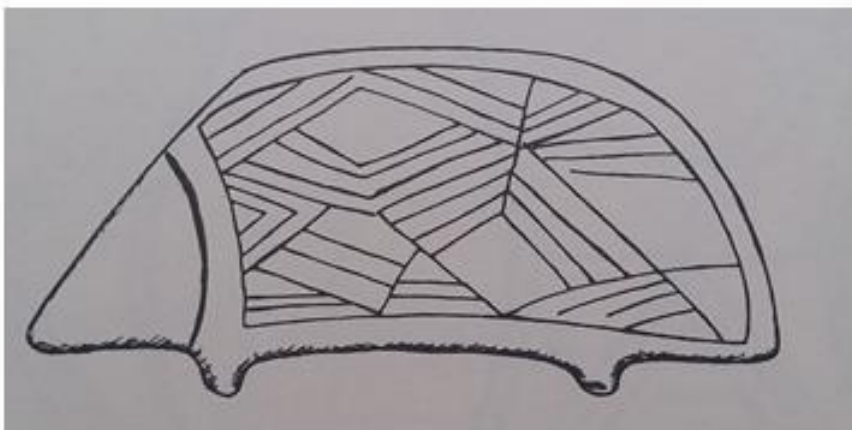
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 39)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



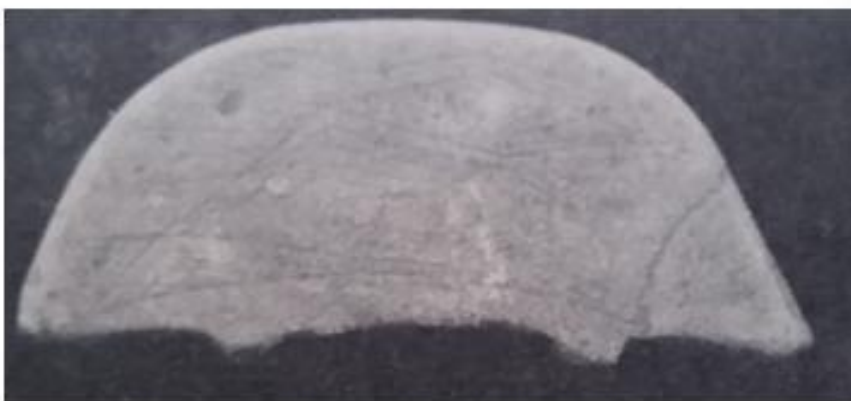
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 60)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 40)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 64)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa  
Miararré (Notas  
Prévias)



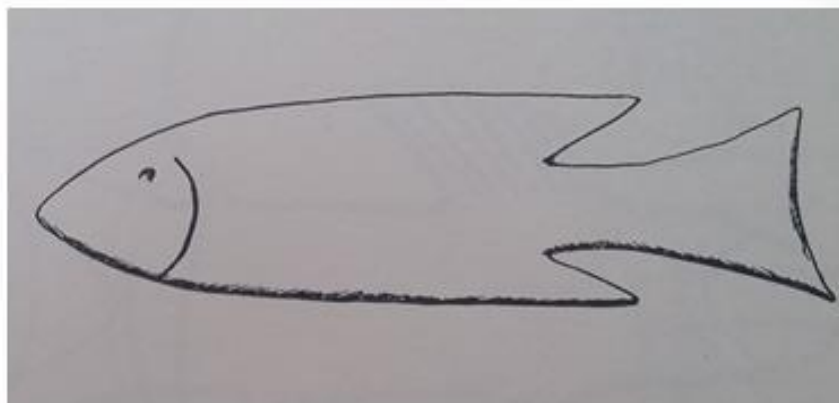
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 49)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Miararré (Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 64)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Miararré (Notas Prévias)



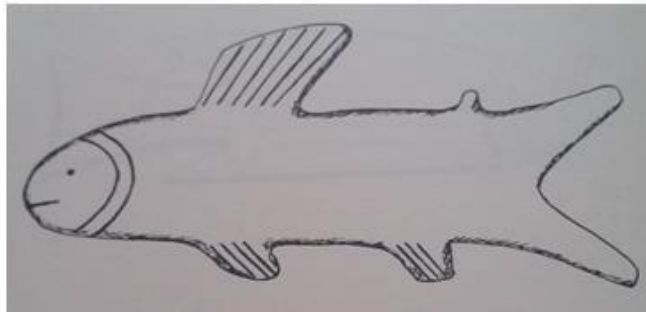
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 41)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Miararré (Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 61)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



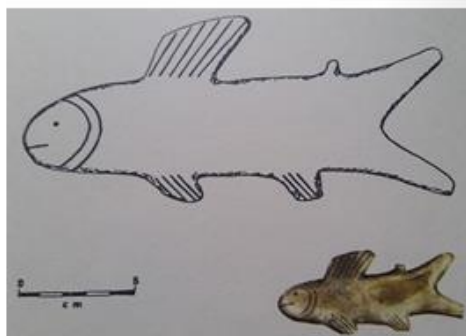
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 42)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



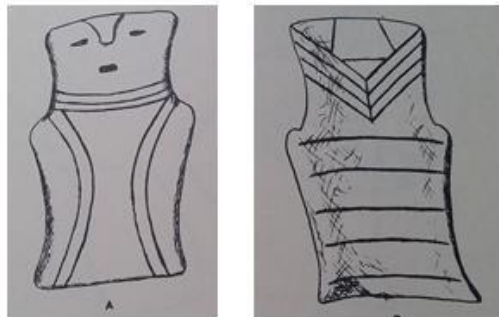
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 61)

Publicação 1980:  
Modelos  
Etnográficos  
Aplicados à  
Cerâmica de  
Mirarré



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.74)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 43)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 61)

Publicação 1980:  
Modelos Etnográficos Aplicados à Cerâmica de  
Mirarré



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.74)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Miararré (Notas Prévias)



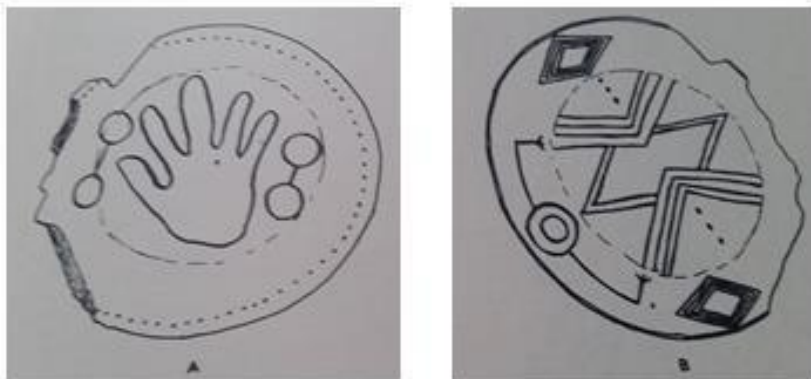
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 44)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Miararré (Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 62)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 45)

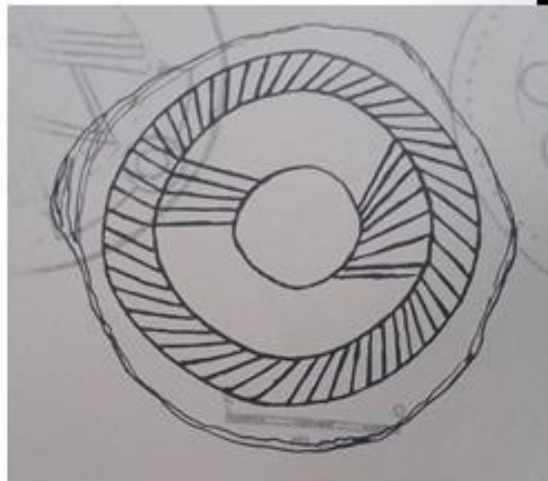
Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 62)



Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa  
Miararré (Notas  
Prévias)



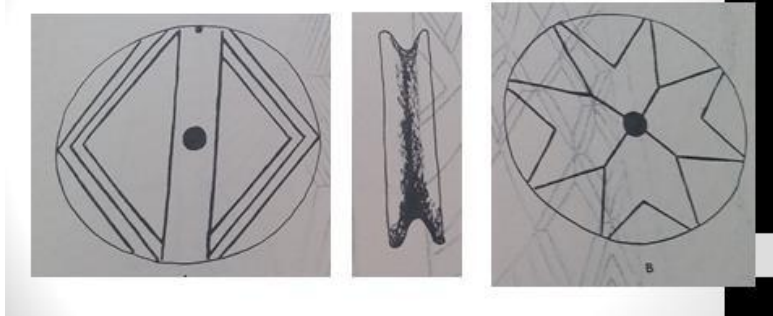
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 46)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa  
Miararré (Notas  
Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 63)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



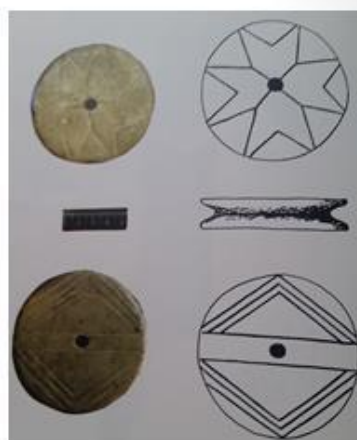
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 47)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Mirarré (Notas Prévias)



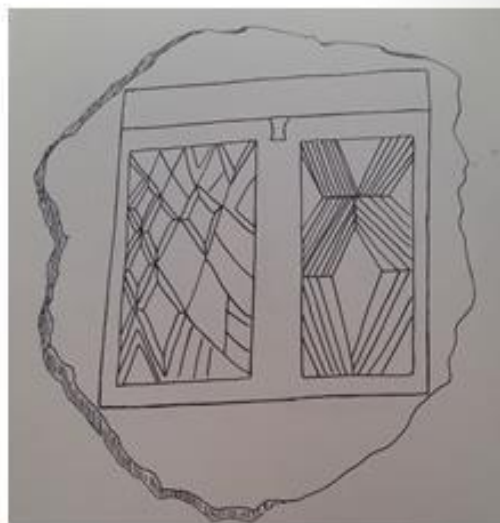
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 63)

Publicação 1980:  
Modelos Etnográficos  
Aplicados à Cerâmica  
de Mirarré



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1980 p.82)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa  
Miararré (Notas  
Prévias)



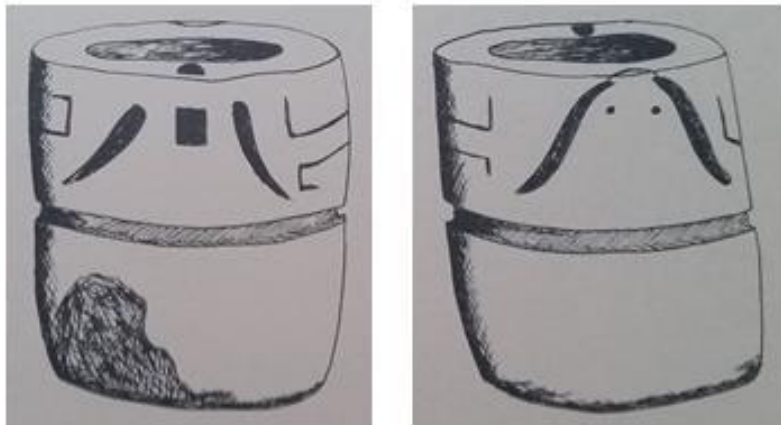
(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 48)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa  
Miararré (Notas  
Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 65)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Miararré (Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 53)

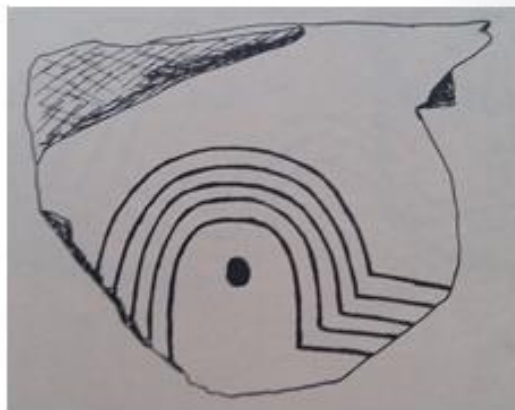
Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa  
Miararré (Notas  
Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 65)

### Objetos da Coleção Sr. Sidney

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa  
Miararré (Notas  
Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 51)

Publicação 1976:  
Cerâmica da Lagoa Miararré (Notas Prévias)



(SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976 p. 52)

**Anexo 05 – Fichas de Datos Arqueológicos**

Nº Inventário/ Registro	83.14.03
Objeto	Figura híbrida (Antropomorfa e Zoomorfa)

5.1 Números anteriores		5.2 Inventário	
1.1. Geral	3551	2.1. Volume	1
1.2. Anual	0425	2.2. Páginas	99
1.3. Antigo	-	2.3. Objeto	Cerâmica antropomorfa
		2.4. Origem	Lagoa Miararré - Xingu
		2.5. Quantidade	3498

5.3 Aquisição	
3.1. Data	-
3.2. Modo de aquisição	Coleta
3.3. Equipe	Coordenada por Acary de Passos Oliveira/ Desconhecem-se os outros membros

5.4 Origem	
4.1. Estado	Mato Grosso
4.2. Município	Paranatinga
4.3. Região (segundo Carta Arqueológica de Goiás)	-
4.4. Área (segundo Carta Arqueológica de Goiás)	-
4.5. Nome do Sítio	“Lagoa das Onças” ou “Miarrahe” (IPHAN)
4.6. Sigla no CNSA	MT - 00101
4.7. Outras denominações ou siglas	MT – FX – 008
4.8. Coordenadas geográfica/ UTM	-
4.9. Contexto arqueológico	Provavelmente fundo da lagoa

5.5 Documentação comprobatória
Ver subprojeto Acary dirigido pela Prof. <sup>a</sup> Camila Wichers

<b>6. Associação étnica</b>	
6.1. Povo indígena:	Kamaiurá (identificação e coleta); Waurá (possível associação para produção).
6.2. Língua falada:	
6.3. Família linguística:	
6.4. Tronco linguístico:	

<b>7. Descrição Técnica</b>	
7.1. Matéria Prima	Cerâmica
7.2. Categoria	Figura
7.3. Subcategoria	Cerâmica Indígena
7.4. Objeto	Figura Híbrida (Antropomorfa e Zoomorfa)
<b>7.5. Pasta</b>	
7.5.1. Antiplástico	Mineral, cauxi (abundante e predominante), presença de carvão
7.5.2. Espessura do Antiplástico	Fina
7.5.3. Frequência do Antiplástico	Tipo 2 de Orton
7.6. Técnica de construção	Modelado
7.7. Técnica de acabamento de superfície	Lixamento e alisamento
7.8. Técnica de queima	Sem presença de secção transversal, com queima homogênea de cor acinzentada.
<b>7.9. Decoração</b>	
7.9.1. Incisa	-
7.9.2. Ponteadada	-
7.9.3. Entalhada	-
7.9.4. Aplicada/ Excisa	-
7.9.5. Outras	-
7.9.6. Motivos da decoração	-
<b>7.10 Dimensões</b>	
7.10.1. Altura (cm)	20,3 cm
7.10.2. Largura (cm)	5,9 cm
7.10.3. Comprimento (cm)	-
7.10.4. Espessura (cm)	Corpo: 3,4 cm / Com falo: 5,5 cm
7.10.5. Espessura do lábio (cm)	-
7.10.6. Diâmetro de boca (cm)	-
7.10.7. Diâmetro máximo (cm)	-
7.10.8. Diâmetro de base (cm)	-



8. Forma:	<p>Figura Híbrida (Zoomorfo e Antropomorfo), com cabeça (zona distal), tronco (zona mesial) e membros (zona proximal).</p> <p><b>Verso:</b> Zona distal: cabeça arredondada (aplanada no reverso), com demarcação de olhos, nariz, boca e orelhas. Os olhos são incisos com sobrancelhas proeminentes e marcas do franzido da testa. Nariz proeminente com demarcação das narinas por dois pontos (entalhados?). Boca formada por duas linhas incisas em forma de V invertido. Orelhas em ambos os lados da cabeça (repuxado/aplicado ?) marcadas no perfil interno por linha incisa. Zona mesial: Tronco em forma cilíndrica com representação da clavícula, do perfil inferior da costela e do umbigo com repuxado?. Apresenta representação de membros superiores estilizados/ indicação dos membros superiores. Zona proximal: representação do falo (pênis e testículos) e vestígios dos membros inferiores estilizados (pernas?) na lateral (arqueadas)</p> <p><b>Reverso:</b> Zona mesial: demarcação da clavícula com repuxado. Zona proximal: demarcação do glúteo com repuxado.</p>
9. Função	Votiva / Ritual
10. Descrição	<p>Peça de cerâmica; figura híbrida (zoomorfo e antropomorfo), com cabeça, tronco e membros superiores e inferiores. Pasta com antiplástico mineral, cauxi e presença de carvão, com espessura fina e frequência dois. Peça modelada, seguido de lixamento. Sem presença de secção transversal, com queima homogênea de cor acinzentada.</p>

### 11. Documentação Fotográfica



### 12. Desenhos



**13. Observações**

Peça com fraturas antigas na zona proximal (membros inferiores) com ausência do membro direito. Fraturas em toda a peça, sobretudo na cabeça (zona distal) com algumas colagens/restauros antigos. Falo fraturado e colado. Em toda a peça fraturas decorrentes do processo de modelagem.

Data de Preenchimento	05/04/2017
Responsável pelo Preenchimento	Karolyn Soledad e Marwa Abdelhamid

Nº Inventário/ Registro	83.14.10
Objeto	Figura Zoomorfa (peixe)

1. Números anteriores		2. Inventário	
1.1. Geral	3558	2.1. Volume	1
1.2. Anual	0432	2.2. Páginas	99
1.3. Antigo	-	2.3. Objeto	Peixe estiliz. em cerâmica
		2.4. Origem	Lagoa Mirarré - Xingu
		2.5. Quantidade	3505

3. Aquisição	
3.1. Data	-
3.2. Modo de aquisição	Coleta
3.3. Equipe	Coordenada por Acary de Passos Oliveira/ Desconhecem-se os outros membros

4. Origem	
4.1. Estado	Mato Grosso
4.2. Município	Paranatinga
4.3. Região (segundo Carta Arqueológica de Goiás)	-
4.4. Área (segundo Carta Arqueológica de Goiás)	-
4.5. Nome do Sítio	"Lagoa das Onças" ou "Miarrahe" (IPHAN)
4.6. Sigla no CNSA	MT - 00101
4.7. Outras denominações ou siglas	MT – FX – 008
4.8. Coordenadas geográfica/ UTM	-
4.9. Contexto arqueológico	Provavelmente fundo da lagoa

5. Documentação comprobatória
Ver subprojeto Acary dirigido pela Prof. <sup>a</sup> Camila Wichers

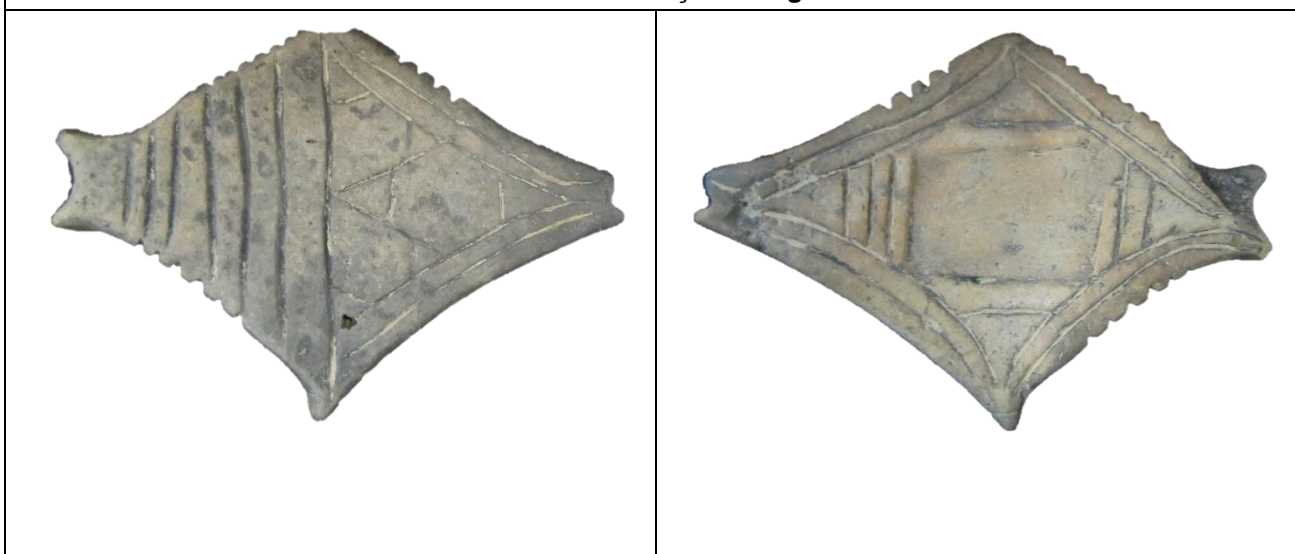
<b>6. Associação étnica</b>	
6.1. Povo indígena:	Kamaiurá (identificação e coleta); Waurá (possível associação para produção).
6.2. Língua falada:	
6.3. Família linguística:	
6.4. Tronco linguístico:	

<b>7. Descrição Técnica</b>	
7.1. Matéria Prima	Cerâmica
7.2. Categoria	Figura
7.3. Subcategoria	Cerâmica Indígena
7.4. Objeto	Figura zoomorfa (peixe) (merechú)
<b>7.5. Pasta</b>	
7.5.1. Antiplástico	Mineral e Cauixi.
7.5.2. Espessura do Antiplástico	1
7.5.3. Frequência do Antiplástico	Tipo 3 de Orton
7.6. Técnica de construção	Provável reaproveitamento de base de recipiente cerâmico.
7.7. Técnica de acabamento de superfície	Raspagem e lixamento.
7.8. Técnica de queima	2
<b>7.9. Decoração</b>	
7.9.1. Incisa	Linhas incisadas no perfil interno em ambos os lados (verso e reverso)
7.9.2. Ponteadada	-
7.9.3. Entalhada	Decoração entalhada no perfil externo da peça com exceção de um dos lados do losango.
7.9.4. Aplicada/ Excisa	-
7.9.5. Outras	-
7.9.6 Motivos da decoração	Em um dos lados do objeto apresenta o contorno de duas linhas incisadas no perfil interior da peça. No interior do campo, apresenta retângulo entalhado. A cada lado do retângulo (no exterior) linhas incisadas (variam de 1 a 3). No outro lado do objeto o campo da peça está dividido em dois. Na metade correspondente a zona da cauda, decoração de linhas verticais incisadas (7). Na zona correspondente a cabeça apresenta decoração de 2 linhas incisadas no perfil interno. No campo apresenta várias linhas incisadas compondo formas triangulares e losangular. No perfil exterior da peça decoração entalhada, com exceção de um lado (zona superior da cabeça), representando possíveis escamas.
<b>7.10 Dimensões</b>	

7.10.1. Altura (cm)	8,7 cm
7.10.2. Largura (cm)	12,8 cm
7.10.3. Comprimento (cm)	-
7.10.4. Espessura (cm)	2,5 cm
7.10.5. Espessura do lábio (cm)	-
7.10.6. Diâmetro de boca (cm)	-
7.10.7. Diâmetro máximo (cm)	-
7.10.8. Diâmetro de base (cm)	-

8. Forma:	Corpo losangular achatado com representação da boca em uma das extremidades, e oposta a ela, a cauda. Apresenta ainda decoração entalhada no perfil exterior, com exceção de um dos lados (zona da cabeça), representando as escamas. Todo perfil externo com exceção de um dos lados é biselado. (isso acontece na espessura da peça)
9. Função	Votiva/ Ritual
10. Descrição	Peça de cerâmica: figura zoomorfa (peixe - merechú) com representação da boca, corpo e cauda além de entalhe no perfil exterior demarcando escamas. Pasta com antiplástico mineral e cauxi, provável reaproveitamento de base de recipiente cerâmico, raspado e lixado. Decoração composta de linhas incisadas no perfil interior da peça (em ambos os lados). Queima tipo 2.

#### 11. Documentação Fotográfica



**12. Desenhos**

**13. Observações**

Pasta com muitas bolhas de ar.

Data de Preenchimento	26/04/2017
Responsável pelo Preenchimento	Karolyn Soledad

Nº Inventário/ Registro	83.14.17
Objeto	Aplique

1. Números anteriores		2. Inventário	
1.1. Geral	8565	2.1 Volume	1
1.2. Anual	0439	2.2 Páginas	99
1.3. Antigo		2.3 Objeto	Cerâmica zoomorfa modelada
		2.4 Origem	Lagoa Miarraré - Xingu
		2.5 Quantidade	3512

3. Aquisição	
3.1 Data	-
3.2 Modo de aquisição	Coleta
3.3 Equipe	Coordenada por Acary de Passos Oliveira/ Desconhecem-se os outros membros

4. Origem	
4. 1 Estado	Mato Grosso
4. 2 Município	Paranatinga
4. 3 Região (segundo Carta Arqueológica de Goiás)	-
4. 4 Área (segundo Carta Arqueológica de Goiás)	-
4. 5 Nome do Sítio	“Lagoa das Onças” ou “Miarrahe” (IPHAN)
4. 6 Sigla no CNSA	MT - 00101
4. 7 Outras denominações ou siglas	MT – FX – 008
4. 8 Coordenadas geográfica/ UTM	-
4. 9 Contexto arqueológico	Provavelmente fundo da lagoa

5. Documentação comprobatória
Ver subprojeto Acary dirigido pela Prof. <sup>a</sup> Camila Wichers

<b>6. Associação étnica</b>	
6.1. Povo indígena:	Kamaiurá (identificação e coleta); Waurá (possível associação para produção).
6.2. Língua falada:	-
6.3. Família linguística:	-
6.4. Tronco linguístico:	-

<b>7. Descrição Técnica</b>	
7.1. Matéria Prima	Cerâmica
7.2. Categoria	Vasilha utilitária
7.3. Subcategoria	Cerâmica Indígena
7.4. Objeto	Aplique
<b>7.5. Pasta</b>	
7.5.1. Antiplástico	Mineral e Cauixi
7.5.2. Espessura do Antiplástico	Fino
7.5.3. Frequência do Antiplástico	Tipo 1
7.6 Técnica de construção	Modelada
7.7. Técnica de acabamento de superfície	-
7.8. Técnica de queima	Tipo 2
<b>7.9 Decoração</b>	
7.9.1. Incisa	-
7.9.2. Ponteadada	Ponteadada
7.9.3. Entalhada	-
7.9.4. Aplicada/ Excisa	Parece ser um fragmento de aplique
7.9.5. Outras	-
7.9.6. Motivos da decoração	Decoração ponteadada disposta de modo circular e aleatória (?)
<b>7.10 Dimensões</b>	
7. 10.1. Altura (cm)	3,4 cm
7.10.2. Largura (cm)	3,2 cm
7.10.3. Comprimento (cm)	3,3 cm
7.10.4. Espessura (cm)	-
7.10.5. Espessura do lábio (cm)	-
7.10.6. Diâmetro de boca (cm)	-



7.10.7. Diâmetro máximo (cm)	-
7.10.8. Diâmetro de base (cm)	-

8. Forma:	Aplique de forma circular. Num dos lados apresenta, forma apontada com decoração ponteadada na ponta e a volta, formando uma circunferência de pontos. Do outro lado, a forma também é apontada, com decoração ponteadada na ponta e dois pontos na base, assemelhando-se à figura de um rosto com olhos e boca.
9. Função	Votiva / Ritual
10. Descrição	Aplique de forma circular e apontada com decoração ponteadada, concebido por modelagem. Antiplástico mineral fino e cauxi. Queima tipo2.

#### 11. Documentação Fotográfica



12. Desenhos

13. Observação
Presença de fuligem na quebra (parece da peça original antes do reuso) assim como no reverso.

Data de Preenchimento	10/05/2017
Responsável pelo Preenchimento	Andreia Torres

Nº Inventário/ Registro	83.14.31
Objeto	Placa Decorada

1. Números anteriores		2. Inventário	
1.1. Geral	3579	2.1. Volume	1
1.2. Anual	0453	2.2. Páginas	100
1.3. Antigo	-	2.3. Objeto	Fragmento de Cerâmica decorado
		2.4. Origem	Lagoa Miarraré - Xingu
		2.5. Quantidade	3526

3. Aquisição	
3.1. Data	-
3.2. Modo de aquisição	Coleta
3.3. Equipe	Coordenada por Acary de Passos Oliveira/ Desconhecem-se os outros membros

4. Origem	
4.1. Estado	Mato Grosso
4.2. Município	Paranatinga
4.3. Região (segundo Carta Arqueológica de Goiás)	-
4.4. Área (segundo Carta Arqueológica de Goiás)	-
4.5. Nome do Sítio	“Lagoa das Onças” ou “Miarrahe” (IPHAN)
4.6. Sigla no CNSA	MT - 00101
4.7. Outras denominações ou siglas	MT – FX – 008
4.8. Coordenadas geográfica/ UTM	-
4.9. Contexto arqueológico	Provavelmente fundo da lagoa

5. Documentação comprobatória
Ver subprojeto Acary dirigido pela Prof. <sup>a</sup> Camila Wichers

<b>6. Associação étnica</b>	
6.1. Povo indígena:	Kamaiurá (identificação e coleta); Waurá (possível associação para produção).
6.2. Língua falada:	
6.3. Família linguística:	
6.4. Tronco linguístico:	

<b>7. Descrição Técnica</b>	
7.1. Matéria Prima	Cerâmica
7.2. Categoria	Placa
7.3. Subcategoria	Cerâmica Indígena
7.4. Objeto	Placa Decorada
<b>7.5. Pasta</b>	
7.5.1. Antiplástico	Mineral ecauxi
7.5.2. Espessura do Antiplástico	Fina (cauxi); Média (mineral)
7.5.3. Frequência do Antiplástico	Tipo 2
7.6. Técnica de construção	Modelada
7.7. Técnica de acabamento de superfície	Alisado
7.8. Técnica de queima	Tipo 2
<b>7.9. Decoração</b>	
7.9.1. Incisa	Três linhas semicirculares e duas radiais
7.9.2. Ponteadas	Um ponto
7.9.3. Entalhada	-
7.9.4. Aplicada/ Excisa	-
7.9.5. Outras	-
7.9.6. Motivos da decoração	Três linhas incisivas semicirculares, duas radiais e um ponto.
<b>7.10 Dimensões</b>	
7.10.1. Altura (cm)	-
7.10.2. Largura (cm)	16,7 cm
7.10.3. Comprimento (cm)	14,3 cm
7.10.4. Espessura (cm)	2,9 cm
7.10.5. Espessura do lábio (cm)	-
7.10.6. Diâmetro de boca (cm)	-
7.10.7. Diâmetro máximo (cm)	-
7.10.8. Diâmetro de base (cm)	-

8. Forma:	Fragmento de placa de forma ligeiramente retangular e fragmentada nas laterais.
9. Função	Votiva (?) / Ritual
10. Descrição	Fragmento de placa modelada de forma ligeiramente retangular e fragmentada nas laterais. Verso grosseiramente alisado com três demarcações semicirculares, duas demarcações radiais e um ponteadado largo e profundo. Reverso irregular com acabamento grosseiro. Antiplásticos cauxi e mineral de frequência 2 e queima 2. Apresenta marcas de vegetação resultantes dos processos pós deposicional.

### 11. Documentação Fotográfica



### 12. Desenhos



### 13. Observações



Data de Preenchimento	21/06/017
Responsável pelo Preenchimento	Thalita Adams

Nº Inventário/ Registro	83.14.35
Objeto	Vasilha

1. Números anteriores		2. Inventário	
1.1. Geral	3583	2.1. Volume	1
1.2. Anual	0457	2.2. Páginas	100
1.3. Antigo		2.3. Objeto	Fragmento de cerâmica decorado
		2.4. Origem	Lagoa Miarraré - Xingu
		2.5. Quantidade	3530

3. Aquisição	
3.1. Data	-
3.2. Modo de aquisição	Coleta
3.3. Equipe	Coordenada por Acary de Passos Oliveira/ Desconhecem-se os outros membros

4. Origem	
4.1. Estado	Mato Grosso
4.2. Município	Paranatinga
4.3. Região (segundo Carta Arqueológica de Goiás)	-
4.4. Área (segundo Carta Arqueológica de Goiás)	-
4.5. Nome do Sítio	"Lagoa das Onças" ou "Miarrahe" (IPHAN)
4.6. Sigla no CNSA	MT - 00101
4.7. Outras denominações ou siglas	MT – FX – 008
4.8. Coordenadas geográfica/ UTM	-
4.9. Contexto arqueológico	Provavelmente fundo da lagoa

5. Documentação comprobatória
Ver subprojeto Acary dirigido pela Prof. <sup>a</sup> Camila Wichers

<b>6. Associação étnica</b>	
6.1. Povo indígena:	Kamaiurá (identificação e coleta); Waurá (possível associação para produção).
6.2. Língua falada:	-
6.3. Família linguística:	-
6.4. Tronco linguístico:	-

<b>7. Descrição Técnica</b>	
7.1. Matéria Prima	Cerâmica
7.2. Categoria	Cerâmica Utilitária Reciclada
7.3. Subcategoria	Cerâmica Indígena
7.4. Objeto	Vasilha
<b>7.5. Pasta</b>	
7.5.1. Antiplástico	Mineral, cauxi e bolotas de argila
7.5.2. Espessura do Antiplástico	Fina para cauxi e média para os demais
7.5.3. Frequência do Antiplástico	2 de Orton para cauxi e 1 de Orton para os demais
7.6. Técnica de construção	Modelada
7.7. Técnica de acabamento de superfície	Alisamento e lixamento grosseiros
7.8. Técnica de queima	4 e 5
<b>7.9. Decoração</b>	
7.9.1. Incisa	Incisões formando grafismos
7.9.2. Ponteadada	-
7.9.3. Entalhada	-
7.9.4. Aplicada/ Excisa	-
7.9.5. Outras	-
7.9.6. Motivos da decoração	5 linhas circulares concêntricas na base, acompanhando o contorno da vasilha, motivo gráfico representando a figura de um peixe.
<b>7.10 Dimensões</b>	
7.10.1. Altura (cm)	Altura da vasilha: 7 cm / Altura do objeto 8,6 cm
7.10.2. Largura (cm)	-
7.10.3. Comprimento (cm)	-
7.10.4. Espessura (cm)	Base: 8cm / Parede: 1cm
7.10.5. Espessura do lábio (cm)	1cm
7.10.6. Diâmetro de boca (cm)	R=17 cm

7.10.7. Diâmetro máximo (cm)	-
7.10.8. Diâmetro de base (cm)	R= 15 cm

8. Forma:	Tigela rasa fragmentada com contorno simples e estrutura geral aberta. Lábio arredondado com presença de aplique, corpo direto e base plana.
9. Função	Marcas de provável uso como panela, reciclagem para provável uso votivo/ ritual posterior
10. Descrição	Tigela rasa fragmentada com presença de antiplástico mineral, cauxi e caco moído, de frequência 1e2 e espessura 1e2, modelada, alisada e lixada de forma grosseira com grafismos na parte externa da base. 5 linhas circulares concêntricas na base, acompanhando o contorno da vasilha. Motivo gráfico localizado ao centro da base representando a figura de um peixe (merechú). Presença de fuligem na lateral e parte interna da vasilha.

### 11. Documentação Fotográfica





12. Desenhos

13. Observação
Fuligem externa nas laterais

Data de Preenchimento	21/06/2017
Responsável pelo Preenchimento	Thalita Adams